

Luiz Alfredo Garcia-Roza

BERENICE PROCURA



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

BERENICE PROCURA



Copyright © 2005 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Projeto gráfico da capa:
João Baptisici da Costa Aguiar

Foto da capa:
Del Pedrosa

Mapa:
Rodrigo Andrade

Preparação:
Maria Cecília Caropreso

Revisão:
Olga Cafalchio
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia-Roza, Luiz Alfredo

Berenice procura / Luiz Alfredo Garcia-Roza. São
Paulo : Companhia das Letras, 2005.

ISBN 85-359-0720-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura brasileira)

2. Romance brasileiro i. Título.

05-7802 COD-86993

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 809-93

2005

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Contra-capa

UM menino de dois anos brinca na praia de Copacabana, sob os olhos vigilantes da babá. Orgulhoso de sua pazinha, resolve investir contra um monte de areia e cava até topar com um corpo.

Perto dali, a taxista Berenice chega a seu ponto na rua Santa Clara. Antes de receber o primeiro passageiro do dia, fica sabendo do assassinato de um travesti. Interessada no episódio, procura manter-se informada das descobertas da polícia. Seu caminho acaba se cruzando com o de um sem-teto que estava na praia no momento do crime. Russo passa as noites numa galeria subterrânea do metrô, e conhece como ninguém a cidade paralela que existe embaixo da irmã maravilhosa.



LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA nasceu em 1936, no Rio de Janeiro. Formado em filosofia e psicologia, foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é autor de oito livros sobre psicanálise e filosofia. Deixou a vida acadêmica para dedicar-se à ficção policial e às investigações do delegado Espinosa, personagem central de quase todas as suas histórias. Seu romance de estréia, *O silêncio da chuva*, recebeu os prêmios Nestlé de Literatura (1996) e Jabuti (1997).

Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras:

Fantasma (2012)

Céu de origamis (2009)

Na multidão (2007)

Espinosa sem saída (2006)

O silêncio da chuva (edição de bolso) (2005)

Berenice procura (2005)

Perseguido (2003)

Uma janela em Copacabana (2001)

Vento sudoeste (1999)

Achados e perdidos (1998)

O silêncio da chuva (1996)



BERENICE PROCURA

O sol ainda estava baixo no horizonte e a manhã de segunda-feira já se anunciava quente. Na praia vazia, de mar sem ondas e ar quase parado, todo o movimento ficava por conta dos atletas matutinos no calçadão da avenida Atlântica e do trânsito de veículos em direção ao centro da cidade. Na areia, ao longe, era possível distinguir um grupo de idosos fazendo ginástica e um ou outro corredor solitário à beira d'água. No mais, até onde a vista podia alcançar, havia apenas o ir e vir de um trator limpando a praia.

Nada daquilo parecia interessar à criança de pouco mais de dois anos que, empunhando uma pá, caminhava pela areia com o olhar atento aos mais pequenos objetos. A cada meia dúzia de passos erráticos o pequeno se agachava para pegar alguma coisa, sob o olhar atento da babá portuguesa. Perto do ponto onde a praia declina mais fortemente em direção à água, a areia ainda conservava um pouco de frescor. Foi onde a babá estendeu uma toalha, fincou diligentemente o pau da barraca, abriu o guarda-sol, retirou da bolsa de plástico um chapéu de pano que colocou na cabeça do menino e, depois de verificar que nada ao redor ameaçava feri-lo, sentou-se vigilante.

Maria da Piedade seguia à risca a recomendação dos patrões de nunca ficar na praia com o menino além das nove da manhã. Pele de criança europeia é mais sensível que pele de criança brasileira, diziam eles; mesmo com cremes protetores, chapéu e camiseta ela sofre mais os efeitos do sol de Copacabana do que uma criança nativa. A própria Maria da Piedade, acostumada na infância aos verões da região do Alentejo, sentia os rigores do verão do Rio. Uma hora de praia com o pequeno era o suficiente,

diziam os patrões. Para desencorajar permanências mais longas, exigiam de Maria da Piedade o uniforme completo: vestido branco, touca, tênis e meia de cano longo branca.

A cada graveto que o pequeno se agachava para pegar, tinha que largar o que estava em sua mão, já que a outra continuava segurando firmemente a pá. Atraído por uma elevação de pouco mais de um palmo, sentou-se sobre ela e, munido da ferramenta de plástico, entregou-se à tarefa de remover a areia. Passado algum tempo, levantou-se e começou a bater a pá com força na areia. A agitação do menino alertou a babá, que percebeu que a areia da elevação já não estava branca. Meio encoberto pela terra havia um pedaço de roupa ou alguma coisa parecida com pelo de animal. Maria da Piedade aguçou o olhar, levantou-se num salto e, com um grunhido rouco, pegou o pequeno no colo e se afastou depressa do local.

Os primeiros policiais a chegar continuaram o trabalho iniciado pelo menino. A blusa fina manchada de sangue deixava à mostra um seio e um ferimento no abdome, logo abaixo das costelas. No rosto bonito, o excesso de pintura não disfarçava a barba que se insinuava sob a camada de maquiagem salpicada de areia.

Maria da Piedade deixara o menino em casa e voltara para falar com os policiais. Não havia muito a relatar além do horror de ver um rosto surgir da areia com que a criança brincava. Com a chegada dos primeiros banhistas, o círculo de curiosos aumentou, e a área foi isolada. Uma senhora teve permissão para estender uma toalha sobre a parte descoberta do cadáver. Em seguida chegaram repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e mais policiais.

Era quase meio-dia quando o corpo do travesti foi removido. Valéria, seu nome de guerra, foi o máximo que os policiais conseguiram obter dos empregados dos quiosques à beira da calçada. Não sabiam seu nome verdadeiro, onde morava e se morava sozinho. Ninguém o vira na noite anterior. Valéria era da área, nisso estavam de acordo. Quanto ao resto, os policiais achavam que era questão de tempo e paciência, embora o pouco que tinham de tempo e paciência não era para ser desperdiçado com putas e travestis.

Naquela noite a história do menino de dois anos que encontrara o corpo de um travesti assassinado e enterrado nas areias de Copacabana foi notícia nos principais canais de TV. O fato de o menino ser filho de um diplomata estrangeiro morador da avenida Atlântica certamente contribuiu para o destaque concedido à notícia. A declaração do secretário de Segurança, de

que o crime seria solucionado no mais curto espaço de tempo e de que o policiamento noturno na orla marítima seria reforçado, fazia parte da retórica governamental, além de ser um recado aos homens da polícia para que garantissem aos moradores da área mais nobre da cidade o direito de mandar os filhos brincar na praia com seus baldinhos e pazinhas sem correrem o risco de desenterrar cadáveres.

Russo estava sentado na areia da praia, imóvel, as costas contra o paredão da avenida Atlântica, no escuro de uma noite sem lua e protegido das luzes da rua... esperando. Não estava acontecendo nada, e ele gostaria que continuasse assim até se sentir seguro para sair dali. Apesar da hora, fazia bastante calor. Estava acostumado com grandes esperas e ambientes escuros, podia ficar horas na mesma posição, atento a pequenos movimentos e a ruídos quase imperceptíveis. Fora um desses movimentos, feito quase só de sombra e silêncio, junto à saída da galeria de águas pluviais, que chamara sua atenção no exato instante em que pretendia observar a cena que se desenrolava em outro ponto da praia.

Passava da meia-noite e, salvo um ou outro casal de namorados ao longe, não havia ninguém caminhando pela areia. O barulho dos carros que circulavam pela avenida Atlântica passava por cima de sua cabeça e se fundia com o barulho do mar. O trânsito de turistas no calçadão ainda era grande, e aquele trecho da praia não era coberto pelas câmeras de segurança, o que em qualquer outra noite seria para ele um convite à improvisação. Naquele momento, porém, não estava em busca de aventura: estava era preocupado com o que acabara de ver. Mais precisamente, com o que acabara de não ver.

O casal descera do calçadão para a areia uns dez metros à esquerda de onde ele estava e caminhara na direção da água. Segundos antes, também ele descera para a areia: estava apertado para urinar, e a sombra do paredão lhe oferecia um lugar discreto. Quando viu o casal descer, sentou-se na areia e ficou imóvel, encostado no paredão, para não ser visto e não dar a impressão de estar ali por razões condenáveis, fossem elas

quais fossem. A mulher vestia minissaia, blusinha branca amarrada na cintura e carregava as sandálias na mão; o homem usava jeans, camisa para fora da calça e boné. Foi tudo o que Russo conseguiu ver no instante em que o casal pulou para a areia e avançou para a beira da água. Passados alguns minutos, o homem voltou sozinho, um pouco apressado e sem olhar para trás. Era como se ele soubesse que a mulher não o seguiria. Não vira o homem direito; apenas de costas e meio de perfil, quando o casal ia na direção do mar. Na volta ele fizera um percurso diferente, subindo para a calçada em um ponto mais distante do lugar onde estava Russo. Em nenhum momento Russo conseguira ver o rosto do homem de boné. No entanto, tinha a vaga impressão de já tê-lo visto antes. Ainda sentado, tentou ver a mulher; não viu ninguém. Ficou de pé e, sempre sob o abrigo do paredão, vasculhou a praia com o olhar, sem sucesso. Decidiu esperar um pouco mais, até o homem se afastar do calçadão, para ir ver de perto o que acontecera com a mulher. Talvez os dois tivessem brigado e ela agora estivesse sentada na beira da água, chorando. Russo percebeu que a imagem daquele homem lhe provocava um sentimento desagradável. Era por isso que continuava ali, no escuro. Era ele, Russo, quem estava se escondendo, não o homem. Esperou mais uns quinze minutos, levantou-se e arriscou uma olhada para a calçada. Foi quando notou mais uma vez o movimento percebido minutos antes junto à saída da galeria de águas pluviais, perto de onde estava. Só teve tempo de ver o menino sair correndo rente ao paredão até o ponto em que pôde pular para a calçada e desaparecer em segundos.

No dia seguinte os jornais e a televisão deram a notícia do travesti assassinado na praia de Copacabana cujo corpo fora encontrado semi-encoberto pela areia. Ferimento a faca, diziam. Faca não faz barulho, e o estrago é bem maior do que o de bala,

pensou. Valéria, esse era o nome de guerra da vítima. Sabia quem ela era. Valéria costumava frequentar os bares dos hotéis próximos à praça do Lido.

Russo achava que estava se preocupando à toa, que nada ligaria a morte do travesti a ele. O único problema era ter sido surpreendido sentado no escuro de frente para a cena do crime. Verdade que fora surpreendido por alguém que, tanto quanto ele, teria todo o interesse em manter-se oculto. Mas ele tinha por hábito ser cuidadoso. Se as coisas se complicassem, de nada adiantaria explicar que não estava escondido junto ao paredão àquela hora da madrugada com alguma intenção condenável. Que não estava espionando casais de namorados. Que não teria como adivinhar que o casal ia descer da calçada para a areia. E que tampouco estava se escondendo, pois uma coisa é se esconder e outra é não querer se expor. Só presenciara a cena imediatamente anterior ao assassinato por acaso. O problema era que alguém, também protegido pela escuridão, testemunhara esse acaso. Restava saber se era alguém capaz, por sua vez, de reconhecê-lo. O melhor a fazer era não sair naquela noite, ficar recolhido alguns dias até a situação se esclarecer um pouco.

Mas acabou saindo. Só para sondar o ambiente. Não era muito dado a ficar sentado entregue a raciocínios complicados; preferia farejar, sentir o cheiro dos acontecimentos, ver para onde estava soprando o vento. E, pelo que pôde colher em conversas durante o dia, constatou que o vento podia mudar de direção a qualquer momento.

Precisava se lembrar de onde conhecia o homem do boné. Mais importante ainda era descobrir o nome do menino que surgira perto dele no escuro e depois fugira correndo. Sobre ele não sabia nada, nem mesmo se de fato era um menino ou um adulto de baixa estatura. Apenas tinha certeza de uma coisa: ele era careca. Na verdade, só vira uma sombra correndo ao longo

do paredão, mas a careca brilhara na penumbra da praia. Por outro lado, o fato de mal ter visto o que supunha ser um menino não significava que o outro não o vira claramente; o menino podia tê-lo visto chegar, podia estar prestando atenção nele o tempo todo em que estivera lá. Aquele menino podia vir a ser perigoso se inventasse de fazer sucesso à custa dele — quem sabe ganhando algum dinheiro ou tratando de ficar amiguinho da polícia.

Nos próximos dias não ficaria circulando pelas ruas, expondo-se a más surpresas. Tampouco correria o risco de cometer algum ilícito, por mais que estivesse inocente no caso do travesti. Estava limpo, e tinha que se manter limpo até que todos os fios ligados à morte do sujeito fossem puxados e atados sem restar nenhuma ponta solta. Porque ele era um desses fios. Sabia que as duas pontas do seu fio estavam soltas e que esse fio não ligava nada a nada, que era um pedaço de barbante caído na areia. A não ser que alguém, nesse caso o menino, levasse a polícia ou o criminoso a acreditar que ele fazia parte da trama.

Às onze da noite Russo se deslocava pelas ruas internas de Copacabana com um objetivo deliberado. Na esquina da Santa Clara, atravessou as duas pistas da avenida Atlântica e continuou andando pelo outro lado, bem junto à borda da calçada que se elevava pouco mais de um metro sobre a faixa de areia da praia. Localizou a boca da galeria onde vira o menino e posicionou-se bem acima dela. Sentou-se na beira abaulada da calçada, pés balançando no ar, e pôs-se a esperar. Passados uns quinze minutos, achou que podia chamar a atenção das pessoas que caminhavam pelo calçadão, embora fosse comum ver casais de namorados sentados ali à noite, olhando o mar. A diferença era que ele estava desacompanhado e não olhava o mar, e sim para baixo, para a faixa escura junto ao paredão. Pulou para a areia. A boca da galeria de águas pluviais tinha a altura de um homem e

quase três metros de largura, e estava parcialmente bloqueada com areia, amontoada por escavadeiras da prefeitura para evitar que o lugar fosse utilizado como casa pelos mendigos. Sentou-se logo abaixo da saída do túnel e ficou novamente à espera. Havia mais de uma semana que não chovia, e a saída da galeria estava seca, o que era um convite para os usuários habituais procurarem o local. Russo não queria arriscar um olhar para dentro, por medo de afugentar o menino caso ele estivesse lá. Ele poderia fugir para o interior da galeria em vez de sair para a praia, e Russo não estava disposto a perseguir ninguém galeria adentro àquela hora da noite.

Calculou ter ficado na mesma posição por mais de uma hora. Nesse período, viu passar pela beira da água apenas um casal e, meia hora depois, um pescador com sua vara. Nos dias de semana são poucos os casais que se aventuram a passear na areia à noite. Cerca de quinze minutos depois, sentiu como se um inseto caminhasse por seu braço. Moveu os olhos com cautela. Não era um inseto. Era um quase imperceptível deslizamento de areia que escorria da entrada da galeria. Continuou imóvel. O deslizamento prosseguiu, dessa vez um pouco mais volumoso. Aos poucos, o que de início era um fio de areia se transformou numa pequena torrente seguida de um corpo que escorregou até onde ele estava.

O menino se debateu em silêncio durante algum tempo até perceber que estava firmemente preso e sem possibilidade de fuga. Não era o mesmo menino da véspera. Este era menor e mais magro, e não era careca. Devia ter uns doze anos.

— Calma, não vou te machucar. Como é o teu nome? Qual é o teu nome, porra?

— Dico.

— Dico, quem mais está aí dentro?

— Ninguém.

— Não mente pra mim, Dico.

— Só tem eu.

— E ontem?

Ontem o quê?

— Ontem, porra, na noite de ontem, quem mais estava dentro desse buraco?

— Não sei. Ontem eu não estava.

— E onde você estava ontem?

— Ontem a gente dormiu na porta do banco.

— Que banco?

— Na avenida Copacabana, aquele banco que tem uma rampa na entrada.

— Quem costuma dormir aqui na galeria?

— Às vezes eu durmo, mas só quando a gente está em grupo. Sozinho eu não durmo, não.

— Preciso saber quem estava aí dentro ontem, por volta da meia-noite.

— Pode ser o Careca, ele costuma guardar as coisas dele aí dentro... Quando está fugindo de alguém também se esconde aí dentro.

— E como eu acho o Careca? Onde ele costuma ficar?

— Por aí. Ele nunca sai de Copacabana, tem medo dos alemão.

— Está bem. Você vai dizer ao Careca que eu quero falar com ele, e que é melhor ele falar comigo antes que gente muito pior que os alemães encontre ele.

— E como é o seu nome?

— Inventa qualquer um.

— Você não tem nome?

— Não interessa. Diz um nome qualquer. Agora vou largar você, não precisa sair correndo feito um porra-louca. Sai andando normalmente. Diz ao Careca para não ficar dando bobeira por aí durante o dia e para se encontrar comigo amanhã, aqui, nesta mesma hora.

Assim que foi solto, o menino teve uma reação de fuga, mas se conteve, olhou durante dois segundos para aquele estranho à sua frente, virou-se e saiu andando sem pressa ao longo do paredão até chegar a uma parte mais baixa, onde subiu para a calçada.

Russo sabia que estava tentando uma jogada arriscada. Aquele menino não parecia confiável e provavelmente o tal Careca também não era. O mais provável era que um dos dois tentasse negociar a informação com alguém disposto a pagar por ela. Mas a única coisa a fazer era esperar a noite seguinte para ver se o Careca aparecia.

Subiu para a calçada e sacudiu a areia da roupa. Olhou em volta para ver se alguém o observava. Atravessou as duas pistas da avenida Atlântica e tomou a esquerda pelo calçadão. Passou a primeira rua perpendicular à praia, passou a Constante Ramos. Queria ter certeza de não estar sendo seguido. Entrou na terceira rua, a Barão de Ipanema; contornou a quadra e trocou várias vezes de calçada antes de chegar à avenida Nossa Senhora de Copacabana. Só então pegou a Constante Ramos em direção ao morro.

A rua Constante Ramos corta o bairro desde a avenida Atlântica até o morro dos Cabritos. Era a sua rua, por assim dizer.

Além de ser o caminho para seu abrigo do momento, era a rua por baixo da qual passava uma das maiores galerias de águas pluviais de Copacabana e a que ele conhecia melhor. Nela, sentia-se como uma espécie de animal fossador. Quando menino, ouvira falar das galerias subterrâneas que cortavam o bairro e que serviam para escoar as águas que desciam dos morros em direção ao mar. Ouvira falar também que duas dessas galerias eram especialmente amplas porque recebiam toda a água vinda do morro dos Cabritos e do morro de São João: eram as que passavam sob as ruas Constante Ramos e Santa Clara. Na sua primeira descida exploratória, descobrira que na galeria que corria por baixo da Constante Ramos daria para passar um automóvel, e que era possível percorrê-la desde a grade de entrada junto à pedra do morro dos Cabritos até a boca de saída, na areia da praia de Copacabana. Daí em diante, passou a investigar minuciosamente todos os acessos e ramificações das galerias de águas pluviais. Quase duas décadas depois, tinha um mapa mental nítido daquela geografia subterrânea.

* * *

Àquela hora, o movimento de pedestres era pequeno. e diminuía à medida que ele se afastava da avenida Atlântica em direção ao morro. Nos cinquenta metros finais, onde o trecho sem saída da rua encontra a pedra nua do morro dos Cabritos, ele era o único pedestre, e se deslocava tão silenciosamente junto aos prédios que era como se a rua estivesse inteiramente deserta. As três últimas construções do lado direito eram casas de dois pavimentos, remanescentes do tempo em que não havia prédios no bairro. A última delas, junto ao flanco de pedra do morro, estava desabitada e em obras. Naquele ponto, o acesso ao morro é extremamente fácil.

Todos os prédios que dão fundos para a encosta de pedra ficam a uns dez metros dela: trata-se de uma medida de prevenção contra eventuais deslizamentos. Com isso existe um corredor interno, terra de ninguém, que só não é transitável a pé porque os muros divisórios de todos os terrenos se prolongam até o morro e sobem alguns metros pela encosta de pedra, exatamente para evitar que por ali circulem passantes indesejáveis. Como naquele ponto a inclinação do morro não é muito acentuada, uma pessoa descalça ou de tênis pode se deslocar sem dificuldade sobre a pedra por trechos relativamente extensos. Era o que Russo fazia todas as noites para ir até um terreno da prefeitura situado uns cem metros à direita, junto ao lugar onde fora cavado na pedra um túnel de acesso às galerias do metrô que passariam sob o morro e cujas obras estavam interrompidas.

Mesmo na noite escura, quem olhasse da rua por sobre o portão do canteiro de obras distinguiria perfeitamente a entrada dessa abertura cavada na pedra, protegida por um portão de

ferro que durante a noite era mantido apenas encostado. Na verdade não havia o que roubar dentro dos túneis; seriam necessários ladrões com uma força descomunal para carregar os enormes postes de concreto que lá estavam guardados. Na entrada do terreno, junto à rua, havia outro portão de ferro, este sim fechado com corrente. O terreno abrigava os contêineres que serviam de dormitório para o vigia e uns poucos operários ocasionais responsáveis pela conservação do lugar.

Como vinha fazendo havia meses, Russo se esgueirou pela encosta até alcançar o pátio de obras do metrô e a boca do túnel. Procurando agir em silêncio, afastou ligeiramente o portão e entrou. Era impossível abrir aquele portão sem fazer barulho — cuidado aliás desnecessário, pois o vigia e os operários sabiam que ele usava a galeria como dormitório. Só o vigia permanecia à noite no pátio. Ele dormia no contêiner principal e era presenteado regularmente por Russo com uma lata de cerveja.

Depois de percorrer quase cem metros em declive, Russo chegou à galeria principal. Por ali, supostamente, num futuro próximo passariam os trens do metrô. No momento tudo estava inteiramente deserto. O túnel era largo e alto, todo ele cavado na rocha muitos metros abaixo do nível da rua. Fazia meses que Russo dormia ali. Precisava avançar trezentos metros por dentro da pedra para chegar ao seu abrigo noturno.

Passou a maior parte do dia seguinte no interior da galeria, saindo apenas no meio da tarde para comer alguma coisa e usar o sanitário de um bar próximo. Tratava de manter o lugar onde dormia o mais limpo possível, pois resíduos orgânicos de qualquer natureza atrairiam ratos e baratas. Por isso, apesar da vastidão do túnel, procurava não fazer suas necessidades lá dentro e não juntava lixo.

O túnel na rocha é em forma de T com perna curta. A perna do T é o túnel de entrada, e os braços, que se estendem por centenas de metros à direita e à esquerda, compõem as galerias. O braço direito estava sendo usado como depósito de material, o esquerdo era sua morada secreta. Vinte metros abaixo do nível da rua e sob quatrocentos metros de rocha compacta, a temperatura estava sempre agradável; a única iluminação existente vinha da gambiarra, um longo fio instalado em toda a extensão da galeria, com lâmpadas dependuradas de vinte em vinte metros. Em alguns pontos pingava água do teto, como se uma nascente interna irrigasse permanentemente o coração da pedra.

Pelo menos uma vez por dia grandes caminhões entravam no túnel e dobravam à direita para descarregar ou recolher material de outras obras em andamento na cidade. O barulho de seus motores, mesmo a centenas de metros de distância, era assustador. Ali dentro o único critério para balizar o tempo era a luz da gambiarra, que o vigia ligava às sete da manhã e desligava às dez da noite.

Quando Russo saiu para o encontro com o Careca, as lâmpadas ainda estavam acesas. O relógio do botequim da esquina marcava nove e meia. Que ideia, marcar o encontro para

tão tarde! O importante era que fosse à noite; meia-noite era um exagero. À medida que descia a Constante Ramos em direção à praia, aumentava o movimento de pessoas nas calçadas, pois quase todo o comércio local ficava aberto até as dez da noite. Na avenida Atlântica o movimento não cessava nunca, apenas decrescia durante a madrugada. No auge do verão era comum, na frente do Copacabana Palace, traje a rigor e roupa de banho compartilharem a mesma calçada.

Russo nunca fora dado a pensamentos complicados, mas estava consciente da enorme diferença entre ele e as pessoas que voltavam para casa depois de um rápido mergulho no mar entre o fim de um dia de trabalho e o jantar. Conhecia cada rua, ruela, beco e prédio do bairro, conhecia a superfície e as entranhas de Copacabana, mas aquelas pessoas eram as donas de tudo. Mesmo a praia, que é de todo mundo, não era a mesma para todos. Eles a usavam mantendo uma relação distante com a areia, com a água, eram capazes de sair dali sem um grão de areia no corpo. E as mulheres, depois de horas ao sol, levantavam da toalha para um rápido mergulho não pelo prazer do mergulho, mas para reforçar o bronzeado ou para exibir o corpo numa caminhada sensual até a água. Na praia todos ficam quase nus, mas era gritante a diferença entre os ricos e os pobres ou entre os moradores do bairro e os que vinham dos subúrbios, espremidos dentro dos ônibus. Estes, a primeira coisa que faziam ao descer na praia era correr para um mergulho e depois rolar na areia. Viravam croquetes humanos. A noite, a ação se deslocava da areia para o calçadão da avenida Atlântica. De dia, podia acontecer de alguém se afogar; à noite uma pessoa podia ser esfaqueada. Os frequentadores diurnos e os noturnos de Copacabana tinham origens diferentes, pertenciam a universos diferentes. A noite os bares se enchiam de turistas, vendedores de bugigangas, prostitutas, travestis, cafetões, moradores da

zona norte e dos subúrbios. Russo não pertencia a nenhuma das categorias de "estrangeiros" da orla: nascera ali mesmo, em Copacabana, e sua intimidade com o bairro era total; e todo o dinheiro que possuía era o que carregava no bolso.

Não se lembrava de ter morado em outro lugar que não a rua ou os abrigos para menores. Não sabia quem eram seus pais nem guardara nenhuma imagem remota que servisse de referência deles, ainda que imprecisa. Na sua vida, o que mais se aproximara da figura de mãe haviam sido os travestis, que quando ele era pequeno funcionaram como suas mães-de-rua. A única referência de que dispunha sobre os pais, e que não tinha como saber se era verdadeira, fora a que circulara durante sua infância: uma história que falava de um estrangeiro louro que tivera um caso com uma adolescente moradora de rua. Talvez fosse verdade. Isso explicaria o fato de ele ser ruivo e sardento. Daí o apelido, Russo. Durante algum tempo, no fim da infância e início da adolescência, ganhara também o apelido de Rato, devido à habilidade com que furtava objetos dos turistas e escapava pelas galerias subterrâneas do bairro. Não mudara muito desde então. Apenas aperfeiçoara as táticas de sobrevivência. Quanto à aparência estrangeira, acentuara-se com a idade.

Até a hora do encontro com Careca, evitou os lugares por onde costumava circular. Às onze da noite atravessou as duas pistas da avenida Atlântica e desceu da calçada para a areia a três quadras do ponto marcado. Andou pela beira da água até chegar à altura da boca da galeria. Deitou-se de bruços na areia de modo que o declive da praia em direção à água o protegesse dos olhares vindos da calçada. Olhou a praia nas duas direções, conferiu os arredores da galeria de águas pluviais e se pôs a esperar. Queria se proteger da possibilidade de a polícia aparecer, em vez do Careca. Um sem-teto é sempre culpado de alguma

coisa.

Caso Careca aparecesse, o encontro devia acontecer dali a uma hora. Procurou não mudar de lugar nem de posição para não chamar a atenção de quem estivesse na calçada. O cheiro da areia salgada era tão familiar para ele quanto o barulho do mar. Dormira incontáveis noites na praia, talvez em maior número do que as que havia passado sob marquises e viadutos.

Por volta da uma da manhã, abandonou seu posto de observação com a certeza de que Careca não viria.

O movimento no calçadão da avenida Atlântica estava fraco, e os poucos turistas na rua àquela hora se concentravam nos bares e boates da praia. Careca estava sentado no meio-fio, entre dois carros estacionados perpendicularmente à calçada, cheirando cola por um tempo que lhe parecia tão longo que até esquecera de quando tivera início. Sabia apenas que o cheiro de solvente da garrafa de plástico contendo cola de sapateiro não tinha mais a mesma intensidade. A distância entre os carros era de uns três palmos, e pelo estreito corredor por eles formado Careca via os carros passando num ritmo bem menos intenso do que o da hora em que se sentara no meio-fio. Embora a mistura da garrafa tivesse perdido a intensidade, ainda estava suficientemente forte para que ele continuasse cheirando até encontrar um lugar onde dormir.

Desde que vira aquele homem agachado junto ao paredão, perdera o sossego. Já não podia nem andar com os companheiros de rua. O cara sabia quem ele era e até mandara um recado pelo Dico. Azar fodido. Se não tivesse saído correndo feito um idiota, não tinha acontecido nada. Podia muito bem ter esperado um pouco mais, o cara sairia dali e ele também poderia ir embora tranquilamente. Mas o cara não saía, não saía nem se mexia, ficou um tempão agachado na areia. De início, deu a impressão de estar cagando no escuro, só que todo vestido... Usava bermuda e camiseta... e a bermuda não estava arriada. Pensou então que estivesse puxando fumo ou cheirando. Mas ele também não mexia os braços nem nada, parecia uma estátua de pedra. Depois de ficar muito tempo esperando, resolvera sair correndo da galeria. Quando o sujeito percebesse, já estaria longe. E foi o que aconteceu. Depois apareceu o Dico com aquela história de que o cara queria falar com ele... que tinha dito que

ele estava correndo perigo... Perigo por quê? Não tinha feito nada. Pelo menos nada diferente. Até a cola da garrafa ele tinha comprado com o dinheiro ganho de um casal de turistas... Que história era aquela de que estava correndo perigo? Tinha também a história do travesti morto na praia. Quase em frente do lugar onde o cara estava escondido... O cara estava agachado porque estava se escondendo. E agora queria falar com ele...

Tinha comprado a cola e o solvente no final da tarde e desde então não parara de cheirar. Passava de uma da manhã, estava sozinho e precisava encontrar um lugar pra curtir o que sobrava de cola e dormir. Não se lembrava de qual era o lugar onde Dico tinha marcado o encontro com o tal sujeito. Achava que era no mesmo lugar... perto da boca da galeria... Mas não importava, ele não ia mesmo. Não podia ficar de bobeira cheirando cola na rua àquela hora. Tinha pouca gente na rua, e era perigoso circular desacompanhado pelo bairro. Não dava para tentar a galeria, ele tinha a impressão de que era justamente lá que o Dico tinha marcado o encontro. Podia ir para outra galeria, a que tinha uma entrada pelo bueiro da esquina da Barão de Ipanema com a Atlântica. Perto de onde estava. Lá nunca tinha ninguém. O único problema era o tampo de ferro: não sabia se ia conseguir abrir sem ajuda, o tampo era pesado.

Continuou sentado no meio-fio da calçada da avenida Atlântica, cheirando cola e esperando. Não se lembrava de quem esperava. Não se lembrava de ter marcado encontro com ninguém. Tinha sabido pelo Dico que o cara se chamava Russo. Lembrava-se de algumas histórias que contavam sobre ele, mas nunca se encontrara com ele antes daquela noite. Mas aí não sabia que aquele era o Russo. Mesmo que soubesse, não ia fazer diferença. Não ia a encontro nenhum. Ia para a galeria da Barão de Ipanema, que ficava só a três quadras dali e que era território amigo. Ninguém ia fazer nada com ele...

Assim que se levantou, quase caiu. Estava tonto. As coisas estavam embaçadas, e as pessoas, fora de foco. Esperou um minuto até conseguir ficar em pé e caminhar. Saiu andando pela calçada junto aos prédios, um braço pronto para se apoiar na parede ou nas grades dos edifícios caso ficasse muito tonto, o outro abraçado à garrafa. Andou uma quadra sem se sentir ameaçado. Na segunda quadra ficou mais confiante, ninguém se incomodava com ele, apesar da garrafa. Afinal, não era mais um menininho abandonado, tinha quase quinze anos e sabia se defender. Talvez tivesse realmente alguma dificuldade para levantar o tampo de ferro, mas podia pedir ajuda a alguém. Diria que era o lugar onde dormia... tem sempre alguém para ajudar um menor sem-teto. Foi quando sentiu alguém segurar seu braço. Ainda bem, estava novamente muito tonto.

Russo passou os dois dias seguintes na galeria do metrô, saindo apenas para o estritamente necessário. No terceiro dia, foi até a Casa de Acolhida São Severino, um abrigo para menores onde duas vezes por semana fazia pequenos serviços em troca de refeição. Foi quando ouviu alguns meninos comentando sobre a morte de um tal Careca. A história era que o Careca tinha caído num bueiro e partido o pescoço. Não sabiam mais nada... só que o Careca cheirava cola o dia inteiro. Russo achou melhor não fazer perguntas. Trabalhou a manhã toda preparando a porta principal para receber uma nova pintura.

De volta à galeria do metrô, passou o resto do dia recolhido, pensando nas consequências da morte de Careca. Uma coisa era certa: a única pessoa que o vira sentado na areia na noite do crime estava morta. Jantou sanduíche e leite, que comprara no caminho. As dez da noite o vigia desligou a gambiarra e a galeria ficou escura. Tinha alguns tocos de vela guardados para caso de necessidade, mas achou que para pensar não precisava de luz. Lembrou-se da conversa que tivera com um dos educadores da Casa de Acolhida enquanto se vestia para ir embora.

“O que você está achando dessa história da morte do tal Careca? Acredita mesmo que ele caiu ao entrar na galeria?”, perguntara o educador.

“Não sei... Por quê?”

“Porra, Russo, esses meninos entram e saem das galerias o tempo todo... Eu nunca soube de nenhum que tivesse caído de cabeça. Eles podem escorregar naquela escadinha de ferro, principalmente se estiverem com os pés molhados, podem até despencar lá de cima, mas o poço é estreito, não tem como o corpo virar durante a queda e o cara cair de cabeça... O Careca

até pode ter cheirado cola o dia inteiro como estão dizendo, pode até ser que ele não tenha conseguido se agarrar, mas então teria caído de pé. No máximo teria quebrado a perna. Ele só pode ter caído de cabeça se tiver sido jogado de cabeça.”

“Mas nesse caso...”

“É... foi assassinado.”

Russo tinha certeza de que a conversa fora sem segunda intenção. Falando com o educador, lembrara-se de que o Careca costumava dormir na Casa. Era de lá que o conhecia, então. E era por isso que o outro viera falar com ele como se ele tivesse alguma coisa a dizer sobre a morte do garoto. Afinal, era bastante conhecido entre as crianças e os educadores, e sua experiência com meninos de rua era maior do que a de todo mundo. Normal, o educador perguntar qual era sua opinião sobre o acontecido. A observação seguinte pareceu confirmar essa impressão:

“O que eu acho estranho é o fato de ele tentar chegar à galeria por um poço de acesso, em vez de entrar pela praia. O poço fica numa esquina, todo mundo pode ver. Além do mais, o tampo de ferro é pesado...”

“Eu vi o Careca aqui na Casa algumas vezes. Conhecia ele de vista. E sabe de uma coisa incrível? Ele tinha um encontro comigo na praia, marcado por um garoto chamado Dico. Não sei o que ele queria. Vai ver estava se sentindo ameaçado e ia me pedir proteção.”

“Ameaçado por quem?”

“Sei lá”.

“Vai ver ele chegou perto do ponto de encontro na praia, viu alguém suspeito e teve a ideia de chegar à areia pela galeria.”

Nesse ponto da conversa, Russo acabou de se vestir.

Despediu-se do educador antes que surgissem outras perguntas e especulações.

Russo tinha achado que seria mais fácil pensar no escuro, mas estava enganado. Descobriu que quando pensava precisava olhar para as coisas. Talvez o escuro fosse bom para sonhar ou até para ter pesadelos, mas ainda estava plenamente acordado. Melhor dormir. Ou ir para a rua. Não dava para ficar acordado na escuridão. Decidiu dormir.

O amanhecer dentro da galeria não era marcado pela luz do sol, mas pela luz da gambiarra ligada pelo vigia. O vigia era o deus da caverna: abria e fechava os portões e mandava no dia e na noite.

Os únicos objetos pessoais que Russo mantinha ali dentro eram um colchonete de espuma, um saco plástico com tocos de vela e uma caixa de fósforos. Quando saía, enrolava o colchonete, amarrava o rolo com um pedaço de corda e pendurava no grampo que sustentava o fio da gambiarra. Fora, tinha algumas peças de roupa, sabonete, escova e pasta de dentes e um par de tênis, guardados no quartinho de ferramentas da Casa de Acolhida. Era lá também que guardava seus livros, que eram poucos, mas renovadas constantemente na biblioteca do bairro. Tinha preferência por biografias e romances históricos.

Às vezes acordava com tanta vontade de urinar que não dava tempo de transpor as centenas de metros até chegar à rua e ao bar mais próximo, e era obrigado a esvaziar a bexiga lá dentro mesmo; quando isso acontecia, urinava junto à pedra, por onde escorria um permanente fio de água. Uma água lava a outra, pensava. Poderia ter se instalado mais perto da boca da galeria, mas haveria o inconveniente de ficar mais exposto. Além disso, descobrira que o lugar onde acomodara seu colchonete tinha uma vantagem secreta, provavelmente desconhecida até dos operários responsáveis pelo local, e do conhecimento apenas dos que haviam trabalhado nas escavações: o fim da galeria não era o fim da galeria. À primeira vista, ela parecia terminar no ponto onde a escavação na rocha bruta fora interrompida, mas, examinando melhor, constatava-se que o que parecia rocha era uma superfície de cimento. Na verdade, as duas extremidades da galeria eram

artificiais: muros de tijolo cobertos com jatos de cimento, erguidos, provavelmente, para evitar o trânsito de pessoas e animais e também para possibilitar a vigilância e o controle da obra interrompida. Numa das pontas, esse muro apresentava algumas rachaduras no cimento. Russo achava que era possível, em caso de necessidade, abrir uma passagem para o que devia ser a continuação da galeria até a praça Eugênio Jardim, no corte Cantagalo, onde se localizaria a futura estação do metrô. Se fosse assim, a galeria não teria apenas uma via de acesso, mas duas, ou mesmo três, contando a outra extremidade.

* * *

Manhã de segunda-feira. O céu estava nublado, apesar do leve mormaço que garantia a praia aos mais aficionados. O tempo mudava, depois de duas semanas de céu azul. Se viesse chuva, seria bom para as matas, os gramados e as plantas, mas ruim para os moradores das galerias, que seriam desentocados pelas águas. Talvez Dico aparecesse, isso se não tivesse saído do bairro depois da morte de Careca.

Tinha que passar na Casa de Acolhida para o serviço voluntário das manhãs de segunda e quarta. Nesses dias, aproveitava para tomar banho e trocar de roupa. O abrigo dispunha de um estoque considerável de roupas usadas, que podiam ser trocadas ou simplesmente retiradas pelos meninos e meninas. Com sorte, encontraria um boné suficientemente grande para ocultar o cabelo ruivo. Sardento e com o cabelo daquela cor, não era à toa que todos os chamavam de Russo. As vezes até se esquecia do nome registrado na sua certidão de nascimento. "Pais desconhecidos", estava escrito. "Russo" era mais seu e mais verdadeiro, achava. Os pais continuariam para sempre desconhecidos.

Encontrou vários bonés. Escolheu um velho, com um furo parecendo queimadura de cigarro, mas que era largo e cobria bem a nuca e as laterais da cabeça. Quando saiu novamente à rua, já no final da tarde, depois de tomar banho e trocar de roupa, sentiu-se incrivelmente seguro, protegido pelo boné.

A chuva que ele esperava para o fim do dia não caiu. Melhor. Aquela era uma boa hora para tentar encontrar Dico ou algum menino que soubesse onde Dico poderia estar. Assim que começava a escurecer, os meninos se punham a circular pelas lanchonetes e padarias, pelos bares e restaurantes da beira da

praia, tentando descolar um sanduíche, um sorvete ou a sobra de um prato. Em geral, conseguiam matar a fome. Quando não conseguiam, surrupiavam o que estivesse ao alcance da mão. Talvez encontrasse o Dico numa dessas investidas noturnas.

Trocara a bermuda e o chinelo por calça jeans e tênis, e estava se sentindo mais apresentável, menos visado pelos passantes e seguranças particulares. Com sua prática cotidiana de pequenos furtos, exercida apenas na medida do indispensável para sobreviver, tornara-se um arguto observador dos hábitos das pessoas, de seus gestos, do cuidado que tinham com seus pertences, de como carregavam o dinheiro e de sua capacidade física para reagir com rapidez. Mas, assim como observava as pessoas, também era observado por elas. Sua pele branca e sardenta e o cabelo ruivo atraíam a atenção tanto de brasileiros como de estrangeiros. Seria uma figura curiosa em qualquer lugar que estivesse. Ninguém se parecia com ele. Desde pequeno, era o diferente. O diferente atraente. Quando criança, todos o achavam engraçadinho, todos queriam passar a mão em seu cabelo. Diziam que suas sardas eram bonitinhas. Sempre teve quem cuidasse dele e o protegesse das ameaças da rua. Na falta da mãe original, ganhou na rua algumas mães substitutas, travestis, mães cuidadosas e dedicadas. Elas lhe deram alguma educação e instrução, providenciaram um registro civil para ele, cuidaram da sua saúde e lhe ensinaram alguns segredos para sobreviver na rua. Nenhuma, no entanto, sobrevivera. Para não chorar mais perdas, havia aprendido a só estabelecer laços que tivessem a duração de um encontro.

Difícilmente Dico estaria sozinho quando o localizasse. Se o menino estivesse na área, estaria com seu grupo. Meninos de rua nunca andam sozinhos. Perambular sozinho pelas ruas da cidade era expor-se a predadores e também a pseudoprotetores, às vezes tão destrutivos quanto os primeiros. Mas o encontro com

Dico na praia aquela noite lhe mostrara que o garoto nem sempre obedecia a esse mandamento. Naquela vez ele estava sozinho dentro de uma galeria de águas pluviais — o pior lugar para um menino andar sozinho.

A primeira investida pela avenida Atlântica não deu em nada. Encontrou um grupo de menores na praça do Lido, formado por meninas e meninos, mas Dico não estava com eles.

Deu meia-volta e saiu andando na direção do Posto Seis, atento para as ruas transversais que tivessem bares e restaurantes com terraços na calçada. Foi pela avenida Atlântica e voltou pela avenida Copacabana. Não viu ninguém. Ou os grupos estavam escondidos esperando alguma encrenca se acalmar ou haviam se refugiado nos subúrbios de onde haviam saído. Certamente não haviam migrado para um bairro vizinho. Seria invadir território inimigo.

Era cedo, talvez os meninos estivessem esperando a hora de maior movimento, quando seria mais fácil atrair a simpatia de algum turista e o grupo estaria mais protegido pela multidão. Assim pensavam eles. Russo pensava exatamente o oposto: quanto mais compacta era a multidão, mais facilmente uma pessoa podia ser atingida sem que ninguém percebesse. Ele não gostava de ficar isolado nem de andar no meio de muita gente. Nos dois casos, sentia-se indefeso. Resolveu circular um pouco pelas ruas de dentro de Copacabana: talvez os meninos estivessem evitando áreas muito movimentadas.

As ruas internas também estavam vazias. Voltou à Casa de Acolhida em busca de informação. Os que se dispuseram a falar disseram que sabiam da morte de Careca, sabiam que estava acontecendo alguma coisa, mas não sabiam o quê. Russo queria apenas descobrir quem era o homem que descera para a areia com o travesti Valéria. Temia que quando tornasse a vê-lo ele

estivesse próximo demais. Quando, naquela noite na praia, tivera a impressão de já ter visto aquele homem, pensara imediatamente se não seria um policial. Mas o cara não tinha jeito de policial nem de informante. Russo queria saber de quem, afinal, estava fugindo. E o que estava acontecendo era exatamente o oposto: a imagem do homem ficava cada vez mais imprecisa.

Como a noite apenas começava, voltou à avenida Atlântica e tomou a direção da Santa Clara. Percorreu várias quadras sem cruzar com um único menino de rua. Atravessou as pistas da avenida Atlântica para a calçada junto à areia e procurou o banco mais próximo à saída da galeria de onde Dico praticamente caíra no seu colo. Havia um casal de namorados no banco. Melhor, assim chamaria menos atenção. Sentou de frente para a areia e ficou espiando a saída da galeria. De vez em quando virava o rosto e conferia a calçada oposta para ver se aparecia algum menino de rua.

Até mais ou menos meia-noite nenhum deu as caras no calçadão nem houve movimento na galeria. Como a chuva que se anunciara no fim não caíra, as galerias continuavam secas, podendo servir de abrigo para alguns meninos. Mas não para todos. Além disso, nem todos se aventuravam a repartir com os ratos aqueles subterrâneos escuros e sujos, e poucos sabiam se orientar pelas galerias maiores e pelas menores. O mais provável, portanto, era que por alguma razão eles tivessem voltado temporariamente para suas famílias nos subúrbios; os que não tinham família podiam ter se refugiado nos abrigos. Decerto a morte mal explicada do Careca despertara uma crise generalizada de pânico e insegurança. Mas Russo ainda não excluía a hipótese de Dico estar escondido em alguma galeria subterrânea. Esse era o próximo passo a ser dado.

Todos os dias pouco antes de o sol nascer. Berenice abria o portão da vila onde morava e saía em direção ao parque do Flamengo, distante uma quadra, para sua corrida diária de cinco quilômetros, ritual que se repetia mesmo nos dias de chuva. Achava que se não se exercitasse com regularidade não teria saúde suficiente para suportar as dez, doze horas por dia na condução do táxi com o qual sustentava a casa desde que o pai morrera. O ex-marido contribuía para a educação do filho (a quantia variava, e a regularidade deixava a desejar), mas havia ainda a mãe viúva e as despesas com a manutenção da casa, além dos gastos pessoais. Não podia ficar doente, faltar ao trabalho ou tirar férias. Grande parte dos gastos era com a prestação do carro novo, fruto de várias trocas, iniciadas com o carro que o pai deixara como herança junto com a casa. A finalidade dos exercícios matutinos não era, portanto, apenas estética. Visava garantir o bom funcionamento do corpo. Acontecia às vezes de Berenice conseguir chegar da corrida ainda a tempo de tomar o café-da-manhã com o filho antes de ele pegar o metrô para a escola.

Do Catete, onde morava, se não acontecia de pegar algum passageiro no caminho, Berenice rumava para Copacabana. Seu ponto de táxi era na rua Santa Clara, na quadra que faz esquina com a avenida Atlântica. Era comum tomar outro café no botequim junto ao ponto, onde então colocava em dia os acontecimentos da véspera. Nunca trabalhava à noite nem nos fins de semana. As manhãs de sábado eram dedicadas à limpeza e à manutenção do carro. As tardes de sábado e os domingos eram dedicados ao filho.

Naquela manhã, o que chamou sua atenção quando parou o

táxi no ponto foram as três radiopatrulhas e o carro da polícia civil, todos com as luzes piscando, estacionados na avenida Atlântica, na pista da praia. De onde estava era possível ver, ao longe, na areia, perto da água, um grupo de pessoas em volta de algo que não teve dificuldade para adivinhar o que era. No ponto de táxi, dois motoristas conversavam encostados num dos carros. Um deles olhou para Berenice e apontou para o ajuntamento na praia.

— Mataram uma puta.

— Não era puta, era um travesti — disse o outro.

— Dá no mesmo.

— Dá no mesmo. Não. Dorme com os dois que você vai ver a diferença.

Ela ainda não perguntara nada, e nem precisava, porque eles continuaram falando.

— Esfaqueado na barriga. Quem encontrou o corpo foi um menino de dois anos, filho de estrangeiros.

A conversa foi momentaneamente interrompida por um passageiro que entrou no primeiro táxi. Ficaram Berenice e o outro colega.

— Quer dizer que foi uma criança que encontrou o cadáver na praia?

— Isso aí. Quando eu era menino, saía andando pela beira da água nos dias de ressaca procurando cordão de ouro, anel, moeda que o mar devolvia à praia. Hoje em dia as crianças encontram cadáveres. E o mar nem precisa estar bravo.

— É o progresso — disse Berenice.

Dois passageiros chegaram quase ao mesmo tempo. O que entrou no carro de Berenice morava na avenida Atlântica e usava

frequentemente os carros do ponto.

— Bom dia, doutor. Para o lugar de sempre?

— Bom dia. O de sempre.

Berenice ligou o motor e desceu os cem metros de rua até a avenida Atlântica, dobrando à esquerda no sentido do centro da cidade, misturando-se ao trânsito que àquela hora fluía pelas duas pistas da avenida.

— Aconteceu alguma coisa ali na praia — disse o passageiro.

— Encontraram o corpo de um travesti. Estava enterrado na areia.

— Morto recentemente?

— Ah, sim. Não estava propriamente enterrado, apenas coberto com areia.

— Ninguém viu nada?

— Parece que não. Deve ter acontecido durante a madrugada. Foi esfaqueado.

— Algum machão que levou a mulher para a praia e descobriu que não era mulher.

— Pode ter sido um machão, mas não acredito que tenha sido engano — disse Berenice.

— Por que não?

— Não acredito que um homem seja enganado por um travesti.

A conversa se dava através do espelho retrovisor. O passageiro, sentado no lado direito do banco traseiro, só via a parte superior do rosto de Berenice, e ela via apenas a cabeça dele. Ambos falavam para o espelho. O trânsito fluía regularmente, e Berenice se mantinha no ritmo do fluxo de

veículos.

— Por que então você acha que o homem matou o travesti?
— continuou ele.

— Eu não disse que foi um homem.

— Não foi?

— Sei lá.

— Você acha que pode ter sido uma mulher?

— Por que não? Mas acho que quem matou sabia que era um travesti. Pode ter sido um desses psicopatas matadores de homossexuais, pode ter sido um crime passional. Acontece com mais frequência do que a gente imagina.

— Para uma motorista de táxi, você entende bem do assunto.

— É *porque* eu sou motorista de táxi!

Depois de deixar o passageiro no centro, Berenice fez quatro corridas antes de voltar a Copacabana. Nenhum dos passageiros puxou assunto, e ela não tomou a iniciativa. O fato de ser mulher, coisa pouco comum na profissão, e de ser atraente, provocava reações distintas em homens e mulheres: as mulheres queriam saber se ela não levava cantada dos passageiros, os homens também. A diferença estava no tom da pergunta.

Das oito da manhã até a uma da tarde o movimento de passageiros era constante. No meio da tarde o ritmo diminuía durante umas duas horas e voltava a ficar intenso a partir das quatro. Berenice aproveitava esse intervalo para comer alguma coisa. Durante o lanche ficou sabendo um pouco mais sobre a morte do travesti e a repercussão do crime.

Nas horas seguintes, não pensou mais no assunto. O tema foi retomado quando chegou em casa à noite para jantar e conversou um pouco com a mãe na varanda.

— Mãe, com que idade você acha que uma criança é capaz de perceber que alguém está morto?

— Com a graça de Deus Nosso Senhor, só quando já for adulta.

— E sem a graça de Deus Nosso Senhor?

— Menina, respeite Nosso Senhor Jesus Cristo.

— E o que Nosso Senhor Jesus Cristo tem a ver com isso, mamãe?

— Deus está presente em tudo, minha filha, até mesmo num grão de areia.

— No caso, é um monte de areia.

— E o que esse monte areia tem a ver com a sua pergunta, menina?

— É que debaixo do monte de areia tinha um cadáver.

— Do que você está falando, Berenice?

— É que na praia, hoje, debaixo de um monte de areia tinha um cadáver... — repetiu ela — ... que foi encontrado por uma criança de dois anos.

— Quem é a pobrezinha da criança?

— Pensei que você fosse perguntar quem é o pobrezinho do morto.

— E quem é o pobre do morto?

— Um travesti. Foi assassinado.

— Mas, afinal, do que você está falando e o que você tem a ver com esse travesti?

— Diretamente, nada. Era conhecido na área lá do ponto. As pessoas gostavam dele.

— Você chega em casa com esses assuntos e ainda nem perguntou pelo seu filho.

— Onde ele está?

— No quarto, vendo televisão.

— Está bem, contanto que já tenha feito os deveres.

— Já fez.

— Ótimo.

— Domingos telefonou.

— O que ele queria?

— Falar com você.

— Falou com o Tiago?

— Falou.

As duas estavam junto à mureta da pequena varanda da casa de vila, uma no lado de dentro, a outra no lado de fora, o carro estacionado em frente com a mala aberta, enquanto Berenice retirava as sacolas de supermercado e as entregava à mãe. A vila tinha seis casas, todas do mesmo lado, e na frente delas, junto à parede do prédio vizinho, havia uma fileira de grandes amendoeiras, seis ao todo, que forneciam uma sombra agradável para toda a vila e que deviam ter a mesma idade das casas. Sobrava ainda espaço para que os moradores estacionassem seus carros e as crianças brincassem, protegidas do mundo exterior pelo grande portão de ferro em estilo barroco. A vila ficava a meia quadra do antigo palácio presidencial do Catete, em cujos jardins Berenice, nos tempos de casada, levava o filho pequeno para brincar. Naquela época o pai dela era vivo e ela ainda não trabalhava como taxista. Estudava: fazia o curso de comunicação na universidade estadual.

— Ele dá atenção ao filho.

— Pode ser, mas não quero que ele use o Tiago como pretexto para vir aqui toda hora.

— Está bem, o marido é seu, você é quem sabe.

— Ex-marido, mamãe.

— O quê?

— Ex-marido, não marido.

— Você sabe o que eu penso disso.

— Sei. Mas é ex-marido. Sou divorciada.

A morte do travesti foi mencionada no noticiário vespertino da televisão, e no outro dia os jornais deram uma pequena nota nas páginas policiais, sem foto e sem nenhuma entrevista.

Na manhã seguinte, Berenice estacionou o carro no ponto da rua Santa Clara. A notícia do travesti morto na praia perdera o impacto, mas recebera alguns acréscimos.

O colega parado no ponto informou:

— Os meninos que dormem aqui embaixo da marquise disseram que um deles viu o cara que desceu para a areia com o travesti.

— O menino sabe quem é o assassino?

— Ninguém sabe direito quem é... ou então sabem mas não dizem.

— Têm medo.

Era comum os taxistas chegarem cedo e encontrarem os meninos dormindo debaixo da marquise do ponto. À noite eles se sentiam mais ameaçados e indefesos e temiam ser agredidos enquanto dormiam. Dormir em grupo debaixo de uma marquise era o máximo de proteção que conseguiam contra as muitas ameaças da cidade. Às vezes dormiam amarrados uns aos outros por um fio de náilon preso ao tornozelo. Se um deles despertasse, atacado por um predador noturno, os outros também despertariam. Os meninos haviam escolhido aquela marquise porque sabiam que os motoristas que ficavam no ponto à noite os protegeriam. Além disso, nas noites mais frias, muitas vezes os motoristas pagavam lanches para eles antes que o bar fechasse. Com a convivência, acabaram se conhecendo, e acontecia de os meninos e meninas contarem suas histórias, seus medos e suas dores aos motoristas.

Quando voltou para casa à noite, antes mesmo de ultrapassar o portão Berenice viu Tiago e o pai sentados na mureta da varanda. Parou o táxi na entrada da vila e piscou o farol duas vezes. Tiago correu para abrir o portão e mostrar à mãe o brinquedo que acabara de ganhar.

— Olha o jogo eletrônico que papai trouxe para mim.

Berenice entrou e parou o carro na frente da casa enquanto Tiago fechava o portão de ferro.

— Oi, Berê.

— Olá, Domingos.

— Liguei para você ontem.

— Recebi o recado. Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada. Comprei um joguinho para o Tiago e pensei em trazer ontem à tarde, mas também queria ver você.

— Você sabe que eu trabalho até sete, oito da noite.

— Sei. Mas podia acontecer de você estar em casa.

— Durante o dia, Domingos? Não posso fazer isso.

— Não pode ou não quer?

— Como não quero? Você acha que é uma questão de querer?

— Quando a gente era casado, você só trabalhava quando queria.

— Mas agora não estamos mais casados. E naquela época meu pai sustentava a casa e nos ajudava quando precisávamos. Agora quem sustenta a casa sou eu.

— Não precisaria, se estivéssemos casados.

— Mas não estamos, Domingos.

— Porque você não quer.

— É. Não quero mais ser agredida, não quero mais ter medo do marido, não quero mais uma porção de outras coisas.

— Você não acredita que as pessoas podem mudar?

— Acredito. Mas acredito também que podem mudar para pior.

— Eu sou violento com o Tiago? Alguma vez fui agressivo com sua mãe? Berenice, eu sou o pai do seu filho.

— E isso é tudo.

— Assim você só faz as coisas ficarem mais difíceis.

— Difíceis? Você pode vir aqui a qualquer hora para ver o Tiago ou conversar com minha mãe. Pode almoçar com eles e depois se sentar aqui na varanda para desfrutar a tranquilidade da vila. Pode sair com o Tiago nos dias em que ele não tem escola e ele pode dormir na sua casa nos fins de semana. A única coisa que não está incluída nesse pacote sou eu. É, mesmo assim, sempre que você precisa falar comigo, estou pronta para te ouvir. Onde está a dificuldade?

— Em você.

— Domingos, você sabe ser agradável e sedutor quando quer, mas também sabe ser agressivo e violento. Por isso não quero conversa com você.

— Muita proteção faz mal à saúde.

Desde que se separara de Berenice, Domingos passara por vários jornais. Era formado em jornalismo por uma faculdade que só exigia presença mínima ou ausência discreta. Sabia que não era jornalista para valer, não tinha qualificação, mas gostava das vantagens obtidas com a carteira de jornalista. Dizia-se freelancer, mas sempre exercera a função dos antigos setoristas,

percorrendo hospitais e delegacias policiais ou escutando o canal da polícia à procura de notícias que repassava para as redações dos jornais. Seu local de trabalho não era a redação, mas o setor de emergência dos hospitais e o balcão de atendimento das delegacias. Não tinha horário certo para trabalhar: podia ser à tarde ou à noite, ou mesmo de madrugada. Dizia-se repórter, ou pelo menos gostava de se imaginar como tal, embora na opinião da ex-mulher nunca tivesse feito uma reportagem de verdade. Não se dera bem cobrindo o noticiário político, fora apenas sofrível na parte esportiva e acabara por ficar com as páginas policiais, onde se sentia à vontade. Suas únicas leituras eram os livros de ocorrências. Os deslocamentos pelos hospitais e delegacias dos bairros da zona sul do Rio facilitavam as visitas à vila no meio da tarde para ver o filho e dizer um alô a dona Rosa, para quem levava pão quentinho e frios para reforçar o lanche. Dona Rosa, por sua vez, preparava o café do jeito que ele gostava — forte e com um pouco de canela. Essas visitas aconteciam umas três vezes por semana, independentemente da presença do filho ou da ex-mulher. Dona Rosa concluía havia tempo que elas eram uma estratégia para reconquistar a filha: Domingos queria agradar a ela para chegar a Berenice. Até que gostava da situação. Conhecia bem os defeitos do genro, mas gostava dele assim mesmo. Além do mais, era o pai de Tiago, razão suficiente para ser recebido com afeto. Mas dona Rosa não entendia por que um homem jovem e cheio de vida insistia em recuperar uma relação interrompida quase uma década antes. Por causa do filho não era: ele e Tiago estavam sempre juntos. Por causa dela própria também não era, evidentemente. Mas o fato indiscutível era que Berenice não parecia nem um pouco interessada numa reaproximação. Na verdade, todos estavam muito bem na situação atual, menos ele. Ao mesmo tempo, a presença ocasional de Domingos na casa era suficiente para que se soubesse que havia um homem por ali, e que esse homem era

alto, forte e de pavio curto. Era o bastante para que as duas mulheres e o menino se sentissem protegidos. Os taxistas colegas de Berenice também sabiam que Domingos estava sempre na casa dela.

A manhã de Berenice fora excelente. Uma única vez chegara ao ponto, mas foi só o tempo de desligar o motor e descer do carro para esticar as pernas e já apareceu outro passageiro. Apenas na hora do lanche conseguiu alguns minutos para conversar com os colegas. Nos jornais, o crime fora notícia apenas um dia.

— Já sabem que houve uma testemunha, mas ainda não sabem quem é. Também sabem que um menino de rua viu a testemunha — informou o colega.

— Então o menino também é testemunha.

— Ele não viu o crime. Estava na galeria que dá na praia peito do local do crime e quando saiu viu um homem escondido perto do paredão. O homem se assustou com ele, ele também se assustou e saiu correndo. Só depois o menino ficou sabendo do crime e se lembrou do homem. Pode ser que seja o assassino. Ou então o cara viu o assassino e se escondeu.

— E o menino?

— Andou falando disso com os colegas de rua, depois se arrependeu, ficou com medo, e parece que está escondido. Quando as coisas se acalmarem ele aparece.

— Quem é esse menino?

— O Careca.

Então vai ter que ficar escondido até o cabelo crescer.

— O menino é careca. O cabelo não vai crescer.

— E o homem que estava escondido? Ninguém sabe nada dele?

— Não. O Careca deve saber.

Quando Berenice chegou em casa à noite encontrou Domingos pelo terceiro dia consecutivo na varanda com o filho. Enquanto esperava por ela, jogava com o menino o jogo eletrônico trazido na véspera.

Domingos era alto, atlético. Não era bonito e se vestia com displicência. Berenice era alta, esguia, tinha um rosto bonito, de traços bem definidos. Vestia se com simplicidade. Era atraente, de uma elegância natural nos gestos e na aparência. Juntos, formavam um casal esteticamente harmonioso.

— Você vai estragar esse menino com tanto jogo eletrônico.

— Estamos na era cibernética, agora até os livros são eletrônicos.

— Pode ser, mas isso aí não é um livro. É um jogo.

— Estimula a inteligência tanto quanto um livro.

— Porra, Domingos, videogame não é a mesma coisa que livro.

— Já vem você falando desse modo. Para que falar palavrão na frente do seu filho?

— Porra, Domingos, todo mundo fala.

— Mas você é minha mulher...

— Como é?

— Ex-mulher. Mãe do nosso filho. Acho que não deve usar certas palavras.

— Está bem, chega de papo. Vou tomar banho.

— Vou jantar aqui, sua mãe me convidou.

Apesar da discussão na varanda, o jantar transcorreu em paz. Domingos conversou com dona Rosa sobre as possíveis reformas

na casa. O sonho dela era aproveitar uma pequena área nos fundos para ampliar a cozinha e transformá-la em copa-cozinha. Domingos se comprometeu a ajudar. Pelo menos com mão-de-obra. Depois do jantar, Domingos e Berenice ajudaram a arrumar a cozinha, e a alma de dona Rosa se encheu de esperança. Berenice acompanhou Domingos até o portão.

— Como está o trabalho? — ela perguntou.

— O de sempre. Rotina.

— Você soube alguma coisa sobre o caso da criança que descobriu um cadáver na praia de Copacabana?

— Não muito. O caso está com a 13ª DP. Um travesti foi esfaqueado e semi enterrado na areia. Tem uma equipe investigando.

— Coisa do tráfico?

— Acho que não. O pessoal do tráfico não usa faca, só arma de fogo. Faca é coisa de cafetão. Por que o interesse?

— Curiosidade. O crime aconteceu perto do meu ponto. As pessoas comentam. Um passageiro disse que o crime deve ter sido cometido por algum homem que se sentiu enganado quando descobriu que a amante não era mulher. Não acredito nisso.

— Nem eu.

Domingos passou pelo portão e se despediu com um aceno.

No dia seguinte, na hora do lanche, Berenice voltou a receber a visita de Domingos.

— Novidades. Pelo que consegui apurar, a polícia chegou ao nome de uma pessoa que não corresponde à imagem do esfaqueador assassino. Valéria tinha uma relação com um homem que pagava o aluguel do apartamento dela e que se encontrava com ela em dias fixos. Esse homem não exigia fidelidade, só queria discrição e regularidade. Por várias razões, não chegou a ser seriamente considerado suspeito. E a principal é o fato de ele ser um profissional liberal rico e respeitável, frequentador das colunas sociais. Um cara que anda sempre com políticos, com gente do governo. Além disso, já passou dos sessenta, é baixo e gorducho. Nada a ver com lutas e facadas. Por que ele ia matar Valéria?

— Ou seja, a polícia chegou ao não-assassino.

— Já é alguma coisa. Se eu tiver mais notícias falo com você. Mas acho que ninguém vai se interessar por esse caso por muito tempo. Assim que a notícia esfriar, esfria a investigação. Quando a notícia for arquivada, o caso também será. É assim que funciona.

— Não precisava vir até aqui para me dizer tudo isso.

— Tem mais.

— Mais o quê?

— Fatos. Careca, um menino de rua que viu um cara assistir ao crime, estava num abrigo para menores e fugiu quando soube que estavam procurando por ele.

— E?

— Quem estava procurando por ele era o tal cara que estava escondido junto ao paredão da praia.

— E quem era o cara que queria encontrar o Careca?

— Chamam ele de Russo... Tem o cabelo vermelho e é sardento.

— Desculpe, Domingos, mas está chegando um passageiro.

— Você vai ficar em casa hoje à noite?

— Por que a pergunta?

— Porque posso passar lá para te contar a história do Russo.

Berenice abriu a porta de trás para o passageiro entrar.

O sol nascia quando Berenice atravessou as pistas da praia do Flamengo, de short e camiseta, tênis e boné, e entrou no parque para sua corrida matinal. Embora estivesse ali todas as manhãs, sempre se surpreendia com a quantidade de gente nas alamedas do parque àquela hora — idosos fazendo sua caminhada matinal e um número razoável de profissionais liberais e executivos que preferiam cuidar do corpo desfrutando a paisagem da baía de Guanabara a frequentar academias de ginástica. Berenice passava uma hora alternando corrida e caminhada. Gostava de deixar o pensamento livre. Quando terminava o exercício, não se lembrava do que havia pensado, e achava isso uma delícia. Apesar dos trinta e quatro anos de idade e de uma gravidez, era raro o homem que não voltava o olhar para a morena de seios fartos, perfeitamente sustentados, pernas longas e bem torneadas, e expressão de quem é dona absoluta do próprio nariz. Quando sentiu o homem correndo a seu lado por uma dezena de metros, mantendo o mesmo ritmo e com o corpo bem próximo do seu, achou que era mais uma paquera. A surpresa foi tamanha que até ele próprio se surpreendeu.

— Domingos!

— Fazia tempo que eu não provocava tanta emoção numa mulher...

— O que você está fazendo aqui a esta hora?

— Ora, Berê, que pergunta! Estou correndo, me exercitando...

— Estou vendo, não sou cega. Mas por quê? Você não é de acordar cedo, muito menos às seis da manhã. Mora em Copacabana e pode correr na praia... Aliás, você nem gosta de

correr...

— Está bem. Estou aqui para correr com você. Por falar nisso, você está com um corpo sensacional. Vale a pena madrugar para assistir a esse espetáculo. E, além do mais, você precisa de proteção. Olha quanto gavião em volta.

— Gavião?!

— Gavião, urubu, lobo, jararaca, cobra-coral. Ficam todos babando quando você passa. Eu também. A diferença é que tenho tempo de casa, você faz parte do meu currículo e coisa e tal.

— Que coisa mais antiga! Não me diga que acordou às seis da manhã, vestiu sua roupa de ginástica e veio de Copacabana até o Flamengo só para me dizer essas bobagens.

— Acertou. Só que não são bobagens.

— Acho melhor você voltar para casa.

Tinham parado de correr. Caminharam em silêncio uns cem metros.

— Você está permanentemente em guerra. Não apenas em guerra contra os outros, mas também contra você mesma. Não deixe seu tempo se esgotar. Não desperdice num táxi a mulher que você é. — Domingos deu meia-volta e saiu correndo na direção oposta.

O prazer que Berenice costumava sentir com o exercício desaparecera. Saiu do parque, cruzou as pistas da praia do Flamengo e correu até o portão da vila.

O primeiro passageiro do dia foi o mesmo com quem trocara ideias no início da semana sobre a morte do travesti. No táxi, muitas vezes conversas eram retomadas com intervalos de dias ou mesmo de semanas como se não tivesse havido interrupção.

— Bom dia.

— Bom dia, doutor. O de sempre?

— Sim, obrigado. Novidades sobre a morte do travesti?

— O assassino não foi encontrado. A única novidade é que já sabem o nome da pessoa que teria presenciado o crime.

— Essa pessoa foi interrogada?

— Ainda não foi localizada. Não tem casa, não tem nome, é conhecida só pelo apelido e se está sendo procurada pela polícia deve estar se escondendo nas galerias subterrâneas.

O táxi era novo e confortável, o ar-condicionado os protegia do barulho e do calor de fora e o trânsito fluía bem. De vez em quando Berenice olhava pelo retrovisor, tentando adivinhar se o passageiro ainda estava pensando no assunto da conversa. Ele estava com o olhar fixo num *ponto* vazio. Depois de uns dez minutos, o homem rompeu o silêncio.

— O jornal falava na beleza do travesti. As vezes beleza pode ser mortal.

Não houve telefonema nem visita de Domingos durante o resto da sexta-feira. No sábado, pouco antes das dez da manhã, Berenice fazia a limpeza semanal no carro, à sombra da grande amendoeira defronte a casa, quando o celular tocou. Celular, só podia ser cliente. Ou então Domingos.

— Bom dia, Berê. Estou telefonando pra fazer as pazes. Acho que ontem nos despedimos mal. E também para contar uma coisa. O menino de rua que viu um sujeito presenciar o crime da praia, o Careca, está morto. Foi encontrado hoje cedo dentro de um poço de acesso à galeria de águas pluviais, não muito longe do lugar onde o travesti foi assassinado.

— Morreu como?

— Segundo o legista, teve traumatismo craniano seguido de hemorragia cerebral, além de ter fraturado a primeira cervical. Sorte dele ter morrido. Ao lado do corpo encontraram uma garrafa plástica com cola de sapateiro.

— Puta que pariu!

— Berenice...

— Porra, Domingos, é puta que pariu mesmo, ele era um menino, uma porra de um menino que não devia ter nem pai nem mãe nem casa, nem merda nenhuma. Puta que pariu!

Domingos desligou.

Domingos não acreditava que uma mulher jovem e bonita como Berenice reduzisse sua vida àquele maldito táxi, o dia inteiro, todos os dias. Ou quase todos. Nas manhãs de sábado, ela cuidava do carro. O resto do fim de semana era dedicado ao

filho. Imaginava Berenice em casa, na companhia da mãe religiosa e cheia de preconceitos, sentada na cadeira de vime da minúscula varanda, olhando para a amendoeira em frente. Aquilo podia ser vida para a mãe, mas não para ela, uma mulher de trinta e quatro anos. Gostaria de saber se ela pensava nele. Gostaria de saber se ela pensava em outros homens. Principalmente se pensava em outro homem. Se pensasse, ele saberia. Ou melhor, não propriamente saberia, mas perceberia. Berenice não ia conseguir esconder dele. Claro que ela era paquerada. Não fazia sentido ela ter abdicado inteiramente da relação com o sexo oposto. Talvez fosse isso: sexo oposto. Tão oposto que ela nem sequer conseguia chegar perto. O que incluía ele próprio.

Olhou em volta. Nada mais deprimente que apartamento de solteiro em manhã de domingo. Sobretudo depois de uma solitária noite de insônia. Era o mesmo apartamento de sala e dois quartos onde morara com Berenice quando os dois se casaram. Não era nenhuma maravilha, ficava em andar baixo, numa rua barulhenta e quente, mas o aluguel era adequado. Tinha a vantagem de ter dois quartos e de ser em Copacabana, perto da praia; o inconveniente maior era estar de frente para a avenida Copacabana e no terceiro andar. Havia momentos em que, mesmo com a janela fechada, tinha a impressão de que o trânsito fora desviado para dentro da sua sala. Agora já tinha se acostumado, o barulho estava integrado ao seu cotidiano. O que ainda não estava integrado, passados tantos anos, era a falta de Berenice.

Vestiu-se e desceu para tomar café na rua. Apesar de morar no coração de Copacabana, a duas quadras da avenida Atlântica, não gostava de praia. Descobrira isso logo nos primeiros anos, esgotada a novidade de morar no bairro. Gostava menos ainda aos domingos, quando hordas de suburbanos desciam frenéticas

dos ônibus superlotados e invadiam a praia. Entendia bem aquilo, nascera e passara a infância e a adolescência no subúrbio. Conhecia a desolação ambiental do subúrbio e sofrera penosamente a atração exercida por Copacabana e pelo mar. Na adolescência enfrentara, todos os domingos, ônibus superlotados, quentes, cheirando a suor e diesel, que demoravam uma eternidade para fazer o trajeto do subúrbio até Copacabana. Lembrava-se da alegria selvagem com que saltava pela janela no ponto final, no Leme. Nem sequer esperava para sair pela porta. Aquele tempo ficara para trás, fazia parte da sua história de suburbano pobre. Tinha horror à simples lembrança daquela época. A primeira coisa que fez quando se formou em jornalismo e conseguiu o primeiro emprego foi alugar um quarto em Copacabana o mais perto possível da praia. Depois o entusiasmo dera lugar ao ódio. Não que odiasse o bairro. Odiava era o modo como passara a ver o bairro. O que o encantava nos tempos de adolescente passou a ser visto com aversão: a praia, o calor, a areia grudando na pele por causa do suor, a água do mar pinicando a pele ao secar no corpo. Sobretudo, odiava olhar para os magníficos apartamentos dos prédios da avenida Atlântica e dar-se conta de que nenhum daqueles moradores descia aos domingos para a areia, que quando muito condescendiam em olhar de binóculo o espetáculo que se desenrolava na praia. Não era pelos banhistas que eles se interessavam. Era pelo cenário espetacular do mar e do céu ilimitados diante deles.

Depois de tomar café num botequim cheio de banhistas que se entupiam de cerveja, saiu andando em direção à rua Barão de Ipanema. Gosto de café na boca e cheiro de cerveja no nariz. Os dois não eram compatíveis, pelo menos ao acordar. Seu prédio ficava na avenida Copacabana, quase esquina com a Figueiredo de Magalhães. Pouco mais de três quadras de distância da Barão de Ipanema. A maioria dos homens vestia bermuda ou roupa de

banho, mas ele estava de jeans e camiseta. Não era o melhor traje para o calor que fazia, mas não queria ser confundido com os banhistas. Preferiu ir caminhando pela própria avenida Copacabana a seguir pelo calçadão da avenida Atlântica, ainda que ao chegar à Barão de Ipanema tivesse que dobrar à esquerda em direção à praia. Aos domingos e feriados, uma das pistas da avenida Atlântica fica interditada ao tráfego de veículos e é invadida por crianças, idosos, caminhantes, ciclistas e skatistas que preferem o asfalto em vez da areia. Desses, não tinha ojeriza. Eram moradores do bairro como ele, e não invasores ocasionais ou ricos habitantes de outros planetas.

O pesado tampo de ferro do poço da galeria de águas pluviais estava fechado, sem nenhuma proteção em volta, sem nada que indicasse o que acontecera na véspera e sem fitas interditando a área de acesso à galeria. Isso era sinal de que o trabalho da perícia fora concluído e nada mais havia a ser feito no local. Não ouvira, na tarde anterior, nenhum comentário sobre possíveis testemunhas, e os meninos de rua haviam sumido das redondezas. A notícia seria curta: “Menor abandonado morre em decorrência de queda em galeria subterrânea. Não houve testemunhas do acidente. Ninguém reclamou o corpo”.

Na volta, fez o percurso inverso até a estação do metrô Siqueira Campos. Minutos depois, descia no Catete, a poucos passos da vila de Berenice. Eram onze e dez da manhã. Não foi preciso acionar o porteiro eletrônico. Berenice estava sentada na cadeira de vime da varanda, viu Domingos chegar e apertou um botão junto à porta de entrada da casa. O portão se abriu com um estalo.

Berenice continuou sentada enquanto ele se aproximava como um vira-lata em dúvida sobre a recepção que teria.

— Desculpe. Ontem desliguei o telefone sem falar nada.

— Não aguentou meu puta que-pariu! Para quem vive às voltas com policiais, você está muito sensível.

— É que eu acho que mulher não deve falar palavrão.

— E homem, deve?

— Homem é diferente.

— Que homem é diferente, eu sei. O que eu não entendo é por que certas palavras podem ser empregadas pelos homens e não pelas mulheres. É uma espécie de reserva machista de vocabulário?

— Berenice, hoje é domingo, está fazendo uma bela manhã, e eu cheguei em missão de paz.

Dico era rato pela manhã, quando circulava pela areia da praia atento ao banhista pouco cuidadoso com seus pertences, e morcego ao cair da tarde, quando procurava sugar dos turistas sentados nos bares do calçadão alguns trocados ou um prato de comida. Pela manhã vestia apenas short, sem camisa, o que o confundia com os demais meninos da praia (e facilitava um mergulho mais urgente em caso de fuga), enquanto à tarde procurava andar com uma roupa velha e de tamanho maior do que o seu, num esforço extra de deixar patente sua condição de menino de rua e despeitar o sentimento de piedade dos turistas. Já tentara andar maltrapilho e sujo, mas em lugar de despertar pena acabava provocando repulsa, o que impedia qualquer aproximação. O modo de se aproximar das pessoas era sempre o mesmo: os braços magros estendidos e a voz chorosa dizendo palavras que não faziam nenhum sentido aos ouvidos estrangeiros. Diante dos que se mostravam indiferentes, chegava mesmo a chorar, não de verdade, mas um choro fingido, dramatizando desnecessariamente o que já tira dramático, mas que acabava por amolecer o coração dos estrangeiros.

Fazia uma semana desde o encontro com Russo na praia. Sabia muito bem quem ele era, todo o pessoal de rua sabia quem era o Russo. Fingira não saber quando ele o apanhara na areia porque ano estava entendendo o que ele queria, tinha que esperar ele falar pra depois ver o que ia responder. Só quando Russo disse o que estava procurando percebeu que não era nada com ele e que não estava em perigo; Russo só queria encontrar o Careca. Agora não adiantava mais procurar pelo Careca.

Na parte da manhã circulara pela areia da praia de Copacabana, detendo-se mais demoradamente nos pontos onde

havia maior concentração de hotéis na esperança de que algum turista distraído esquecesse a roupa na areia enquanto dava um mergulho. Era coisa que acontecia com frequência, e quando ele estava por perto era o momento de sentar-se o mais próximo possível da roupa, como um inocente menino, e com a rapidez de um camundongo, pegar as coisas e sair correndo. Acontecia, às vezes, de ser surpreendido pelo segurança de algum hotel antes mesmo de realizar o furto, quando inevitavelmente levava uns cascudos. Havia ainda os vigias que, do telhado dos hotéis, vasculhavam a praia com binóculos à procura de punguistas e alertavam por rádio os seguranças na areia. Mas o pior era quando os próprios banhistas percebiam o golpe e pegavam o ladrão no ato. Eles eram mais impiedosos que os seguranças e a polícia. Não era fácil, a vida na areia. Melhor apelar para os bons sentimentos dos turistas. Mas a noite estava só começando, e os bons sentimentos dos gringos ainda não tinham se manifestado. Não bastava pensar na passagem de ida para São Gonçalo. Tinha que pensar também na passagem de volta, a menos que pretendesse ficar para sempre em São Gonçalo. Fora de lá que fugira com menos de dez anos de idade, junto com dois amigos, para tentar a sorte em Copacabana. Só se consegue dinheiro onde tem dinheiro, e lugar de dinheiro é na zona sul do Rio.

Já estava escuro quando conseguiu meio saco de batata frita em um dos bares do calçadão, o que aliviava o problema da fome, mas não resolvia o problema das passagens. Por volta das dez da noite ganhou uma quentinha com carne moída e macarrão, além de uns trocados. Pegou uma colher de plástico na lanchonete, sentou-se no meio-fio entre dois carros estacionados e comeu sua única refeição do dia.

O que na sua opinião o impedia de conseguir mais dinheiro com os turistas era o fato de não ter nada a oferecer: não sabia jogar capoeira, não cantava, não sabia fazer malabarismos com

limões. Sabia dar cambalhotas, mas quem quer ver criança dando cambalhota? As meninas ainda tinham alguma chance, pelo menos até a polícia aparecer e carregar os gringos e... ficar com o dinheiro deles.

Passava das dez. Enquanto espreitava as mesas do bar da discoteca Help, seu grupo devia estar nas proximidades da Santa Clara, a umas oito quadras dali. O melhor a fazer era tentar chegar lá o mais rápido possível. A região onde estava era uma das mais perigosas de Copacabana, principalmente para um menino de rua sozinho. Àquela hora os caçadores eram numerosos e variados: a seu favor, só a esperteza e as pernas velozes. Havia ainda o recurso extremo, caso o perseguidor não fosse a polícia, de pedir ajuda aos travestis que trabalhavam na orla. Vários deles o conheciam.

Caminhara umas cinco quadras e atravessava a rua Constante Ramos, já dentro do seu território, quando sentiu uma mão segurar firmemente seu braço. O modo de agarrar o braço era o mesmo da polícia, com a diferença de que quando era a polícia o gesto vinha acompanhado de frases ameaçadoras, além dos cascudos de praxe.

Não era a polícia. Era Russo.

— Vamos conversar ali na areia. Se você tentar sair correndo você vai, mas seu braço fica. Comporte-se, e nada vai acontecer com você.

Atravessaram a avenida Atlântica. Russo continuava segurando Dico fortemente pelo braço. Os dois pularam ao mesmo tempo para a areia e se sentaram encostados no paredão, como no encontro anterior.

— Vou largar seu braço. Se você fugir você morre, mas não sou eu quem vai te matar, e sim o cara que matou o Careca. Mete uma coisa na sua cabeça: estou do seu lado, e não contra você.

Careca morreu porque não acreditou nisso. — E soltou o braço.

Dico não saiu correndo. Ficou em silêncio, uma balbúrdia na cabeça. Não sabia se devia confiar naquele cara que mal conhecia. Sua experiência o aconselhava a não confiar em ninguém. Russo falou:

— Você considera isto aqui a sua casa. Acontece que também é a minha. Nasci em Copacabana e sempre vivi aqui. Não quero ser ameaçado na minha casa e não quero fugir daqui, estão atrás de mim tanto quanto de você, e se não formos inteligentes vamos acabar como o Careca ou a Valéria.

— Quem foi que matou o Careca? — perguntou Dico.

— Não sei.

— Por que estão atrás de você?

— Não estão atrás de mim. Estão atrás do cara que viu o assassino. Eu é que vi Valéria e o assassino andando em direção à água.

— Então você sabe quem matou ela.

— Só vi os dois de costas. Não vi a cara dele.

— E ele viu você?

— Não, mas seu amigo Careca me viu. Ele estava escondido ali na boca da galeria, perto da areia, e me viu sentado aqui...

— O que você estava fazendo escondido aqui?

— Mijando.

Ficaram sentados em silêncio. Dico ainda não sabia se acreditava em Russo. Já ouvira muitas histórias sobre ele, mas não era garantia de nada. Histórias as pessoas inventam, mas essas pessoas não iam estar ali se ele precisasse de ajuda. E, história por história, aquela de mijar na areia àquela hora da

noite bem no momento em que um homem matava um travesti era muita coincidência. Difícil de acreditar.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Dico.

— Descobrir quem matou a Valéria e o Careca antes que o cara descubra a gente.

— O que você quer que eu faça?

— Descubra com quem Careca falou sobre o assunto. Faça isso na surdina, sem aparecer. Veja se consegue alguma informação com o pessoal da rua. Se não conseguir nada com eles, pare de procurar.

— Eu estava pensando em ir embora.

— Ir embora pra onde? Você tem casa?

— Tenho. Eu estava tentando arranjar algum dinheiro pra ir pra Niterói. Minha mãe é cozinheira numa lanchonete em São Gonçalo. Não vejo ela faz três meses.

— Aí é diferente... Pensei que você não tivesse casa. É melhor então você procurar sua mãe.

— Eu ainda não consegui o dinheiro da passagem.

— Eu pago a sua passagem.

Dico não se alegrou, não agradeceu, não olhou para Russo.

— O que foi? Não quer o dinheiro?

— O que eu não quero é fugir.

— Às vezes precisa.

— Mas se eu fugir todas as vezes que for preciso, vou passar o tempo todo fugindo.

— Quantos anos você tem?

— Treze.

— Tem algum adulto em quem você confie?

— Tem a Roberta.

— Quem é ela?

— É minha mãe-de-rua. Ela cuida de mim, me leva ao médico. Já me a manjou até escola, mas às vezes passa muito tempo sem eu saber onde ela anda.

— Você não sabe onde ela mora?

— Ela sempre muda de endereço.

— Como você faz pra encontrar ela?

— Procuro aqui na avenida Atlântica. Ela é como a Valéria.

— Travesti?

— É.

— Não tem outro adulto em quem você confie?

— Tem o pessoal da Pastoral, mas não é a mesma coisa.

— Escuta bem, Dico, não sei se a Roberta vai poder te ajudar. Talvez o melhor mesmo seja você passar uns dias com a sua mãe. Você não vai fugir. Só se afastar durante algum tempo. Quando as coisas estiverem mais calmas, você volta. Tome o dinheiro e não diga a ninguém pra onde você vai. Vá embora amanhã de manhã.

— E você?

— Vou ficar por aqui. Quando quiser falar comigo, deixe um recado na Casa de Acolhida ou com o vigia do pátio de obra do metrô, na rua Pompeu Loureiro.

Subiram da areia para a calçada. Dico guardou o dinheiro e ficou alguns segundos olhando para o chão, sem saber o que dizer. Russo deu um tapinha nas costas dele, despedindo-se.

Dico atravessou a avenida Atlântica, andou meia quadra até a Santa Clara e foi direto para o ponto de táxi. Havia dois carros parados, e os motoristas conversavam, encostados num deles. Não tinha ninguém da turma por perto. Sentou-se sobre a tampa da caixa de incêndio, no chão, perto do meio-fio. Ficou ali uns minutos, olhando os dois taxistas conversarem, a poucos metros de onde estava. Enquanto isso, passava um prego em torno da tampa de ferro, limpando a terra acumulada na junção da tampa com o batente. Depois de verificar que não havia ninguém por perto, puxou de dentro da camisa um pedaço de vergalhão em forma de S, que trazia preso ao pescoço por um barbante, e consultou de novo os arredores. Ninguém olhando. Deu umas pancadas com a mão para descolar as bordas da tampa, enfiou o gancho numa das alças, ficou de pé e puxou com as duas mãos. A peça não se moveu. Era uma tampa pequena, quadrada, muito menor e mais leve do que os tampos das galerias de águas pluviais, mas estava grudada no chão. Passou de novo o prego e tentou mais uma vez. A tampa se soltou. Levantou a borda apenas o suficiente para enfiar o braço e pegar a sacola. Depois de conferir o conteúdo, fechou a caixa de incêndio e partiu em direção ao Leme. Àquela hora da noite, achou mais seguro ir andando pela avenida Atlântica. Tinha mais gente na calçada, podia pedir ajuda se fosse necessário. O Leme era melhor e mais seguro para passar a noite, conhecia o pessoal de lá, ficara um tempo com eles quando o grupo passou a morar no canteiro central da avenida Princesa Isabel, que separava o Leme de Copacabana.

A avenida Princesa Isabel, com suas duas pistas que vão da avenida Atlântica ao Túnel Novo, liga Copacabana ao Centro. O amplo canteiro central abriga uma praça arborizada com bancos e jardins, além de uma ciclovia, e em mais de um ponto da praça há caixas de alvenaria do tamanho de caixas-d'água residenciais,

ligadas à rede pluvial subterrânea. Os menores tinham aberto um buraco na parede de uma dessas caixas e a utilizavam como moradia. Dico se lembrava de ter visto bem mais de dez menores morando lá dentro, parecia ninho de rato. Ele próprio morara lá algumas semanas antes de ir para a rua Santa Clara. O bom daquele pessoal era que dois meninos maiores de idade tomavam conta dos menores e os protegiam quando havia batida da polícia. O problema era que quase todos os meninos e meninas cheiravam cola o dia inteiro e acabavam atacando os turistas para conseguir dinheiro para comprar mais cola. O resultado era que os seguranças dos hotéis chamavam a polícia, e ele não queria ir para uma casa de correção. Mas só por uma noite era o que parecia mais seguro, ninguém se lembraria de procurá-lo lá. O verdadeiro problema, porém, era não saber de quem estava fugindo.

Passava das onze da noite quando Russo saiu andando pelo calçadão da avenida Atlântica em busca de algum travesti conhecido disposto a dizer algo sobre a morte de Valéria. Tinha certeza de que o assassinato fora amplamente comentado entre eles, alguma coisa devia ter vindo à tona nessas conversas. Pelo menos eles saberiam se Valéria estava saindo regularmente com alguém. Encontrou dois deles em diferentes pontos do calçadão. Foi bem recebido pelo menos nos primeiros instantes: a conversa fluiu com naturalidade tanto com um como com o outro até eles perceberem o que ele queria saber. A partir daí os dois tiveram a mesma reação: desconversaram, se desculparam e voltaram a dar atenção para os carros que passavam.

Estava na quadra do Copacabana Palace, fazia uns quinze minutos que deixara o segundo travesti. Caminhava devagar, cabeça baixa, olhando para as pedras do calçamento, quando teve a sensação de estar sendo observado. Sem alterar a marcha nem olhar para os lados, continuou andando em direção à rua Santa Clara.

Russo entrou em pânico. Isso não lhe acontecia com frequência; mesmo em situações de ameaça real, costumava manter a calma. O que sentia naquele momento podia ser apenas uma impressão, aumentada pela suposição de estar sendo caçado. Passava de meia-noite, era um dia de semana, o movimento de pedestres começava a diminuir, ele se sentia exposto, indefeso. Era natural que estivesse com as defesas mais aguçadas. Pensou em Dico: teria encontrado um lugar seguro para passar a noite? Estava preocupado, temia que ele acabasse como Careca. Mas não era hora de ficar pensando em Dico. Precisava verificar se eslava realmente sendo seguido, e por

quem. Procurava andar no passo das outras pessoas: quando o número de transeuntes rareava, ele se sentia penosamente exposto. Chegou à esquina da rua Santa Clara sem identificar nenhum perseguidor. Ou o sujeito era muito bom, ou tinha imaginado coisas. Talvez o perseguidor não estivesse a pé, mas de carro. Tentou localizar algum carro se deslocando mais ou menos na mesma velocidade que ele, o que somente seria possível para um carro que andasse na faixa próxima à calçada. Havia vários carros nessa condição, precisamente aqueles cujos motoristas abordavam as prostitutas e os travestis junto ao meio-fio. Impossível saber se algum deles estava acompanhando seus passos. Achou melhor continuar pela Atlântica até a Constante Ramos, ali se sentia mais seguro porque conhecia todos os atalhos e pontos de fuga.

Além disso, a rua era contramão para quem vinha da avenida Atlântica. Se estivesse sendo seguido por um carro, o motorista teria que entrar na rua seguinte e contornar várias quadras até voltar a pegar a Constante Ramos na direção da praia. Russo saiu da Constante Ramos e pegou a Dias da Rocha, interrompida ao tráfego de veículos na altura da avenida Copacabana. Quando voltou à Constante Ramos, já bem próximo do morro dos Cabritos, a sensação de estar sendo seguido deu lugar ao sentimento de segurança que sempre acompanhava suas caminhadas ao chegar à encosta de pedra do morro e se deslocar por ela até a entrada do túnel para a galeria do metrô.

Dico demorou a entender o que se passava. Duas meninas discutiam, disputando algo que ele logo percebeu ser o dinheiro que na noite anterior dera a uma delas, Jaqueline. Estavam discutindo qual das duas ia comprar a droga. A maioria do grupo dormira dentro da caixa de concreto, mas ele e Jaqueline acabaram dormindo do lado de fora, depois de conversarem longamente. Na verdade, Jaqueline é que falara. Estava bastante agitada e cheirava cola enquanto falava. Ele mesmo falara pouco e nem sempre entendia o que ela dizia. Achou que estava dizendo que queria foder. Quando a droga de Jaqueline acabou, resolveram dormir ali mesmo, do lado de fora. Com o calor que fazia, não se animaram a entrar. Alguns que estavam dentro da caixa saíram e se reagruparam do lado de fora junto aos dois.

Tinha sido bem recebido. O grupo era basicamente o mesmo de quando ele saía para se juntar à turma da Santa Clara, alguns meses antes. Naquela época ele e Jaqueline tinham namorado. Na noite anterior, caminhando pela avenida Atlântica em direção ao Leme, Dico começou a pensar que talvez estivesse procurando proteção com a turma do Leme por causa de Jaqueline. Porque na verdade não havia nenhuma segurança especial lá, a qualquer momento a polícia podia aparecer, pegar todo mundo, enfiar num ônibus e levar para um centro de recolhimento. Enquanto as duas meninas discutiam, pensou no que fazer em seguida. Estava sem o dinheiro da passagem e não tinha coragem de voltar e procurar a turma da Santa Clara.

Dera todo o dinheiro a Jaqueline menos de uma hora depois de terem se reencontrado. Ela era sua namorada (assim ela anunciou sua chegada para o resto do grupo), e como namorado ele se achava no dever de dar algum dinheiro a ela. Ela, por sua

vez, também dizia que tinha que dar alguma coisa a ele, e ele entendeu que devia ser carinho, atenção, companhia, mas ela insistia em que isso também, mas que queria dar mais, queria trepar com ele. Isso, no meio da noite. Ele com sono e ela falando sem parar. E quanto mais ela falava, mais aflito ele ficava. Jaqueline tinha catorze anos, já era mulher, mas ele, aos treze, ainda se achava criança. Não entendia nem a necessidade nem a pressa de Jaqueline em trepar. Para ele, aquilo não era importante. Só era importante quando o assunto surgia nas conversas com os colegas. Era importante para falar, mas não para fazer. Nunca tinha trepado com mulher nenhuma. Ainda não tinha pentelho e seu pau era pequeno, achava que era pouco para uma mulher. Verdade que Jaqueline era só um pouco maior do que ele, mas já tinha peito, com certeza já tinha pentelho. Na noite anterior ela insistira em trepar, mas ele queria primeiro namorar e depois, quando chegasse a hora, quando estivesse mais pronto, aí sim poderiam trepar. Ela queria ver o pau dele, mas ele não tinha mostrado. O que mais o envergonhava não era o tamanho de seu pau, mas a ausência de pentelhos. Depois de muita conversa, os dois dormiram. Ele de cansaço, ela de tanto cheirar cola.

Com o sol forte da manhã e o barulho dos carros nas duas pistas da avenida, estava se sentindo péssimo. Não dormira quase nada, não tinha mais o dinheiro da passagem para São Gonçalo e Jaqueline parecia ter perdido toda a vontade de trepar — agora o importante era aquela discussão sobre onde comprar droga. Três meninos do grupo tinham se juntado à conversa, cada um propondo uma coisa diferente. Pelo menos a sacola com a muda de roupa estava com ele. Subiu na mureta que separava o canteiro da pista de carros, esperou o sinal fechar e foi embora.

Quarta-feira era dia de ir à Casa de Acolhida. Os pequenos trabalhos que Russo realizava eram uma retribuição a tudo o que recebera quando adolescente: ainda que aos trancos e barrancos, pudera completar o curso secundário. Fazia aquilo com prazer. À refeição comunitária de que participava era a reafirmação de uma camaradagem que já durava quase duas décadas. Houvera um tempo em que exercera a função de educador de rua, mas a atividade não combinava com o que fazia após o anoitecer. Achara melhor consertar janelas quebradas e pintar paredes. Assim seu trabalho não entrava em conflito com sua atividade noturna de pequeno ladrão. Fizera isso a vida inteira. Gostava de sua vida solitária. Era como um cachorro vira-lata: mantinha-se vivo, não se deixava aprisionar, trepava sem criar vínculos e evitava maus encontros. E era tudo. Chegou à Casa de Acolhida a tempo de tomar o café-da-manhã.

— Oi, Russo, tem recado pra você.

— De quem?

— Um menor. Passou por aqui hoje cedinho. O nome dele é Dico, já esteve conosco mais de uma vez. Disse que espera você às oito da noite, no lugar de ontem.

Dico devia estar enfiado em algum buraco, inútil tentar encontrá-lo. Mas havia bastante trabalho na Casa de Acolhida, suficiente para ocupar seu tempo até o anoitecer. Por que Dico não fora para Niterói?

Preparava as esquadrias externas para uma nova pintura. Algumas necessitavam de reparos de carpintaria, mas a maioria precisava só de uma boa lixa. Às vezes um menino se aproximava e puxava assunto, mas Russo sabia que não era conversa o que o

garoto procurava, mas respostas para perguntas específicas, ligadas à sobrevivência cotidiana. Russo fazia o que podia. A prática adquirida nos quase dois anos como educador de rua servia para alguma coisa.

Começava a escurecer quando Russo deixou a Casa de Acolhida e foi se encontrar com Dico. Chegou mais de uma hora antes no ponto da avenida Atlântica onde os dois haviam estado na noite anterior. Em vez de esperar na calçada ou na areia, entrou na galeria de águas e sentou-se junto à boca do enorme tubo. Ninguém podia vê-lo ali dentro, nem da calçada nem da praia. Se necessário, poderia escapar pelo interior da tubulação.

Às oito e meia da noite teve certeza de que não haveria encontro. A galeria estava seca e razoavelmente limpa e, coisa rara, não havia ninguém lá dentro. De onde estava, podia ver uma extensão de praia correspondente a cerca de duas quadras da avenida Atlântica; se pusesse a cabeça para fora, poderia ver toda a extensão da praia. Perto das nove da noite optou por uma retirada segura por baixo da terra em direção às ruas internas de Copacabana.

Passara a vida se escondendo. Seus companheiros (houve um tempo em que tinha companheiros) só precisavam se esconder nas ocasiões específicas de caça e recolhimento de menores de rua; em circunstâncias normais circulavam livremente pelo bairro, protegidos por sua invisibilidade natural. Ele, sardento e ruivo, nunca passava despercebido. Quando precisava se esconder, recorria a seus conhecimentos dos subterrâneos de Copacabana e saía de circulação durante alguns dias.

Dentro da sua galeria, e enquanto as lâmpadas da gambiarra estivessem acesas, tinha tempo bastante para ler as pilhas de jornais velhos que recolhia. Eles tinham uma dupla função: mantê-lo informado e servir de forração para seu colchonete. Fazia mais de uma semana que a morte do travesti deixara de ser notícia. Não acreditava que alguém ainda se desse ao trabalho de comentar o acontecimento. Puta e travesti não são notícia.

Acordou na manhã seguinte antes de o vigia ligar a chave da gambiarra, Tomara uma decisão. Desde que descobrira que o túnel do metrô não acabava na rocha, mas numa parede de tijolos recoberta por um jato de cimento, tivera a ideia de um dia abrir uma passagem naquela parede; um espaço que permitisse a passagem de seu corpo e que pudesse ser fechado facilmente com uma tábua.

Saiu para tomar o café-da-manhã e depois catar, no próprio canteiro de obras, o material necessário para sua pequena construção. O café foi mais reforçado que o usual, pois tinha a intenção de passar a maior parte do dia dentro do túnel. Usou o banheiro do bar e, antes de voltar para o canteiro de obras, pediu ao balconista uma garrafa de plástico vazia, das grandes, com tampa de rosca. No pátio de obras, não teve dificuldade para

encontrar um pedaço de vergalhão de bom tamanho e espessura e uma haste de ferro com o formato de espada, provavelmente parte de um portão quebrado. Também não foi difícil encontrar um pedaço de compensado de um metro por um metro. Desajeitado, transportou o equipamento até a extremidade da galeria.

Encostou a garrafa no trecho da rocha por onde escorria o filete de água; experimentou o vergalhão e a barra de ferro contra a parede falsa para testar suas pontas. Imaginava uma abertura de uns três palmos de largura por um metro de altura. Inspeccionou o paredão batendo nele com a barra de ferro aqui e ali, procurando um ponto menos resistente.

A luz era fraca, mas suficiente para trabalhar. Com a barra de ferro, desgastou a camada de cimento até aparecerem os tijolos. De metro em metro havia uma coluna de tijolos deitados e entre elas a parede era de tijolos em pé, o que facilitava bastante o trabalho. Escolheu o intervalo entre as colunas centrais e começou a trabalhar com o vergalhão na argamassa entre os tijolos postos na vertical. De início ficou preocupado com o barulho, mas depois se lembrou de que estava a uns quatrocentos metros da boca de entrada. O primeiro tijolo foi deslocado num tempo surpreendentemente curto, e a cada tijolo retirado o trabalho se tornava mais fácil. Perguntou-se o que iria encontrar do outro lado. Não sabia em que estado haviam deixado a escavação na rocha. Logo que os primeiros tijolos tombaram, olhou pelo buraco. Encontrou uma escuridão insondável e um silêncio assustador. Com extremo cuidado, passou pela abertura e começou a remover o entulho acumulado do outro lado. Queria o caminho livre, embora não tivesse ideia do que o esperava dez ou vinte metros depois da passagem que acabara de abrir. O que julgava que fosse lhe tomar o dia inteiro de trabalho fora feito em pouco mais de duas horas.

Voltou para o lado do túnel onde havia luz. Tapou o buraco com o compensado e pressionou a porta improvisada contra a parede usando a barra de ferro como trava. Fez uma nota mental: iria à Casa de Acolhida buscar uma lanterna que guardava em seu armário de ferramentas. Assim poderia explorar o novo espaço.

Pelos seus cálculos, ainda não era meio-dia. Estava coberto de poeira e pó de tijolo, além de suado. Foi até o pátio de entrada, onde havia uma torneira com uma pequena mangueira que inúmeras vezes usara como chuveiro, e lavou-se o melhor que pôde. De volta ao túnel, pegou o colchonete dependurado no grampo da gambiarra, desenrolou-o e estendeu-o no lugar onde habitualmente dormia, a uns dez metros do buraco recém-aberto. Deitou-se e ficou alguns minutos olhando para o teto de rocha. Virou o corpo de lado e olhou para o compensado. Pusera alguns tijolos na parte de baixo e de cada lado da porta improvisada, para firmá-la melhor.

— Berê, tenho novidades sobre o travesti. Na verdade, duas novidades. A primeira é que saíram os laudos do IML sobre Valéria e Careca; a segunda é que a polícia já confirmou que o homem que estava na praia e que supostamente seria a testemunha do crime é um sem-teto com o apelido de Russo. A polícia só não sabe é se esse Russo foi testemunha mesmo ou se foi o autor do crime.

— Por que um sem-teto ia matar um travesti?

— Isso eu não sei, Berê.

— E os laudos? Alguma novidade?

— Não muita. Valéria morreu da hemorragia provocada pela perfuração do fígado por um objeto cortante-perfurante. A vítima estava sob o efeito de cocaína. O menino, Careca, teve traumatismo craniano e fratura da primeira cervical. Estava entupido de cola de sapateiro. A polícia não acredita que a morte do menino tenha sido assassinato.

O telefonema fora às três e meia da tarde, quando Domingos sabia que Berenice fazia seu lanche. Ela estranhou: pela primeira vez, o telefonema fora apenas informativo. Imaginou a polícia saindo atrás de um sem-teto suspeito de assassinar um travesti na praia de Copacabana. Não fazia sentido. Sem-teto não comete assassinato. Comete pequenos delitos para sobreviver, só isso. E o que estaria fazendo um travesti na companhia de um sem-teto, à beira-mar, em plena madrugada de Copacabana? Mais ainda: por que um sem-teto cometeria um assassinato como aquele e ficaria encostado no paredão, no escuro, em vez de se afastar do local do crime? Faria mais sentido o sem-teto estar escondido no escuro por haver testemunhado o crime e ter ficado com medo

de que o assassino o visse. Claro, era muito mais fácil para a polícia pegar o primeiro sem-teto que se enquadrasse na descrição que tinha recebido. Ainda por cima um sem-teto branco, sardento, ruivo, e com uns trinta anos de idade. Culpado conveniente: pobre, de identidade duvidosa, sem teto e sem cidadania.

Um número pequeno de passageiros ainda se mostrava interessado no caso do travesti assassinado. Berenice continuava lhes dando novas informações, a maioria fornecida por Domingos. A hipótese de o crime ter sido cometido por um sem-teto foi recebida com total descrença.

Eram sete e quinze da noite quando o passageiro saltou do táxi no começo da rua Barata Ribeiro, vindo do centro. Berenice pensou em dar por encerrado o expediente e ir para casa. Apagou o indicador luminoso sobre a capota do carro e já ia contornar a quadra para tomar o rumo do Catete quando viu Russo andando pela calçada a poucos metros do táxi. Quando ele tirou o boné por alguns segundos para passar a mão nos cabelos, mesmo com a pouca luz do dia que acabava, ela não teve dúvida: eram autênticos cabelos ruivos sobre um rosto sardento. Só podia ser o sem-teto que a polícia estava procurando. A única coisa que não combinava com a descrição que Berenice tinha dele era o fato de que não parecia um sem-teto: estava vestido corretamente, o andar era firme e decidido, e não dava a impressão de estar vagando à procura de um abrigo; havia ainda aquele boné incongruente.

Quis estacionar o carro para segui-lo a pé, mas estava no meio do trânsito. A única coisa que podia fazer era aproveitar a lentidão da hora do rush para tentar segui-lo com o carro, como se estivesse em busca de passageiro. Conseguiu fazer isso por duas quadras, depois ele dobrou à direita, na direção da Tonelero. Ela dobrou atrás. A Tonelero àquela hora também

estava com o trânsito lento. Berenice rodava junto à calçada por onde o homem caminhava. Ele andava com passos regulares, e ela ora ficava atrás, ora o ultrapassava, sem perdê-lo de vista pelo retrovisor. Foram oito quadras em que ele tomou a dianteira várias vezes, quando o táxi de Berenice ficava retido num sinal vermelho. Chegaram praticamente juntos ao cruzamento com a Santa Clara. Ele começou a atravessar o túnel Major Vaz, que desemboca na Pompeu Loureiro. Ela atravessou o túnel mais depressa que ele e estacionou à direita no início da Constante Ramos, junto à pedra do morro dos Cabritos. Esperou que ele terminasse de atravessar o túnel para ver para que lado ele ia. Para sua surpresa, ele entrou no mesmo trecho de rua em que ela estacionara. De dentro do carro, Berenice viu Russo percorrer a calçada com o mesmo passo decidido em direção ao morro, subir pela pedra até ultrapassar o muro da última casa e desaparecer. Debruçada sobre o volante, o rosto quase colado no vidro dianteiro, Berenice esperou um minuto ou dois para ver se ele voltaria, depois desceu do carro e caminhou até o ponto em que ele desaparecera. Do outro lado do muro só o que se via era a extensão nua da pedra perdendo-se no escuro.

A incursão à Casa de Acolhida lhe valera um bom banho e roupas limpas, mas não sentiu vontade de ficar na rua. Queria voltar ao túnel e descobrir o que havia do outro lado da parede de tijolos. Estava com sua lanterna e trouxera uma reserva de roupa.

Chegou ao pátio ainda a tempo de entrar pelo portão da frente, mas preferiu dar a volta pelo final da Constante Ramos e andar pela encosta de pedra até a entrada do túnel. Era uma volta grande, mas não queria revelar sua presença nem para o vigia. Dentro do túnel, as lâmpadas estavam acesas. Quando se aproximou do final da galeria, teve a sensação quase intolerável de que encontraria a passagem aberta, sem a madeira de proteção. A uns vinte passos do final, tirou a lanterna do bolso e apontou para onde ela deveria estar. O quadrado de madeira brilhou com mais intensidade do que a parede fosca de cimento.

Sua respiração estava um pouco ofegante por causa da longa caminhada a passo acelerado. Tirou a roupa, vestiu um short. Não descalçou o tênis, pois pretendia fazer uma investigação preliminar antes de se deitar. Ainda tinha duas horas até a gambiarra ser desligada. Retirou a tábua da abertura, acendeu a lanterna e dirigiu o fecho de luz para o trecho desconhecido da galeria. Viu que do lado de lá da parede a escavação continuava em tudo idêntica ao lado de cá, porém com menos acabamento. O chão estava recoberto por entulho, restos da escavação, a água minava da rocha, e a escuridão e o silêncio eram absolutos. Teve a nítida impressão de que o silêncio da galeria era consequência de sua entrada, do leve ruído de seus passos, do rumor de seu corpo. Sua chegada parecia ter provocado um súbito vazío, como o que se segue a um tiro disparado no meio da floresta.

Estranho como naquele lado da galeria o mesmo espaço se tornava menos diferenciado: as paredes laterais, o teto e o chão não se distinguiam uns dos outros, o túnel era um gigantesco tubo cavado na rocha bruta. O facho da lanterna apontado para o fundo do túnel perdia-se na escuridão. Provavelmente aquele trecho chegava ao início do corte do Cantagalo, com acesso pela praça Eugênio Jardim, trezentos metros adiante. Não pretendia fazer todo esse trajeto naquela noite, apenas ter uma ideia do que havia por lá.

No início seus passos foram cuidadosos e hesitantes, mas depois Russo verificou que o piso não era tão irregular quanto parecera antes. Na verdade era tão regular quanto o do outro lado. A diferença era que ele sabia exatamente o que havia do outro lado, bem como o ponto exato onde a outra galeria perpendicular levava à saída. Ali, naquele lado desconhecido, apenas supunha que um túnel de acesso chegara a ser cavado na pedra, mas não sabia onde ele estava. Se não houvesse um túnel de acesso, em algum momento encontraria uma barreira de rocha sólida em nada semelhante à sua frágil parede que imitava pedra. Depois de caminhar algumas dezenas de metros, parou para tentar identificar um ruído constante, longínquo. Eram guinchos extremamente agudos, quase imperceptíveis. Iluminou as laterais da galeria pensando que fossem guinchos de rato, mas viu apenas pedras. Fosse o que fosse, o ruído vinha de longe, de um lugar que sua pequena lanterna não conseguia alcançar.

Continuou andando, agora um pouco mais depressa. A intervalos regulares parava, apagava a lanterna, esperava os olhos se acostumarem com a escuridão, e procurava identificar alguma luminosidade, algum som, alguma corrente de ar, qualquer coisa que sugerisse a existência de outra abertura. Foi então que numa dessas paradas percebeu que os guinchos haviam cessado. Sempre que olhava para trás, via que a abertura

que havia cavado e por onde vazava a luz fraca vinda do outro lado ia ficando menor e menos clara. De repente, quando voltou a olhar para trás, não viu mais o retângulo iluminado. Concluiu que o vigia tinha apagado a gambiarra. Acendeu a lanterna decidido a retroceder, mas ficou em dúvida. Depois de olhar para trás tinha dado meia-volta ou uma volta inteira? À procura do ponto de partida, podia ter girado o corpo mais do que pretendia e agora já não sabia para que extremidade da galeria estava voltado. Virou o fecho de luz na direção das paredes laterais para ver se conseguia se orientar, inútil, a galeria era uniforme, e durante a caminhada ele não se detivera em detalhes que pudessem guiá-lo na volta. Decidiu andar na direção para onde estava virado.

No momento em que começou a andar, lembrou-se de que o traçado da galeria acompanhava a curvatura do morro, mesmo que esse arco, pouco pronunciado, não fosse percebido pelo caminhante. Nesse caso, era possível que ele não tivesse visto a luz da passagem porque a curva da galeria a afastara de seu campo de visão. Andara poucas vezes de metrô, mas lembrava-se do aviso no chão de uma plataforma de embarque: "Estação em curva, cuidado com o vão entre o trem e a plataforma". Plataforma em curva, galeria em curva.

Estava molhado de suor, suas pernas doíam de cansaço. Não gostava de metrô, e ali estava ele numa galeria de metrô, sem trem, sem trilho, sem gente. Uma gigantesca galeria vazia e deserta. E a pilha da lanterna parecia estar no fim. Achou melhor apagar a luz para economizar o pouco que restava de bateria. Sentou-se no chão e permaneceu um tempo imóvel, contendo a respiração, tentando ver ou ouvir alguma coisa. Afastou as pedras mais próximas e se deitou.

Berenice lutava contra a presença insistente de Russo em sua cabeça. A figura do marginal de cabelos vermelhos invadiu sua imaginação e afastou outros pensamentos. Tê-lo visto caminhando pelas ruas do bairro como um cidadão comum tinha sido uma experiência tão inesperada que chegara a duvidar que fosse ele mesmo, tamanha a despreocupação, o à-vontade com que se comportava, vestido de maneira correta, com passos firmes, determinados. Em nenhum momento olhara para trás ou para os lados. Não parecia um sem-teto procurado pela polícia. Nada nele era furtivo. Impressionante como eram ruivos os cabelos escondidos sob o boné! Ela só tivera certeza absoluta de que era ele ao presenciar sua surpreendente saída de cena no fim da caminhada.

A cena ocorrera no dia anterior, no momento em que ela dava por encerrada a jornada de trabalho e se preparava para voltar para casa, como fazia agora. Só que, em vez de voltar para casa, Berenice decidiu rumar para o pequeno trecho da Constante Ramos, onde estacionara na véspera enquanto via Russo desaparecer do outro lado do muro. Eram sete da noite agora, e ela estava disposta a ficar parada ali até as oito para ver se a cena se repetia. Claro, se ele era um sem-teto, não devia seguir nenhuma rotina. O limite de oito da noite era dela, não dele. Se informara, ficara sabendo que Russo não tinha mulher nem filhos, que não tinha casa nem coisa alguma que pudesse ser considerado moradia regular. Assim, nada levava a crer que ele apareceria novamente naquele lugar e àquela hora, e que desapareceria na montanha de pedra como fizera na véspera. Depois de meia hora, achou que ele não viria. Desceu do carro e andou até o ponto em que a rua tocava a pedra. Do lado esquerdo, junto à calçada, havia a entrada de uma galeria

subterrânea. Uma calha de cimento descia a encosta de uma altura de uns trinta metros e acabava junto à entrada da galeria, canalizando a água da chuva para o canal subterrâneo. Do outro lado da rua, o muro de uma casa subia uns dois metros a encosta do morro. Fora ali que, na noite anterior, Russo subira pela pedra, ultrapassara o muro e sumira na escuridão. Berenice apoiou as mãos na pedra que ainda guardava o calor do dia, avaliou sua inclinação, suave naquele ponto, apoiou um pé, depois o outro, e sem dificuldade subiu dois metros pela superfície áspera da rocha. Ali de cima dava para ter uma ideia do percurso seguido por Russo. Do outro lado do muro havia uma espécie de corredor de terra entre o morro e os fundos dos prédios; lembrou-se de que alguém lhe dissera que aquela era uma área de impacto, sujeita a possíveis deslizamentos de rocha, interditada a qualquer tipo de construção. Não havia sinal de Russo.

Começava a escurecer. Berenice voltou para o carro e sentou-se ao volante, decidida a esperar até as oito. Não entendia a própria ansiedade. Achava que Russo ia aparecer, que pularia o muro e que ela poderia interceptá-lo... E aí? O que diria a ele? Não tinha nenhum plano para o caso de realmente vir a encontrá-lo. Tinha certeza de que aquele homem não era um marginal nem um fugitivo da polícia. Quem fazia o percurso com a naturalidade com que ele andava, avançando com aquela calma, tão perto da delegacia do bairro, não estava fugindo. Mas, visivelmente, ele estava se escondendo.

Às oito em ponto ligou o motor e foi para casa.

Na manhã seguinte, em vez de ir para o ponto Berenice foi direto para a Tonelero. Atravessou o túnel Major Vaz, dobrou à direita na primeira rua e estacionou no mesmo lugar das vezes anteriores. Queria ver o território de Russo à luz do dia. Trancou o carro e foi diretamente para o muro da casa ao pé do morro. Estava de jeans e com o tênis de suas caminhadas matinais.

Foi fácil subir pela pedra, até conseguir olhar para o outro lado do muro. Notou que o corredor atrás dos prédios desembocava num amplo terreno localizado junto à boca do túnel Major Vaz. Desceu e contornou a pequena quadra que compreendia os quatro prédios da rua mais a casa junto à pedra. Eram cinquenta metros pela Constante Ramos, mais trinta dobrando a esquina em direção ao túnel. O terreno, que antes vira parcialmente, era um canteiro de obras pelo qual já passara dezenas de vezes sempre que atravessava o túnel e no qual nunca prestara atenção. Era uma grande área da prefeitura com mais de cinquenta metros de frente, protegida por um muro alto e um grande portão de ferro. Uma das bandas do portão estava aberta, e ela pôde examinar o local. O que chamou sua atenção mais do que tudo foi um segundo portão, muito maior do que o primeiro, também aberto, e que revelava a entrada de um grande túnel na pedra. Sem dúvida, era o túnel de acesso às galerias de um futuro trecho do metrô que cortaria o morro dos Cabritos naquele ponto.

Berenice voltou para o carro, deu partida no motor e rumou para o ponto de táxi. Três carros esperavam em fila, mas ela não estava com disposição para conversar com os colegas. Viu os carros saírem um por um; quando chegou sua vez, ao contrário do que desejava naquele momento, o passageiro era conhecido.

— Bom dia, Berenice.

— Bom dia, doutor. Para o escritório?

— Isso mesmo, obrigado.

Gostava daquele passageiro, mas temia que uma conversa prolongada a desconcentrasse. Devia ter esperado as ideias se organizarem antes de entrar na fila à espera de passageiro, pensou.

— Alguma novidade sobre o assassinato? — perguntou o homem assim que entraram na avenida Atlântica.

Berenice não gostou do tom da pergunta. Não acreditava que ele dedicasse mais de meio minuto do seu dia para refletir sobre o caso do travesti. Claro, o homem tinha jeito de ser bem ocupado, devia ter preocupações suficientes para preencher todos os minutos da sua vida. Por isso mesmo o normal era ele entrar no táxi pela manhã, conversar gentil e educadamente com ela durante o percurso e se limitar a emitir uma ou outra opinião. E só.

— A polícia não fez muitos progressos. Parece que um garoto tinha informações sobre uma possível testemunha, mas apareceu morto. Era um menino de rua. Ele disse que um sem-teto tinha visto o crime.

— E mataram o menino?

— Ninguém sabe dizer o que aconteceu. O IML disse que a causa da morte foi traumatismo craniano. O menino caiu dentro de um bueiro, mas ninguém sabe como ele caiu. Quer dizer, não se sabe se foi acidente ou não. O fato é que os outros meninos desapareceram da área. Têm medo de que aconteça a mesma coisa com eles.

— Você acha que não foi acidente?

— Tenho minhas dúvidas. Os meninos são muito espertos para cair em bueiro. A não ser que esse tenha cheirado muita cola.

— E ele tinha cheirado?

— Encontraram uma garrafa com restos de cola perto do corpo, e o laudo do IML fala em intoxicação por tolueno, que é a substância básica da cola de sapateiro.

— E o sem-teto?

— Ele parece diferente dos outros. Nasceu na rua e gosta de ser sem-teto. Não dorme debaixo das marquises nem anda por aí carregando tralhas; disseram que dorme em diferentes lugares. Às vezes no lugar em que presta algum serviço ou então em lugares públicos secretos ou desconhecidos das outras pessoas.

— Você conhece ele?

— Não, só vi uma vez, andando pela rua.

— E a polícia não consegue encontrá-lo.

— Vai ver que não quer encontrar.

— Por que não ia querer?

— Sei lá.

Ao entardecer, Berenice voltou para a Constante Ramos na esperança de ver Russo. Parou o carro na esquina para controlar tanto o trecho de rua até a pedra como o portão do canteiro de obras.

Berenice achava que muito provavelmente Russo se escondia no túnel abandonado do metrô. Se fosse verdade, ele teria que contar com a proteção do vigia noturno.

Até aquele momento não se perguntara seriamente o que a impelia àquela investigação. Achava que devia haver algum

motivo desconhecido para estar agindo daquela maneira; o que mais a surpreendia, porém, era não estar nem um pouco interessada em descobrir que motivo era esse. Simplesmente queria fazer aquilo e pronto. O ruído do telefone celular interrompeu seu devaneio.

— Onde você está, Berê? Já passa das oito.

— E o que você tem a ver com os meus horários?

— Ontem você também chegou tarde.

— Puta que pariu, Domingos, não sou mais sua mulher, você não tem porra nenhuma a ver com a minha vida, chego em casa à hora que eu bem entender, sem ter que prestar contas a homem nenhum. Se você está com saudades da vida de casado, procura uma mulherzinha e casa com ela, eu estou muito bem como estou. E faça o favor de não me telefonar quando estou trabalhando.

Berenice desligou o aparelho. Por alguns minutos esperou a raiva diminuir para poder voltar para casa. Quando saiu do carro para abrir o portão da vila, ainda não tinha recuperado a calma. Estacionou em frente de casa, pegou uma caixa com meia dúzia de mangas comprada num sinal de trânsito e entrou. A mãe, o filho e Domingos jantavam, conversando animadamente. Ficou um instante parada na entrada da sala segurando a caixa, à espera de que alguém se oferecesse para ajudá-la ou dissesse alguma coisa, mas ninguém prestou muita atenção nela. Foi até a cozinha, largou as mangas sobre a pia e subiu para o quarto. Quando desceu, de banho tomado e roupa trocada, o jantar havia terminado. Metade da mesa estava arrumada para ela, com o prato e os talheres na cabeceira. O lugar do pai, pensou.

A mãe trouxe a comida que esquentara para ela e voltou à cozinha; Tiago foi para o quarto assistir televisão e Domingos sentou-se ao lado dela.

— Por que você foi tão agressiva comigo ao telefone?

— Porque não tolero ser controlada.

— Eu não estava te controlando. Sua mãe tinha me convidado para jantar, e telefonei para saber se você já estava vindo, para jantarmos todos juntos. Berenice, você está ficando impossível. Está se afastando das pessoas, perdendo a alegria e até a feminilidade. Acho que a culpa disso tudo é essa maldita profissão de taxista. Não é profissão de mulher...

— Não estou perdendo a feminilidade. Me deixe jantar em paz.

— Está vendo? Foi o que eu acabei de dizer. Você está insuportável. Boa noite.

— Domingos, espera. Desculpe. Você tem razão...

— Como assim?

— Você tem razão, estou irritada... talvez esteja ficando tempo demais dentro do táxi... sempre a mesma coisa...

— Você precisa se ocupar com outra coisa.

— Sabe a história do travesti assassinado? Sabe o tal cara que a polícia está procurando, o tal Russo? Encontrei ele. Sei onde ele se esconde.

— Como é? Você encontrou o Russo? Falou com ele?

— Não. Vi na rua. Eu tinha acabado de deixar um passageiro na Barata Ribeiro quando ele passou bem ao lado do meu carro, andando pela calçada.

— E como você sabe que era ele?

— Não tem erro: não é alto nem baixo, uns trinta anos, branco, sardento e ruivo. Porra, Domingos, não tem dois sujeitos em Copacabana que se encaixem nessa descrição. Segui o cara

por umas quinze quadras: primeiro toda a rua Tonelero, depois atravessamos o túnel Major Vaz, entramos na Pompeu Loureiro, e ele dobrou à direita na Constante Ramos, naquele pedacinho que vai até o morro. E sabe o que ele fez? Subiu pela pedra, ultrapassou o muro da última casa e continuou pela pedra até desaparecer no escuro. Já era noite.

Domingos ficou olhando para Berenice como se esperasse a continuação da história. Os dois continuavam sentados à mesa, e Berenice ainda não acabara de jantar. Domingos pediu mais detalhes, e ela contou tudo o que sabia. Não era muita coisa, mas ele ficou interessado.

— E digo mais para você, Domingos. Não sei o que esse Russo viu na praia, mas garanto que ele não é o assassino.

— Por que tanta certeza?

— Intuição.

— Intuição, Berê? Isso não é nada para a polícia. A polícia quer é provas, indícios, testemunhas.

— Pois então ela que procure. Vou continuar agindo de acordo com a minha intuição.

— Como, continuar agindo? Você tem a intenção de investigar esse suspeito?

— Tenho. E ele não é suspeito de coisa nenhuma. Isso é golpe da polícia, é o que ela diz quando não tem o que dizer. Inventa um ou vários suspeitos para dar a impressão de que está realizando uma superinvestigação. Se ele fosse culpado e estivesse mesmo sendo procurado pela polícia, não andaria com tanta despreocupação pela Tonelero inteira, que é uma região muito frequentada por policiais, por causa da 12ª DP, ali perto. Duvido que esteja mesmo sendo procurado como suspeito da morte do travesti. Isso também não quer dizer que ele seja um

anjo e que nunca tenha feito nada de ruim. Talvez ele seja um cara interessante, Domingos. Se é verdade que viu o assassinato do travesti, vale a pena a gente investigar. Você não está querendo uma reportagem de primeira página?

— Berê, a gente não é policial, não sabemos fazer isso. A polícia trabalha com uma rede de informantes. Como vamos fazer para descobrir as coisas? Se formos ameaçados, não teremos como nos defender, não temos armas, o máximo que podemos fazer é xeretar a vida alheia e, mesmo assim, dentro de certos limites.

— Está bem. Então vamos xeretar a vida do Russo. Vamos saber quem ele é, quem são seus pais. Ele tem um tipo físico de estrangeiro. Vamos descobrir onde de mora, como se sustenta. Depois a gente chega ao que importa: se ele realmente presenciou a morte do travesti e o que estava fazendo na praia àquela hora. Não precisamos de armas para isso. Você é jornalista, e todo mundo conhece você nas delegacias de polícia, pode muito bem levantar a ficha não oficial dele.

— Tudo bem. Vou ver o que consigo. Mas não gosto nem um pouco dessa história de você ficar seguindo um marginal que ninguém sabe do que é capaz.

— Isso a gente não sabe de ninguém.

Russo abriu os olhos e nada aconteceu. Piscou algumas vezes, como quem experimenta o interruptor de uma lâmpada queimada, mas não houve alteração no ambiente. A ideia da cegueira lhe passou pela cabeça. Apenas a ideia, destituída de consistência e desacompanhada de sentimento. Sabia que não estava cego, e não era a primeira, vez que experimentava aquela sensação; acordara outras vezes durante o sono, abria os olhos e continuava vendo tudo escuro. O corpo estava doído e a bexiga, cheia. Tateou em volta, encontrou a lanterna e acionou o botão de acender. A bateria estava quase no fim, a luz produzida mal dava para iluminar a palma da outra mão. Pegou algumas pedras em volta e, utilizando o próprio corpo como referência, atirou-as para a frente e para os lados, e pelo barulho das pedras chocando-se contra a rocha facilmente localizou as laterais da galeria. Aproximou-se de uma delas e esvaziou a bexiga. Voltou para o centro da galeria, sentou-se no chão e ficou esperando o vigia ligar a gambiarra e iluminar a passagem. Sentia-se refeito depois da noite de sono, apesar do desconforto do chão de pedra. E a angústia que o invadira na véspera se dissipara.

Passado algum tempo Russo distinguiu ao longe uma luminosidade — prova empírica de que a galeria era em curva e de que a passagem ainda estava lá. Caminhou na direção da claridade difusa até ver surgir a passagem iluminada pelas lâmpadas da gambiarra, um clarão que lhe pareceu forte como a luz do sol. Minutos depois, ao transpor a abertura para a parte iluminada da galeria, sentiu como se estivesse chegando em casa. Pelo menos achava que devia ser isso, aquele bem-estar. Recolocou a tábua no lugar e vedou a passagem o melhor que pôde.

Ainda estava com a roupa que vestira para explorar a galeria e com a qual dormira no chão de terra. Trocou-a pela que usara na véspera e saiu em direção ao bar da esquina da Barata Ribeiro. Tomou um bom café-da-manhã e depois seguiu na direção da Casa de Acolhida, com a intenção de pegar um pouco do dinheiro que deixara escondido no quarto de ferramentas. Queria comprar uma lanterna mais possante e novas baterias.

O trabalho que estava fazendo na Casa de Acolhida era de fácil execução. Nos últimos meses pintara os dormitórios, o refeitório e os corredores; agora tinha começado a consertar e a pintar portas e janelas, e para isso tinha de ser um pouco carpinteiro, um pouco pintor. E era o que ele se tornara, o homem das mil e uma utilidades: pintor, pedreiro, carpinteiro, eletricitista, jardineiro. Para ele, tudo que implicasse habilidade manual era fácil. Inclusive as atividades ilícitas que garantiam sua sobrevivência. Não era empregado da Casa de Acolhida, não recebia salário, e ninguém perguntava o que ele fazia nos dias em que não estava lá.

Trabalhou durante a maior parte da manhã, almoçou com os funcionários da casa e estava deitado no único banco existente na quadra de esportes, uma área de terra batida que servia para todo tipo de atividade recreativa, quando alguém puxou de leve a manga de sua camisa. Continuou com os olhos fechados. Não estava com vontade de conversar com ninguém. Depois de alguns segundos, novo puxão e o chamado:

— Russo.

Abriu os olhos. Um menino ao lado do banco olhava fixo para ele.

— Dico! O que você está fazendo aqui?

— Perdi o dinheiro que você me deu.

— Dico, um cara esperto como você não perde dinheiro. O que você fez com ele?

— Eu... ela precisava do dinheiro. Minha namorada.

— Sua namorada? E quem é sua namorada?

— Jaqueline.

Russo ergueu o tronco, sentou-se e mandou o menino sentar ao lado dele.

— Quantos anos tem a Jaqueline?

— Catorze. Mas já tem peito e fica menstruada.

— Jaqueline estava precisando de dinheiro, e você deu para ela todo o dinheiro que eu te dei?

— É.

— E pra que ela queria o dinheiro?

— Pra comprar cola. Eu achei que tinha que dar o dinheiro... Ela era minha namorada, eu nunca, linha dado nada pra ela. Mas aí ela ficou a noite inteira dizendo que queria trepar comigo... Eu só queria namorar. Essa coisa de trepar pode ficar pra depois. Mas ela só falava nisso... Fui ficando nervoso. Quando o dia amanheceu, fui embora. Ela nem me viu sair.

— Você conversou com seu grupo? Conseguiu descobrir alguma coisa?

Parece que um cara andou perguntando quem era o Russo e onde ele morava. Parece que foi o mesmo cara que falou com o Careca.

— E quem é ele? É polícia?

— Acho que não... Ninguém sabe direito. Ele costuma andar com os homens.

— Como ele é?

— Eu nunca vi, mas disseram que é branco, grande e forte.

— Onde você está dormindo?

— Às vezes na rua Santa Clara, junto com a turma, perto do ponto de táxi: às vezes em outros lugares que eu conheço, pra não ficar dando mole sempre no mesmo ponto.

— Vamos fazer como fizemos até agora. Sempre que um de nós quiser falar com o outro, deixa um recado aqui na administração. Você sabe o nome desse homem?

— Não.

Durante toda a tarde, Russo raspou a tinta das janelas e venezianas da parte da frente da casa. Tomou banho, lavou a roupa usada na véspera, vestiu uma camiseta e trocou a pequena lanterna por outra maior, só que sem pilhas, que achou no depósito de ferramentas. Saiu com a lanterna dentro de um saco de plástico. A caminho de “casa”, comprou pilhas para a lanterna.

Estava na Tonelero, a algumas quadras do túnel Major Vaz, quando teve a mesma sensação que tivera dias antes na avenida Atlântica e, na véspera, ali mesmo na rua Tonelero: a de estar sendo seguido. Continuou andando como se fosse o mais tranquilo e distraído dos homens. Fez exatamente o mesmo trajeto do dia anterior: atravessou o túnel Major Vaz, dobrou na Constante Ramos, subiu pela pedra e desapareceu. Só que, em vez de entrar na galeria do metrô, atravessou o pátio do canteiro de obras, saiu para a rua e contornou a quadra. Quando chegou de novo à esquina da Constante Ramos, lá estava ele. Era o mesmo táxi que o seguira e que ficara estacionado exatamente naquela esquina. Passou por trás do carro e parou junto à janela do motorista. Havia uma mulher sentada ao volante. O vidro estava aberto e o motor, desligado. Russo aproximou o rosto da

janela do carro e perguntou:

— Esperando passageiro?

A motorista estremeceu e virou o rosto para ele.

— Você me assustou.

— Desculpe. Está esperando alguém?

— É... Estou... Ele já deve estar voltando.

Russo deu alguns passos pela beira da calçada como se procurasse um táxi, depois entrou numa padaria pouco antes da esquina seguinte. Esperou. Não haviam transcorrido nem cinco minutos, e ela passou com o táxi. Sem passageiro nenhum. Russo saiu da padaria e voltou para o canteiro de obras. Eram sete da noite, e o vigia conversava com o motorista do último caminhão a deixar o pátio. Ao passar pelo contêiner que ele usava como escritório e quarto de dormir, deixou sobre o peitoril da janelinha uma lata de cerveja, ainda bem gelada, que comprara na padaria. Estava cedo: poderia contar com a luz da gambiarra por um tempo mais do que suficiente para uma nova investigação na parte escura da galeria.

Não havia mais dúvida, estavam mesmo procurando por ele. Ficara surpreso com a mulher do táxi. Era o mesmo carro da véspera, mas então não tinha conseguido ver a motorista. Parecia bonita. Com o susto, perdera a graça e talvez um pouco da beleza, mas mesmo assim era bonita. Não devia ser uma policial disfarçada, não havia motivo para tanto, e aquele era um disfarce pouco prático e de grande visibilidade. O simples fato de o carro ser amarelo, com uma faixa azul nas laterais e um luminoso no teto, era mais do que suficiente para chamar a atenção de qualquer pessoa, principalmente se o táxi está livre na hora do rush. Além do mais, uma policial não teria permitido uma aproximação como a que ele fizera.

Russo passava e repassava a cena enquanto se aproximava da abertura para a outra galeria. Na véspera, tinha notado que um táxi o seguira de perto enquanto voltava da Casa de Acolhida e depois estacionara na mesma esquina de hoje. A mulher não estava ali esperando passageiro nenhum. Estava era procurando por ele. Talvez não fosse a melhor maneira de encontrar uma mulher bonita como aquela, mas sem dúvida fora a mais rápida e inesperada.

Tal como fizera na véspera, tirou a roupa, vestiu o short, e conservou o tênis. Pendurou a lanterna no pescoço com um pedaço de fio, para o caso de precisar usar as duas mãos, depois retirou a tábua que tapava o buraco e passou para o outro lado.

Ficou algum tempo parado, atento a qualquer ruído. Junto à abertura ainda havia um pouco de luminosidade. O reflexo da gambiarra clareava o chão ao redor, mas não o suficiente para iluminar as paredes. Tirou a lanterna do pescoço e experimentou-a na escuridão. O aparelho iluminava as paredes laterais da galeria e lançava um fecho que alcançava dezenas de metros. Para além da luz, mais escuridão. Avançou devagar, examinando tudo em detalhe. Aos poucos foi adquirindo confiança, e seus passos ganharam firmeza. Depois de avançar por um bom trecho, apagou a lanterna e conferiu o retângulo de luz às suas costas. O retângulo tinha sumido, e a escuridão era total. Voltou a andar, e ao ruído regular de seus passos sobre o piso coberto de pó de pedra juntou-se o som agudo e distante que ouvira da primeira vez. Impossível identificar a fonte daquele ruído e a que distância estava. Dirigiu o fecho de luz para o chão e para as paredes em volta, à procura de algum objeto ou resíduo que indicasse uma presença humana recente. Andou por muito tempo, ou pelo menos o que lhe pareceu ser muito tempo. O chão irregular e as paradas constantes para examinar buracos e reentrâncias na abóbada de pedra distorciam sua noção de tempo, mas Russo

tinha a impressão de estar andando havia mais de meia hora, quando o que lhe pareceu ser uma curva mostrou-se na verdade uma parede de pedra: o fim da galeria, a pedra bruta da montanha. Não havia saída por aquele lado. Desanimado, sentou-se no chão e examinou a parede rochosa em busca de uma saída para o que supunha ser a estação seguinte. A única coisa diferente que havia ali era uma fenda natural cortando a rocha de alto a baixo. A fenda tinha pouco mais de três palmos de largura e não levava a lugar nenhum. Nada que se assemelhasse a uma passagem para o exterior. A única saída era pelo mesmo lugar por onde entrara.

Estúpida, incompetente, é isso que dá se meter a detetive, o cara só faltou morder a tua orelha. “Está esperando alguém?” “Estou, ele já deve estar voltando...” Burra. Por que não admitir que fora apanhada em flagrante? “Então, Russo, podemos conversar?” Quem ia tomar o susto era ele. Agora vai ser mais difícil, a menos que você abra o jogo e ele acredite em você. Já mentiu uma vez para ele. Ele saiu rindo.

— Aconteceu alguma coisa, minha filha?

— Por quê, mãe?

— Porque você chegou com cara de quem teve algum aborrecimento.

— Me aborreci comigo mesma, mãe.

— Melhor assim... Mais fácil fazer as pazes.

Além do mais, que porra de sem-teto é esse que se veste como gente normal, fala como gente normal e não se intimida quando vê que alguém o está seguindo de táxi, espionando onde ele vive? Sem-teto é um excluído, um merda, anda malvestido, sujo, carrega um monte de traste de um lado para outro e procura abrigo e um canto para dormir debaixo das marquises. Além disso se borra de medo de ser morto a paulada ou queimado enquanto dorme. As coisas com Russo não combinavam com a imagem que ela fazia de um sem-teto.

Manhã do dia seguinte. Domingos chegou quando Berenice lavava o carro com a mangueira, de short e camiseta.

— Bela visão. Pena o carro!

— O que tem o carro?

— Nada. É que a cena seria mais bonita só com você.

— Domingos...

— Tudo bem. Bom dia. Paz. Estou com um retrato falado do suspeito.

— O cara não é suspeito. É pseudo-suspeito.

— Bem, nosso pseudo-suspeito é a figura conhecida mais misteriosa de Copacabana. É descrito como um punquista que sempre atuou no bairro, mas ele nunca foi autuado nem preso pelo simples fato de nunca ter havido flagrante. Conhece os subterrâneos de Copacabana como ninguém e é capaz de desaparecer num bueiro e depois reaparecer cinco ou seis quadras adiante. Sempre rouba pouca coisa, só o suficiente para se manter, e nunca com violência ou ameaça física. Não anda armado e jamais se meteu com drogas. Tem trânsito fácil entre prostitutas e travestis. Parece que nasceu na rua e que nunca viveu em nenhum outro lugar, só na rua. Dizem que a mãe era uma adolescente sem-teto e o pai, um turista estrangeiro. Trepada de ocasião. Que foi abandonado aos cinco anos de idade e adotado por um grupo de sem-teto que depois o passou para outro grupo, e assim por diante. Os educadores de rua até que cuidaram dele, mas a ajuda mais constante e duradoura que ele teve veio dos travestis que atuavam como mães-de-rua. Não tem amigos, nunca teve companheira. Em outras palavras, é um solitário que não incomoda ninguém a não ser os turistas. A polícia tem gente mais perigosa com quem se preocupar.

— Então a polícia não está atrás dele, mesmo sabendo que ele testemunhou o assassinato do travesti?

— Mais ou menos. Se derem de cara com ele dão uma geral, mas não vão sair em diligência só porque estão falando que ele

talvez tenha presenciado um crime. Ele não é suspeito, nisso você tem razão. A polícia acha que ele não deve ter visto grande coisa. No máximo um casal andando pela praia à noite. Como testemunha, não vale muito.

— Então, se pegarem ele, vão fazer um pouco de média para a imprensa, mas não vão conseguir segurar o cara muito tempo. Puta sacanagem.

— Berenice...

— Está bem. Enorme injustiça.

— Nem tão injusta assim. O cara é batedor de carteiras, rouba turistas desde menininho.

— Mas você mesmo disse que ele só rouba o necessário para sobreviver, e ele é sem-teto, precisa de muito pouco.

— Você fala desse cara como se ele fosse um irmão mais moço que precisasse da proteção da irmã mais velha.

— Sem essa de sentimentalismo. Só acho uma sacanagem pegarem o cara para bode expiatório. Ainda mais que tudo que a polícia sabe desse episódio é conversa de menino de rua. Não se esqueça de que muitos deles passam o dia inteiro cheirando cola. Não dá para confiar nas histórias que eles contam.

— Você não acha estranho que o único que parecia saber alguma coisa tenha morrido?

— Caiu num bueiro depois de cheirar um monte de cola. Não foi isso que o médico-legista disse? Ou você acha que o Russo matou o menino?

— Não acho nada, Berenice. Ou melhor, acho. Acho que se o corpo do travesti não tivesse sido encontrado por um menino de dois anos, filho de diplomata, ninguém ia se lembrar do caso e a gente não estaria aqui falando de um marginal.

— Você me trouxe novidades, e eu também tenho novidades para você. Falei com o Russo.

— O quê!?

— É. Falei com ele... E fiz papel de boba.

Berenice contou a Domingos que havia seguido Russo outra vez e que de novo o vira subir pela mesma pedra e desaparecer. Contou como ficara esperando dentro do carro que ele voltasse e que dessa vez ele aparecera na janela dela de repente, vindo do outro lado, perguntando se ela estava esperando algum passageiro.

Domingos, fiz papel de idiota. Ele me pegou de surpresa e eu me assustei. Ele saiu sorrindo. Foi o que mais me irritou.

— Você não devia ter feito isso. Correu perigo. Ele podia ter feito alguma coisa com você...

— E fez, porra, me humilhou. Agora vou falar com ele de qualquer jeito.

— Vou com você.

— Não. Quero ir sozinha. Não quero parecer a babaca que vai chamar o marido ou o irmão mais velho para tomar satisfação do homem que riu dela.

— Quando você vai procurar por ele?

— Ainda não sei. Hoje, amanhã, depois de amanhã... O dia não importa.

Berenice enxugou o carro, passou aspirador de pó nos bancos e no chão, arrumou o porta-malas, sentou-se na mureta da varanda e ficou esperando. Domingos não fez mais comentários sobre o encontro que ela pretendia ter com Russo nem tentou dissuadi-la da ideia, o que a deixou desconcertada. Passados alguns minutos ele se despediu, dizendo que se soubesse de

alguma outra coisa sobre Russo, diria a ela.

— Você está preocupado com alguma outra coisa?

— Talvez eu esteja exagerando, mas quando você for falar com ele escolha um lugar público. E se mudar de ideia e quiser companhia, ligue para o meu celular.

Ainda era cedo. Tiago estava no parque do Flamengo jogando futebol, e sua mãe cuidava da arrumação da casa. Se tomasse um banho rápido, ainda teria umas duas horas antes do almoço. Às nove e meia saiu com o carro em direção a Copacabana.

Achou que se estacionasse no mesmo lugar das outras vezes teria mais chance de ser vista por ele. Esperou durante quase uma hora. Depois foi até o portão do canteiro de obras e espiou por um recorte na chapa de ferro. Quando apoiou as mãos no metal para olhar pelo buraco, o portão se moveu e se entreabriu. Estava só encostado. Berenice empurrou um pouco mais e deu um passo para dentro. Não havia ninguém à vista. O contêiner mais próximo do portão estava com a porta aberta. Bateu palmas. Pouco depois apareceu um homem muito magro, de cabelos grisalhos.

— Bom dia, o senhor é o vigia?

— Também tomo conta das ferramentas. A senhora deseja alguma coisa?

— Estou procurando um homem que talvez o senhor conheça. Ele é conhecido como Russo, não sei se trabalha aqui, mas da última vez que nos falamos ele saiu daqui de dentro.

— Não sei o nome de todo mundo que trabalha aqui.

— Esse Russo tem a pele clara e o cabelo vermelho.

— Aqui não tem ninguém assim.

— Não precisa ficar preocupado. Não sou fiscal, não sou da polícia, não sou jornalista e não me interessa se ele está aqui legalmente ou não. Preciso falar com ele. só isso. Se aparecer alguém do jeito que eu falei, diga que a moça do táxi vai estar

esperando por ele hoje, entre cinco e seis da tarde, no mesmo lugar de ontem. O senhor vai fazer um favor a mim e a ele. Se o senhor gosta de cerveja, isso aqui dá para tomar algumas e aliviar o calor. — Passou uma nota dobrada para a mão dele.

Berenice chegou em casa minutos depois de Tiago.

— Trabalhando hoje, mãe?

— Foi só uma corrida agendada. No fim da tarde tenho outra.

Às cinco da tarde Berenice parou o carro na esquina de sempre. Às cinco e meia, começou a achar que o vigia da obra não dera o recado a Russo. Às quinze para as seis, estava a ponto de desistir quando olhou pelo espelho retrovisor e viu Russo atravessando a rua em direção ao Carro. Sentiu o coração acelerar e uma espécie de vazio momentâneo, como se fosse desmaiar. Respirou fundo e esperou.

— O que você quer comigo?

— Quero falar com você.

Berenice abriu a porta e desceu. Russo era da mesma altura que ela, tinha o corpo enxuto, forte e, apesar do modo seco de falar, um olhar macio.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Meu nome é Berenice. Sou motorista de táxi.

— E o que uma motorista de táxi quer comigo? Você está me seguindo há três dias. Não costumo andar de táxi.

— Desculpe por ter te seguido, mas não havia outra maneira.

— Outra maneira de quê?

— De saber se era você mesmo.

— Moça, é melhor explicar melhor as coisas.

— Você tem razão. Melhor começar pelo começo. Como eu já disse, sou motorista de táxi. Este é o meu carro. Faço ponto na rua Santa Clara, na quadra da praia, e soube da morte do travesti assim que cheguei no ponto, na manhã daquela segunda-feira...

Berenice contou sobre as conversas com os passageiros, sobre o que achavam seus colegas taxistas, sobre as histórias

que os meninos de rua contavam a respeito da morte de Careca, falou sobre como o nome dele, Russo, tinha surgido nas conversas, e também disse que na opinião dela ele não tinha nada a ver com o crime, que ele estava era sendo envolvido injustamente na história, e que quando o vira andando na calçada da Barata Ribeiro não tivera dúvida de que ele era o Russo de quem todo mundo estava falando.

— E por que tanto interesse por tudo isso? Por que você acha que eu não tenho nada a ver com o crime? Você já me conhecia?

— Não. Nunca tinha te visto, nunca tinha ouvido falar em você até anteontem.

— Então por que essa certeza de que não tenho culpa nenhuma na história?

— Achei que a polícia estava inteiramente perdida, não tinha descoberto nada e que, como o secretário de Segurança falou que ia fazer uma investigação cuidadosa, você ia ser usado para dar alguma satisfação à imprensa... Isso me deixou indignada e comecei a me interessar em saber o que tinha acontecido de fato. Achei que ninguém estava interessado na morte do travesti e na descoberta do assassino. Que todo mundo só queria era encerrar o assunto, e que a verdade não tinha a menor importância.

— Moça, você é mesmo estranha. E muito descuidada. E se eu tivesse matado o travesti? Podia matar você agora, que ninguém ia saber.

— O vigia do canteiro de obras saberia, um jornalista amigo meu também. Mas você não é assassino, provavelmente nunca matou ninguém, não tem antecedentes criminais e leva uma vida solitária sem se meter com ninguém. Por que ia mudar de uma hora para outra?

— Você sabe mais sobre mim do que eu mesmo.

— Não, não sei. Isso foi o que me contaram, pode não ser verdade.

— O que você quer saber?

— Você matou o travesti?

— Não.

— Sabe quem matou?

— Também não.

— Mas você não estava lá?

— Estava, mas não vi nada. A única coisa que vi foi um casal andando pela areia em direção ao mar. Era de noite, eu estava longe e só vi o casal de costas. Não seria capaz de reconhecer nenhum dos dois. Eu só soube que a vítima era um travesti quando me contaram. Se o menino não tivesse me visto naquele lugar, eu não tinha com que me preocupar.

— O Careca.

— Ele mesmo.

— Que morreu logo depois.

— O pessoal da polícia me conhece. Sabe que eu não matei ninguém. Estou preocupado é com o assassino. Ele, sim, pode estar atrás de mim. Acho que foi ele quem matou o Careca.

— Podemos conversar melhor outra hora? — perguntou Berenice.

— Por mim, tudo bem. Quando quiser, deixe um recado com o vigia. É boa gente.

Passava das sete quando Berenice entrou com o carro na vila. Caía uma chuva fina que em poucos minutos se transformou em grossa chuva de verão. Avó e neto assistiam a um filme japonês de lutas marciais na televisão.

A chuva continuou durante todo o domingo. Tiago não quis ir ao cinema; preferiu pegar três filmes na locadora. Para dona Rosa, ter a família reunida em casa durante todo o dia dedicado ao Senhor era quase a suprema felicidade. Só faltava Domingos, que, embora a filha não se cansasse de repetir que era seu ex-marido, e não marido, continuava sendo o pai de Tiago. Além disso, para ela a comunhão abençoada por Deus entre um homem e uma mulher era indissolúvel.

Duas semanas haviam se passado desde que o menino descobrira o corpo do travesti na praia.

— É isso aí, Domingos, todo mundo está perdido nessa história.

— E com isso até agora nada sobre o assassinato da coitada da Valéria, que está morta e bem morta.

— Domingos, preciso desligar, está chegando passageiro.

Eram dois os primeiros passageiros daquela manhã de segunda-feira. Dois senhores que moravam no mesmo prédio e que mais de uma vez haviam utilizado o mesmo táxi para ir ao centro. Eles entraram e só depois olharam para a motorista.

— Que bom! É a nossa jovem e elegante Berenice. Bom dia.

— Bom dia. Início da avenida Rio Branco?

— Isso mesmo, você tem boa memória.

— Da última vez, falamos sobre o cadáver encontrado na praia.

— Isso mesmo. Você sabe qual o desfecho daquele caso?

— Só sei que não houve desfecho. Hoje está fazendo duas semanas, e não li nem ouvi mais nenhuma notícia sobre o assunto. Me disseram que não houve nenhum progresso nas investigações.

— Talvez estejam procurando no lugar errado...

A impressão que dá — disse Berenice — é que a polícia está cada vez mais distante dos personagens principais, que fica só rodeando personagens secundários. Na minha opinião, foi um crime passional.

— Por que você diz isso?

— Porque não encontraram nenhuma ligação do travesti com o tráfico. Ele até podia ser usuário, mas não era traficante. Queima de arquivo é coisa de crime organizado ou de crime cometido pela própria polícia, e em geral envolve droga, jogo e corrupção. Não parece ser o caso. O mais provável é que tenha sido um crime passional, que entre travestis e homossexuais costuma ser assim violento.

Na hora do almoço, Berenice deixou um recado para Russo com o vigia. Como não podia estacionar na rua, embicou o carro no portão e buzinou; quando o vigia apareceu, entregou-lhe um bilhete e uma gorjeta. No bilhete, dizia a Russo que estaria esperando por ele às sete da noite no lugar de sempre.

No final da tarde o trânsito complicou. Às seis e vinte, Berenice pegou uma passageira para Laranjeiras e lhe ocorreu que se Russo comparecesse ao encontro às sete em ponto ela talvez ainda não estivesse lá. Lembrou-se em seguida de que no último encontro ele tinha chegado quarenta e cinco minutos atrasado, e sem nem pedir desculpas. Conseguiu chegar à Constante Ramos às sete e cinco. Estava cansada de ficar sentada. Desde que passara por lá para deixar o recado com o vigia, não parara no ponto uma única vez.

Saiu do carro e ficou em pé, encostada na porta. Russo só apareceu vinte minutos depois. Vestia bermuda, tênis e camiseta. Contornou o carro, olhando para dentro do veículo, depois parou ao lado de Berenice. Chegou perguntando:

— Com quem você trabalha?

— Como assim? Trabalho sozinha, sou dona do meu carro.

— Não é isso que estou perguntando. Não acredito que você seja motorista de táxi. Quero saber quem é o seu companheiro de trabalho.

— Por que a pergunta? Aconteceu alguma coisa?

— É o que mais me acontece na vida, moça. Coisa atrás de coisa. Principalmente quando pessoas começam a se intrometer comigo. Por exemplo, foi só a gente conversar ontem, para hoje de manhã aparecer um sujeito querendo saber da minha vida. Nunca ninguém se importou com ela, e em duas semanas um monte de gente quer saber quem eu sou e onde eu moro. Os dois últimos foram você e o tal cara que fez perguntas ao vigia.

— Não sei de nenhum cara. Não trabalho com ninguém. Fui atrás de você porque achei que estavam fazendo uma grande sacanagem e que iam te ferrar se não encontrassem outro idiota pra jogar a culpa. Não gosto de injustiça. E, isso aí. Se quiser acreditar, acredite; se não quiser, foda-se. Você não tem nenhuma obrigação de falar comigo. Quanto ao cara que te procurou, torça para ele não ser o assassino. Não se esqueça de que um monte de gente acha que você presenciou um crime. Talvez o criminoso não goste muito disso. Amanhã passo por aqui no mesmo horário. Se você quiser conversar numa boa, ótimo. Se não quiser, é uma pena. — Berenice entrou no carro, ligou o motor e saiu antes que Russo pudesse dizer alguma coisa.

Foi direto para casa, apesar de ter recebido inúmeros acenos

de possíveis passageiros. Se estivesse dirigindo um tanque de guerra, certamente passaria por cima do belo portão da vila. A mãe preparava o jantar na cozinha, e Tiago assistia televisão no quarto. Falou com os dois, lavou-se rapidamente, trocou de blusa e foi para a varanda esperar Domingos, convocado pelo celular assim que deixara Russo. Meia hora depois Domingos chegou.

— Por que o mistério e essa urgência toda? Aconteceu alguma coisa?

Sou eu que pergunto: aconteceu alguma coisa, Domingos?

— Não. Por quê?

— Porque foi só eu dizer o lugar onde tinha encontrado Russo para você ir lá no dia seguinte fazer perguntas a torto e a direito. Será que não dava para esperar e falar comigo antes? Você acabou de jogar no lixo o pouco de confiança que eu tinha conseguido obter do cara. Será que não percebeu a cagada que estava fazendo?

— O que está acontecendo com você, Berenice? Pirou? Virou tira e não contou pra ninguém? Está fazendo bico como olheira de delegado? Você é motorista de táxi, enfia isso na cabeça. Se prefere ser policial, entre para a academia de polícia. Estão precisando de gente para os traficantes treinarem tiro ao alvo.

Nenhum dos dois estava tomando cuidado com o volume das vozes. Tiago ainda assistia televisão no andar de cima, mas dona Rosa estava na cozinha, a poucos metros deles. Tampouco se importavam com os vizinhos. Portanto não foi por causa de ninguém que a discussão foi interrompida, mas por causa deles mesmos. Os dois se deram conta ao mesmo tempo de que ambos tinham razão. Feio menos em parte. Passado um minuto, Berenice reiniciou a conversa.

— Você está certo. Não sou policial, sou motorista de táxi.

Acontece que motorista de táxi é uma espécie de caixa de ressonância da cidade, e de uns tempos pra cá me dei conta de que uma caixa de ressonância é uma coisa oca, um vazio onde as vozes dos outros ecoam, e isso mexeu comigo. Passei a ver meu dia-a-dia como um vazio de voz, vazio de opinião, vazio de pensamento... As coisas mais banais e as mais graves e intensas passam por mim todo o tempo e depois vão embora junto com o passageiro. Aí aconteceu a morte do travesti. Foi essa história, assim como podia ter sido outra qualquer. Senti que tinha que fazer alguma coisa. Até o menininho de dois anos fez alguma coisa: revirou a areia com a pá e descobriu o cadáver. Resolvi continuar o trabalho que ele tinha começado. Dei sorte, e num fim de tarde a única testemunha do crime passou bem ao meu lado. Fui atrás.

Domingos não se moveu, não disse nada. Ficou apenas olhando para Berenice, ouvindo-a falar.

Quando dona Rosa apareceu na varanda para perguntar se Domingos ficava para jantar, encontrou a filha sozinha.

Domingos deixou a casa de Berenice e seguiu em direção à estação do metrô com a certeza de que estava na hora de encontrar Russo. A partir do momento em que Berenice passara a se interessar pelo sem-teto e se pusera em ação, o ritmo dos acontecimentos começava a ser determinado por ela. Por ela e por Russo. Estava na hora de mudar o jogo. Coisa que ele pretendia fazer agindo não sobre ela, que o conhecia bem e podia perceber sua intenção, mas sobre Russo, que não o conhecia nem podia prever seus atos.

Quinze para as nove. Ainda era cedo. Arriscaria uma passada pelos arredores do esconderijo de Russo. Se tivesse sorte, poderia até encontrá-lo entrando no túnel. Queria simplesmente conversar, sair do papel secundário e passar para o centro dos acontecimentos. Não pretendia mais permitir que Berenice tomasse decisões sem ele. Aquele interesse dela por Russo não podia ser apenas uma questão de justiça social, claro que alguma coisa mais pessoal devia estar acontecendo. Era o que ele pretendia descobrir; naquele momento queria apenas sondar o ambiente, sentir o clima. Coisa leve. Sem briga.

Desceu na estação Siqueira Campos, em Copacabana, e andou algumas quadras até a Constante Ramos. A esquina apontada por Berenice como local dos encontros era um ponto estratégico. Dali era possível controlar tanto a junção da rua com o morro como o grande portão de ferro do pátio de obras. Percorreu o último trecho da Constante Ramos e subiu um pouco pela pedra para verificar a inclinação da encosta. Sem saber, repetia os gestos de Berenice na primeira vez em que ela estivera lá. Sentiu a aderência do tênis à superfície da rocha e o apoio firme das mãos. Galgou numa só arrancada o trecho de encosta

por onde subia o muro da última casa, até o ponto em que a parede morria na pedra. Ninguém nas calçadas, ninguém nas janelas dos prédios vizinhos. Ultrapassou o muro e ficou alguns segundos esperando o latido de um cachorro ou o grito de um morador. Não houve latido nem grito. As luzes dos apartamentos iluminavam fracamente a superfície escura da rocha. Domingos resolveu seguir até o pátio de obras pela faixa de terra entre os prédios e o morro. Sabia que aquele era o caminho usual de Russo. O deslocamento só não foi mais rápido porque no escuro não era possível distinguir pequenas reentrâncias e saliências na pedra, mas chegou a seu destino sem dificuldades. Montado no muro divisório do terreno, observou atentamente a grande abertura na rocha. O pátio estava deserto. Havia apenas uma lâmpada acesa no portão da Pompeu Loureiro. O interior do túnel também estava iluminado e pôde ver luz em um dos vários contêineres espalhados pelo pátio. Mas não havia ninguém à vista. Já que chegara até aquele ponto, pensou que valia a pena dar uma olhada no interior do túnel. O pior que podia acontecer era levar uma chamada do vigia noturno. Domingos já passara as pernas para o outro lado do muro quando viu um vulto se deslocando pela pedra. Era Russo.

Devagar, para não ser visto, transferiu o corpo todo para o outro lado do muro e desceu pela pedra até o pátio. O contêiner mais próximo estava a menos de dez metros. Foi até ele com movimentos lentos, o corpo meio agachado, e esperou Russo aparecer no alto do muro. Ele surgiu de uma só vez, de corpo inteiro, sem nenhum cuidado em se esconder. Desceu pela pedra e andou pelo pátio como se estivesse passeando pelo calçadão da avenida Atlântica. Trazia uma sacola de plástico. Dirigiu-se para o primeiro contêiner, o que estava com a luz acesa. De seu esconderijo, Domingos não via o que estava acontecendo nem conseguia ouvir o que Russo falava com o vigia, no interior do

contêiner. Em seguida, pelos intervalos entre os contêineres, viu Russo caminhar na direção da boca do túnel, entrar e fechar as duas bandas do grande portão. Esperou alguns minutos para ver se ele tornaria a sair, mas o pátio voltara à sua imobilidade anterior.

Eram quase dez da noite. Domingos achou melhor ir embora e subiu pela pedra para fazer o caminho de volta.

Desde a conversa com Domingos na noite anterior. Berenice sentia que alguma coisa diferente, estranha, estava se passando, mas não conseguia entender o que era exatamente. Acreditava que não fosse nada entre ela e o ex-marido, mas tinha a impressão de que Domingos estava captando alguma coisa que ela própria não percebia.

Naqueles anos como motorista de táxi ela desenvolvera uma capacidade de ouvir e argumentar que se tornara ainda mais aguda e crítica em anos recentes. Muitas vezes os passageiros que a conheciam puxavam conversa sobre temas polêmicos só pelo prazer de ouvi-la defender seu ponto de vista, que era, quase sempre, original. Entre os colegas de profissão, era conhecida como contestadora, e o termo tinha uma conotação negativa. Para ela, porém, soava como um elogio. Domingos se habituara ao jeito dela e procurava não contrariar suas opiniões. Raros foram, entre eles, os momentos de verdadeiro confronto de ideias: em geral ele aceitava o que ela dizia sem discutir. Ele se dava conta de que a capacidade e a agudeza crítica de Berenice eram maiores do que as dele. Domingos achava que do ponto de vista cultural os papéis estavam trocados: caberia a ele, o homem, mostrar-se racionalista e crítico, no entanto era uma pessoa emotiva e passional, embora reconhecesse que havia paixão na racionalidade de Berenice.

* * *

No dia seguinte. Domingos acordou pensando em telefonar para Berenice e perguntar se ela estava melhor. Mas se ela perguntasse "Melhor do quê?", ele não saberia o que responder. Melhor não telefonar.

Resolveu passar outra vez pela toca de Russo, mas agora não cometeria o erro de perguntar por ele ao vigia. Evitaria ser visto por alguém da obra ou pelo próprio vigia. Tomou banho e desceu para um café no bar.

Como estava a cinco quadras do pátio de obras, resolveu ir a pé. Passou pela calçada defronte à área do metrô caminhando normalmente, como se não soubesse que aquele trecho da rua levava unicamente ao canteiro de obras e ao túnel Major Vaz. Perto da boca do túnel deu meia volta, voltou pela mesma calçada e dobrou à direita na Constante Ramos, continuando a andar até a pedra do morro dos Cabritos. Caminhava olhando para os prédios, como alguém à procura de um endereço. Ao chegar ao fim da rua, não tendo mais para onde ir, consultou o número da última casa, lançou um olhar curioso para a enorme pedreira que se erguia à sua frente e se afastou dali. Nada de Russo. Voltaria entre as seis e as sete da noite, horário dos dois encontros de Berenice com Russo. Seria uma oportunidade de observar com maior precisão quem era ele, como era ele. Se Berenice mantivesse o horário dos outros dias, chegaria à esquina entre seis e sete. Ele estaria por perto.

Àquela hora da manhã as redações dos jornais ficavam às moscas. Se caísse uma bomba no meio de Copacabana, não haveria ninguém para receber a notícia. As delegacias policiais estavam entregues às tarefas burocráticas e trocas de plantão. Os hospitais, lotados de gente querendo ser atendida nos

ambulatórios. Domingos não tinha nenhuma vontade de visitar o cemitério para ver se havia algum morto ilustre sendo enterrado. Não era uma boa hora para procurar notícia. O melhor a fazer era voltar para casa, tirar a roupa, ligar o ar-condicionado e dormir mais algumas horas para aguentar o tranco da noite.

Acordou às duas da tarde com fome e dor de cabeça. Estava banhado em suor porque o ar-condicionado parara de funcionar e as janelas e a porta do quarto estavam fechadas. Verificou o quadro de luz, religou o disjuntor da chave geral, o condicionador de ar voltou a funcionar e a luz do corredor acendeu. Não se deu ao trabalho de especular sobre o que teria acontecido. Tomou outro banho, comeu metade de uma pizza que estava na geladeira havia dois dias e foi para a rua. Não tinha nada para fazer até as seis da tarde. Disponha de três horas para passar pela 13ª DP e se informar sobre a investigação do caso Valéria.

Não houvera nenhum progresso, estavam praticamente no mesmo ponto. Domingos indagou sobre outras ocorrências, mas não havia nada que fosse notícia. Saiu da delegacia duas horas e meia antes do provável encontro de Russo com Berenice, o que lhe permitiu passar também pela 12ª DP, na rua Hilário de Gouveia, em busca de notícias. Nada de novo. Seguiu então para o canteiro de obras do metrô. Repetiu exatamente o percurso de Russo tal como descrito por Berenice. Conhecia bem o caminho. Uma vez na Tonelero, cruzaria as ruas Siqueira Campos, Figueiredo Magalhães, Anita Garibaldi e Santa Clara, atravessaria o túnel Major Vaz e sairia na rua Pompeu Loureiro quase esquina com a Constante Ramos. Queria fazer esse trajeto para examinar possíveis esconderijos e caminhos de fuga de que Russo poderia valer-se. O primeiro lugar a ser visitado era a casa mais próxima do morro, aquela cujo muro subia pela pedra e onde na véspera vira uma varandinha que poderia muito bem servir como esconderijo. Ainda faltava uma hora e meia para o encontro,

tinha tempo suficiente para investigar o local.

A casa parecia estar vazia ou em obras; na entrada, a pequena, varanda com dois degraus. Domingos sentou-se na escada e ficou atento para o que acontecia na rua. Era um ótimo ponto de observação. Segundo Berenice, aquele muro ao lado da varanda era o que Russo contornava em seu caminho para o terreno do metrô. Sentado ali, estaria protegido dos olhares dos pedestres, praticamente inexistentes naquele trecho sem saída, e em posição estratégica para acompanhar a chegada ou a saída de Russo. Quem o visse sentado ali, pensaria que estava tomando conta da casa. O importante era que não seria visto por Berenice.

Enquanto esperava, tentou entender por que Berenice estava se envolvendo daquele jeito com situações e pessoas que lhe eram estranhas. O que a levava a afastar-se do trabalho e dedicar um tempo precioso a um sem-teto que nunca tinha visto antes e que não pedira sua ajuda? O próprio Russo? Improvável. Valéria, ou mais especificamente a noite de Valéria? À morte de Careca, o menino de rua?

Com o horário de verão, ainda teria pelo menos duas horas de luz, mesmo à sombra do morro dos Cabritos. Às seis, Berenice chegou e estacionou o táxi junto à esquina, com a frente do carro voltada para o morro. Permaneceu dentro do carro, com o motor desligado e os vidros baixados. De onde estava, Domingos via Berenice com o braço apoiado na porta do carro, mas era impossível que ela o visse. Estava sentado atrás de uma jardineira que lhe ocultava o corpo, mas que não o impedia de ter uma boa visão da rua por entre os restos de uma samambaia seca. Mesmo que ela ou Russo passassem defronte à casa, ele não seria visto. Durante meia hora, nem Domingos nem Berenice mudaram de lugar ou mesmo de posição. Às seis e meia, Russo surgiu na esquina, vindo do lado oposto ao de que esperava que viesse. Berenice devia ter visto pelo retrovisor, porque antes de

ele se aproximar do carro ela já abrira a porta e esperava por ele de pé na calçada. Domingos continuou onde estava. Imaginava Russo muito diferente do homem que agora conversava com Berenice. O encontro se dera sem aperto de mãos ou qualquer outra manifestação de cordialidade, e durou pouco menos de meia hora. Afastaram-se como haviam se aproximado.

Domingos estremeceu quando viu Russo tomar a calçada da Constante Ramos em direção ao morro. Faria, portanto, o caminho descrito por Berenice e passaria a três metros da varanda onde ele estava. Permaneceu imóvel, cotovelos apoiados nos joelhos, mãos na cabeça, contemplando o chão. Viu com o rabo do olho Russo se aproximar, passar por ele e subir pela pedra.

Quando olhou de novo para a esquina, Berenice não estava mais lá.

Russo nunca tinha visto nenhum vigia na varanda daquela casa. A imagem captada com o rabo do olho fora rápida e parcial, mas teve a impressão de ver um homem vestido como morador, e não como um vigia ou um sem-teto à procura de abrigo. Podia ser coincidência, mas era a segunda vez que um homem rondava o local quando a motorista de táxi aparecia para conversar. Em vez de entrar no túnel, adotou o procedimento do primeiro dia: atravessou o pátio do canteiro de obras, saiu pelo portão da Pompeu Loureiro e voltou à Constante Ramos pelo lado oposto. Estava dobrando a esquina quando viu um homem descendo a rua. Ele vinha depressa demais e Russo desistiu de tentar vê-lo melhor dali onde estava; se escondeu atrás de um carro estacionado e esperou que ele passasse. Não podia afirmar que era o mesmo homem que vira na varanda da casa, mas de uma coisa tinha certeza, sobretudo agora que o via de costas: era o mesmo homem que estava com Valéria naquela noite, na praia. Tinha a mesma altura, o mesmo corpo, o mesmo jeito de andar... O que aquele sujeito teria a ver com a motorista de táxi?

A conversa que os dois haviam tido minutos antes foi quase incompreensível para ele. Não as palavras ou as frases, mas o que ela estava de fato querendo saber. Pensou na possibilidade de ela ser uma jornalista, porém sua fala não era neutra, como achava que devia ser a dos jornalistas. Era uma fala intensa, forte, quase apaixonada, mas ele não entendia o que estava por trás daquele ímpeto todo.

Não devia ser ele. Berenice não estava apaixonada por ele e nem haveria por quê, uma vez que ela não o conhecia. Também não seria por motivos profissionais, caso ela fosse realmente taxista: nada mais distante de um táxi ou mesmo de automóveis

do que ele. Nunca na vida andara de táxi, assim como nunca tinha entrado num carro particular. Só andara em veículos do governo. Entenderia o envolvimento de Berenice se ela fosse escritora ou jornalista, uma pessoa que tivesse interesse profissional pelo mundo dos sem-teto, dos excluídos, dos descartáveis. Mas se fosse isso ele não se considerava adequado, pois não era um sem-teto típico. Era apenas uma pessoa sem amarras. Havia ainda a possibilidade de Berenice estar a serviço de alguém. Era a hipótese que fazia mais sentido, embora não a mais agradável. Gostava da motorista de táxi e desejava que ela fosse mesmo apenas uma motorista de táxi. Tudo nela parecia verdadeiro: o modo de falar, os gestos, o que ela dizia, a emoção... Mas sabia que havia gente treinada para ser assim, pessoas capazes de enganar qualquer um. Ele só não entendia por que iriam usar com ele uma pessoa tão especial. A menos que aquele travesti tivesse uma importância bem maior do que ele havia imaginado. Mas não era o que os jornais e a TV achavam, pois não tinham noticiado mais nada sobre o crime. Ninguém falava mais na morte de Valéria. O assunto estava tão morto quanto ela. Mas era indiscutível que dali em diante teria que redobrar os cuidados com Berenice, e se ela realmente estivesse agindo a mando de alguém, poderia ser perigosa.

Enquanto comia no botequim, Russo pensava no prejuízo que aquela história toda estava lhe causando. Nas últimas duas semanas fizera apenas rápidas incursões pela avenida Atlântica, e só nos fins de semana. Não tinha reservas para se manter durante muito tempo sem trabalhar. Assim que a polícia encontrasse alguém para apresentar à imprensa como autor do assassinato de Valéria ou que o caso fosse encerrado por insuficiência de provas, ele voltaria às ruas. Por enquanto, o melhor a fazer era se expor o mínimo possível e ficar alerta. Se aqueles encontros eram perigosos, se podiam resultar em danos

para ele, melhor interrompê-los. Além do mais, não fora ele quem se metera com a motorista de táxi, não fora ele quem se aproximara do homem que vira na praia com Valéria. Ambos poderiam se tornar péssimos encontros.

Quarta-feira. Se saísse cedo, daria para pegar o café-da-manhã na Casa de Acolhida antes de continuar raspando as venezianas. Salvo pelo ligar e desligar da gambiarra, era difícil calcular a hora no interior da galeria. A gambiarra estava ligada, mas ele não sabia havia quanto tempo. A primeira e única vez que usara relógio fora no fim da adolescência, lá pelos dezessete, dezoito anos. Era um relógio suíço, tipo militar, que não precisava de corda. Um policial tomara dele, dizendo que devia ser roubado e que ele ia apreender para o caso de o verdadeiro dono apresentar queixa na delegacia. Nunca mais usara relógio, mas às vezes fazia falta.

Na noite anterior fizera mais uma incursão para além da abertura na galeria. Diferentemente das vezes anteriores, que considerava preliminares, pretendia fazer agora uma investigação mais minuciosa. A julgar pela inclinação do túnel de entrada, calculava que a galeria devia estar quinze ou vinte metros abaixo do nível da rua. Caso essa suposição fosse correta e caso existisse alguma abertura para o exterior (o que explicaria o som estridente, possivelmente de morcegos, que escutara dentro da galeria), essa abertura na face externa do morro devia estar uns dez metros acima do nível da rua, o que daria um total de vinte metros entre o teto da galeria e a abertura externa, sendo que a ligação entre ambas só poderia ser feita através de uma fenda no interior da rocha. A hipótese não era absurda. Lembrava-se de já ter visto, mais de uma vez, morcegos saindo em revoada, ao entardecer, de um ponto do morro que só podia ser uma abertura na pedra.

Chegou à Casa de Acolhida ainda em tempo de tomar o café-da-manhã. As crianças estavam agitadas porque na noite anterior

a PM e a prefeitura haviam recolhido todos os menores infratores encontrados na rua. Sobraram apenas os poucos que conheciam as rotas de fuga pelos bueiros. Nem todos se arriscavam a percorrer as redes subterrâneas. Tinham medo de se perder, de não saber voltar, e de encontrar animais desagradáveis. Se bem que na opinião deles os mais desagradáveis eram os meninos mais velhos e os guardas das instituições para menores infratores. O fato é que a Casa de Acolhida estava com ocupação máxima. Russo tentou acalmar os mais agitados e os mais assustados, porém se ocupou principalmente dos valentões. Eram eles que costumavam ir parar nas instituições correccionais. Não sobrou muito tempo para raspar veneziana.

No fim do dia voltou à galeria pelo caminho habitual, mas em vez de seguir em frente e entrar pelo portão da obra ou pela pedreira, ficou sentado na escadinha onde vira o acompanhante de Valéria. Era um bom posto de vigia: ninguém o avistava da rua e tinha visão completa das duas calçadas; não seria surpreendido por ninguém e poderia surpreender quem chegasse. Pelos seus cálculos, passava um pouco das seis da tarde. Ficou sentado no degrau da varanda durante pelo menos meia hora, sem que o táxi de Berenice parasse no lugar de costume e sem que o homem aparecesse. Esperou um pouco mais, examinou bem os arredores e depois foi para casa.

Berenice dissera que seu ponto de táxi ficava na rua Santa Clara, na quadra da praia, e que se ele quisesse deixar algum recado todos os motoristas da área a conheciam, ou então, se preferisse, podia deixar recado no botequim da esquina do ponto. Russo se lembrou de que Dico dissera que era ali o lugar de encontro dos meninos de rua com quem ele andava.

Assim que terminou o café-da-manhã, Russo foi até a rua Santa Clara. Havia dias que não usava bermuda, camiseta e sandália de dedo; estava se vestindo com mais cuidado e às vezes era até confundido com um turista. Era essa, justamente, a sua intenção. Claro que a qualidade de sua roupa não condizia com a de um turista europeu, mas na massa dos transeuntes aquilo era irrelevante.

Da esquina da praia já pôde ver dois carros parados na esquina da Santa Clara. Nenhum deles era o de Berenice. Perguntou aos motoristas se ela já havia chegado, e lhe disseram que era comum ela pegar algum passageiro antes de ir para o ponto de manhã. Se quisesse falar com ela, a melhor hora seria entre uma e três da tarde.

Russo foi até o bar, parou alguns minutos na banca de jornal da esquina, circulou pelas calçadas próximas em busca de algum menino de rua que soubesse dizer por onde andava Dico, mas não conseguiu nada. O relógio do bar marcava oito e vinte e cinco. Berenice devia estar transportando advogados, engenheiros, médicos, executivos de todo tipo e moradores da vizinhança para o centro. Aquilo devia durar algumas horas. Melhor aceitar a sugestão do outro motorista e voltar no começo da tarde.

Não sabia o que fazer na rua àquela hora. Aliás, não sabia o

que fazer na rua à luz do dia. Aproveitar que estava ali no trecho mais frequentado por turistas estrangeiros de toda a orla para trabalhar um pouco era uma ideia estúpida e suicida. Oito e meia da manhã de uma quinta-feira de verão, os turistas ainda estavam dormindo, e quando saíssem à rua seria para ir à praia. Por isso haviam escolhido Copacabana. Portanto, nada de atividades estúpidas e inadequadas naquela hora do dia. O melhor que tinha a fazer era voltar para sua caverna. Ou então continuar raspando venezianas na Casa de Acolhida, o que também não era má ideia. Faria hora para voltar ao ponto de Berenice, e ainda podia filar o almoço.

Foi o que fez. Às duas da tarde, voltou ao ponto de táxi. Berenice estava sentada dentro do carro com um sanduíche numa mão e um suco de laranja na outra. Russo se aproximou pela frente, para que ela o visse e não levasse um susto. Antes de ele chegar ao carro, ela esticou o pescoço pela janela aberta.

— Russo, que surpresa!

— Seus colegas não avisaram que estive aqui?

— Ficaram em dúvida se era mesmo você...

Berenice saiu do carro e pousou o copo no capô do automóvel. Estavam ambos de pé junto ao meio-fio, encostados no carro.

— Não quero atrapalhar seu trabalho nem seu almoço.

— Esta é uma hora tranquila e tem outros carros no ponto, não se preocupe. Aconteceu alguma coisa?

— É sobre o homem que estava fazendo perguntas sobre mim.

— O que tem ele?

— Podem ser dois homens, e não um só.

— Por que você acha isso?

— Não vi o homem que esteve no pátio perguntando por mim, não sei como ele é, mas vi um homem que acho que também está me procurando. Vi quando ele desceu a rua e foi embora andando pela calçada. Não vi ele muito bem de frente porque tive que me esconder.

— E?

— Acho que foi o homem que eu vi com a Valéria, naquela noite na praia.

— Você acha ou tem certeza?

— A situação era diferente, tinha mais gente andando pela calçada, e não tinha aquela iluminação que tem na praia... Aquela rua é mais escura... Mas acho que é o mesmo homem. Isso explicaria o fato de ele estar procurando por mim...

— Puta que pariu!

— Algum problema? Você sabe quem ele é?

— Não... Acho que não... Não sei.

— Tem mais uma coisa. Pode ser uma ideia maluca, mas tudo isso é muito maluco.

— O que é?

— Pode ser que esse homem não esteja procurando por mim...

— Como assim?

— Ele pode estar procurando por você.

— Por mim?!

— Pode ser, e é isso que está me preocupando.

— E por que ele estaria atrás de mim?

— Não sei. Mas o fato é que nas vezes em que você foi se encontrar comigo ele estava lá e nas vezes em que você não foi ele também não apareceu. Acho que ele pode estar vigiando você, e não a mim... Porque se ele estivesse interessado em me pegar, era fácil. Se quisesse me matar, podia me dar um tiro naquele fim de rua que ninguém ia descobrir nada. Ele teve duas oportunidades de me pegar sem ninguém por perto. Foi por isso que pensei que não era eu que ele estava procurando, mas você.

— Russo, estou muito confusa, me dê um tempo para pensar. Preciso ficar sozinha. Estou confusa.

— Tudo bem, mas antes você estava preocupada comigo, agora sou eu que estou preocupado com você.

— Pode deixar, sei cuidar de mim. Às seis passo pela Constante Ramos. Se eu não for, não se preocupe: passo amanhã. Qualquer coisa, deixo um recado com o vigia.

Berenice entrou no carro, ligou o motor e saiu sem um destino específico. Queria se afastar do ponto, onde estaria sujeita à conversa dos colegas e à demanda dos passageiros. Pegou a avenida Atlântica, fez o primeiro retorno e foi até o começo da praia, no Leme, onde sempre havia vaga para estacionar.

Apesar do ar-condicionado e da leve brisa que soprava do mar, o sol forte que batia no carro tornaria insuportável ficar dentro do táxi parado. Depois de procurar o melhor lugar para estacionar junto ao calçadão, abriu todos os vidros para que a brisa marinha penetrasse no interior do veículo. Berenice estava a cinquenta passos da grande pedra do morro do Leme, onde começava a praia de Copacabana. Logo no início do caminho que contornava a pedra sobre o mar, havia um quiosque com cadeiras sob a sombra generosa de uma grande amendoeira, e por sobre

as ondas tinha-se a vista deslumbrante de toda a praia de Copacabana. Mas não era vista o que Berenice procurava naquele momento, e sim sossego para refletir sobre o que Russo acabara de lhe contar.

Não podia acreditar... Não queria acreditar... Ele certamente estava confundindo as pessoas. Dois homens haviam estado naquele pedaço de rua procurando por Russo: um deles fizera perguntas ao vigia, e esse ela sabia que era Domingos; o outro fora o homem que Russo vira descendo a rua. Esse ela não sabia quem era, e fora ele que Russo identificara como sendo o acompanhante do travesti na noite do crime. Certamente eram duas pessoas cujas imagens ele estava fundindo numa só.

O rapaz de avental branco preso à cintura estava parado na frente dela fazendo uma pergunta. Berenice pediu água-de-coco. O rapaz voltou em seguida com o coco, bateu com o lado cego do facão para verificar, pelo som, se continha boa quantidade de água, abriu uma das extremidades com o facão, enfiou dois canudos pelo orifício e depositou o coco num suporte de metal sobre a mesa. Tudo isso feito com gestos que pareciam obedecer a uma coreografia milenar de alguma sociedade secreta de abridores de coco. E, claro, sugeria uma gorjeta. Para azar do garçom, Berenice não prestara atenção a nada e só percebeu que o coco estava à sua frente quando o rapaz perguntou se ela queria mais alguma coisa.

Tomou devagar a água-de-coco e olhou para a praia em frente. Do caminho cavado na rocha cinco ou seis metros acima do nível do mar tinha-se não somente a vista da praia de Copacabana com as montanhas ao fundo como também a da imensidão do mar ocupando a extensão do horizonte. Dez anos antes, Berenice tinha se sentado naquela mureta de pedra na companhia de Domingos. Foram tempos bons, até começarem as reações violentas dele diante de toda e qualquer manifestação de

independência dela. Não era apenas a independência financeira que o incomodava. Ele se sentia ameaçado até com as demonstrações de independência intelectual e emocional dela, e reagia com violência. Lembrava-se do passeio àquele lugar como sendo um dos últimos da época em que tudo estava bem entre eles. A vista continuava deslumbrante, mas sua vida íntima tinha um sabor semelhante ao do daquela água-de-coco: nem doce nem salgada, boa para saciar a sede, mas insuficiente para propiciar prazer.

Meia hora se passara. A ansiedade havia diminuído, mas restava um mal-estar de fundo que contaminava seu esforço para afastar as ideias desagradáveis. Pensou nas pessoas religiosas que em momentos como aquele apelavam para Deus. Podia ser confortável, mas ela não gostava de mágicas.

Não devia continuar agindo daquela maneira. Não era assistente social. Mas não apenas isso. Ela era a única responsável pelo sustento da família. Se não trabalhasse, não entrava dinheiro. Não conseguia entender por que estava perdendo uma, duas horas do seu dia bancando a detetive ou brincando de salvadora de um sem-teto que em nenhum momento havia pedido sua ajuda. Mas agora o caso sofrerá um desvio de rota inesperado e assustador. Não conseguia deixar de imaginar Domingos caminhando na areia da praia na companhia de um travesti. Mais ainda, não conseguia aceitar a ideia de que o ex-marido e pai do seu filho pudesse ter tido um caso com um travesti. Não correspondia à imagem que tinha dele. O interesse sexual de Domingos por mulheres era claro. Mais do que heterossexual, ele fazia o tipo machão, atitude que desagradava profundamente a ela porque facilmente se transformava em grosseria. Verdade que o modo machão de ser inclui uma desqualificação da mulher, mas daí a escolher se relacionar com travestis ia uma grande distância. Só que aquilo tudo ainda era a

parte menos grave de toda a questão. Se Russo estivesse certo, Domingos não apenas teria tido algum tipo de relação com o travesti como o teria matado.

Pagou a despesa e voltou para o carro. Aquela era a hora de maior movimento de passageiros, não podia ficar sentada como uma turista apreciando a vista de Copacabana.

Apesar do cuidado que tomara, o interior do carro estava muito quente. Fechou os vidros, ligou o motor e regulou o ar-condicionado no máximo. Tomou o rumo do ponto da Santa Clara, mas uma quadra antes de chegar lá duas mulheres fizeram sinal para ela parar. Uma delas morava na avenida Atlântica, Berenice a conhecia de vista. A outra não morava no bairro. As duas iam para o Leblon. Uma corrida boa e agradável, toda pela orla marítima e sem confusão de trânsito.

— Já peguei seu táxi mais de uma vez — disse a primeira. — É difícil esquecer, porque são poucas as mulheres motoristas.

— Eu me lembro da corrida — respondeu Berenice —, deixei a senhora em Ipanema, na praça General Osório.

— Incrível, foi isso mesmo. Que memória extraordinária você tem.

— Você não tem medo de ser motorista de táxi? — perguntou a amiga.

— Não mais do que teria se fosse dentista. Meu local de trabalho é móvel, todo envidraçado e me dá mais possibilidade de fugir do que se eu estivesse trancada numa sala comercial sem ter como pedir socorro.

— Mas acho que na rua o perigo é maior — disse a passageira que morava na avenida Atlântica. — Outro dia mataram uma mulher aqui na praia.

— Não foi uma mulher, foi um travesti. Não que faça

diferença. Assassinato é assassinato.

— Mas convenhamos que é menos grave do que se fosse uma vizinha nossa.

— A Valéria era sua vizinha. Morava a duas quadras de distância do seu prédio — disse Berenice.

— Você conhecia ele... ela?

— Meu ponto de táxi é na Santa Clara, peito da praia. A gente acaba sabendo quem é morador da área.

— Mas você concorda que não é a mesma coisa?

— Não, senhora. Não concordo. Assassinato de travesti não é menos assassinato que assassinato de executivo.

— Pois eu acho que quanto mais eles se matarem, mais estarão contribuindo para a limpeza da sociedade. E devo dizer que no caso de Copacabana ainda há muito a ser limpo — afirmou a mesma passageira.

— O travesti que foi morto era boa gente. As pessoas que o conheciam gostavam dele. Não se sabe de nenhum ato violento que ele tenha cometido.

— Você não acha que ser travesti já é uma violência?

— Que violência?

— A de fingir que é mulher.

— Ele não está fingindo que é mulher, está só usando uma máscara. Debaixo da máscara tem um corpo de homem.

— Por que uma mulher como você fica defendendo um travesti?

— Porque ele não me ameaça como mulher. Além do mais, não estou defendendo o travesti, estou defendendo o direito dele à vida.

Como se houvesse um vidro separando a motorista e as passageiras, a conversa de repente deixou de incluir Berenice e prosseguiu apenas entre as duas ocupantes do banco de trás. O vidro era desnecessário, pensou Berenice, os passageiros são capazes de erguer separações igualmente eficientes e tão transparentes quanto.

O trânsito fluía livremente àquela hora na orla marítima, e em pouco mais de dez minutos chegaram ao destino. O pequeno incômodo causado pela resposta de Berenice já se desfizera.

A morte do travesti, que antes era quase uma causa para Berenice, tinha se transformado numa terrível ameaça. Não queria se encontrar com Domingos porque isso implicaria ter de fazer a ele a pergunta decisiva. Se o ex-marido respondesse que não tinha nada a ver com aquela história e que nem conhecia o travesti, então o caso estava encerrado. Se Domingos mentisse, ela perceberia.

Berenice voltava não pelas praias de Leblon e Ipanema, mas por dentro dos dois bairros, onde é mais fácil encontrar passageiros. Já percorrera várias quadras quando se deu conta de que não prestara atenção em possíveis clientes. Quando alguém fez sinal e indicou Copacabana como destino, ela achou ótimo. Não se sentia em condições de continuar trabalhando. Mesmo assim, ainda fez duas corridas para bairros próximos, depois tomou a direção do ponto de encontro com Russo. Assim que estacionou na esquina de sempre, olhou cuidadosamente em torno. Em seguida, foi a pé até a casa junto à pedra, mas não havia ninguém na pequena varanda. Voltou pela calçada oposta e entrou no carro. Nenhum sinal de Domingos. Nem de Russo. E assim foi até às sete da noite, quando desistiu de esperar e voltou para casa.

Logo que entrou com o carro na vila, suspirou aliviada ao não

ver ninguém na varanda de casa. Claro, havia a possibilidade de Domingos estar lá dentro conversando com a mãe dela ou jogando videogame com Tiago no quarto. Mas nada disso estava acontecendo; Domingos não aparecera nem telefonara. Atitude pouco comum, mas não muito rara. Às vezes ele desaparecia por dois ou três dias para depois reaparecer, quase sempre com um novo jogo eletrônico para o filho.

Preferia ter jantado sozinha. Foi difícil dar atenção à mãe e ouvir o filho falar sobre os acontecimentos do seu dia. Não conseguiu corresponder ao entusiasmo dele. Aos poucos a mãe e o filho foram percebendo que ela estava distraída, e o jantar terminou num silêncio melancólico. Berenice não conseguia se concentrar nem na fala do filho nem nas perguntas mais simples da mãe, mas sobretudo não conseguia se concentrar na pergunta que parecia um verme faminto a devorar seu cérebro. A mãe dispensou sua ajuda na cozinha. Berenice tomou um banho depois do jantar, engoliu duas pílulas para dormir, deitou-se na mais completa escuridão e, apesar do remédio, só conseguiu pegar no sono horas depois, de pura exaustão.

Na noite anterior, Berenice percorrera todos os recantos da memória em busca de alguma coisa no comportamento de Domingos que pudesse ser interpretada como sinal de uma possível implicação dele no assassinato de Valéria. A primeira coisa que encontrou era evidente demais para ser considerada um simples indício ou um sinal ambíguo. Era o potencial de Domingos para a violência. Potencial aparentemente inesgotável, que os anos de casados não haviam sido suficientes para esgotar. Várias vezes sentira na pele a violenta agressividade do marido, uma agressividade que também se voltava contra homossexuais e travestis. Domingos não tolerava a menor brincadeira ou insinuação vinda deles. Sua reação era a tal ponto desmedida que provocava repulsa em quem estivesse por perto. Esse tipo de comportamento se repetira várias vezes nos três anos em que haviam estado casados. Com as prostitutas, Domingos tinha uma atitude tolerante e benevolente. Mas o que provocara o rompimento entre os dois fora quando a violência se voltara contra ela. Passaram-se alguns meses até Berenice se dar conta de que não se tratava de um episódio isolado, mas de uma reação que fazia parte da natureza do marido. Então pediu o divórcio. Agora, uma década depois, no momento em que procurava um sinal antecipatório dos acontecimentos recentes, concluía que um homem que espanca brutalmente um homossexual e que espanca a própria mulher pode muito bem esfaquear um travesti. O que ficava por ser respondido era: por que um travesti? Qual a natureza da relação de Domingos com aquele travesti? Agora, no café-da-manhã, depois de correr cinco quilômetros, tentava iniciar a sexta-feira da melhor maneira possível. Cada dia daquela semana fora marcado por uma inconcebível mistura de trabalho e jogo, e ela e sua família

estavam perdendo tanto em um como em outro. Pelo menos naquele dia, pretendia dedicar-se inteiramente ao trabalho. Em seguida viria o fim de semana, quando então teria tempo disponível para retomar sua busca e entender qual era o envolvimento de Domingos naquilo tudo.

Eram nove e meia da noite. Russo acabara de atravessar o pátio de obras depois de trocar algumas palavras com o vigia sobre o calor e de ter lhe dado uma lata de cerveja. A gambiarra ainda ficaria acesa por meia hora. Entrou no túnel de acesso, dobrou à esquerda depois da rampa de descida e empreendeu sua caminhada de todas as noites pela galeria principal. Em dez minutos chegaria ao seu pouso.

Era difícil não ter com quem trocar ideias, principalmente num momento como aquele. Tinha conhecidos na rua e na Casa de Acolhida, mas nenhum amigo de verdade, alguém em quem pudesse confiar sem restrições. Talvez graças a isso ainda estivesse vivo, mas também por causa disso vivia solitário. Como esperava continuar vivo por muitos anos, não estava disposto a mudar sua maneira de ser.

Decidira suspender temporariamente todas as suas atividades regulares, como ir em dias certos à Casa de Acolhida. Também deixaria de utilizar os mesmos caminhos para chegar em casa. Uma mudança mais drástica seria trocar o local de dormir a partir daquela noite. Passaria a dormir na parte secreta da galeria. Essa mudança traria uma vantagem em termos de segurança: depois de passar para o outro lado, poderia tapar o buraco com a placa de madeira. Ninguém perceberia que o túnel não acabava ali. No escuro da caverna, uma tábuia encostada na pedra não chamaria a atenção.

Antes de fazer a mudança, passou para o outro lado do buraco os tijolos que tinham ficado no chão quando abrisse a passagem. Usando a tábuia como pá, espalhou e misturou o pó de tijolo com o pó de pedra que havia em abundância no piso da galeria. Lembrou-se de que a luz da gambiarra estava para ser

desligada a qualquer momento. Acendeu um toco de vela e colocou-o sobre uma pedra, bem na passagem entre as duas partes da galeria. Em seguida, pegou o colchonete, os outros tocos de vela e a caixa de fósforos, a lanterna, a única muda de roupa que conservava na galeria, e passou tudo para o outro lado. Voltou a seu antigo pouso e eliminou todos os sinais de sua estada no local. Finalmente, foi para o outro lado. Fixou a vela sobre uma das pedras soltas junto à parede lateral e procurou o lugar mais adequado para estender o colchonete. Não tinha onde pendurar suas coisas. Amontoou algumas pedras e pôs as roupas e os objetos em cima do monte. Deitou-se no colchonete para avaliar o novo lar. Nesse momento, viu a luz da gambiarra se apagar. A cerveja devia ter valido alguns minutos a mais de luz. Deixou a vela acesa. Ficou deitado com as mãos sob a nuca e os olhos abertos, aproveitando a luminosidade trêmula oferecida pela vela. Não ouviu em nenhum momento o silvo agudo que atribuía à presença de morcegos no interior da galeria.

Passado algum tempo, achou que algo estranho estava acontecendo. Claro, tudo estava estranho naqueles dias, inclusive ele próprio, mas não era isso que o perturbava. Era algo ligado às sombras projetadas na parede. Não, não eram as sombras. Era a vela. Virou-se para ela e fixou o olhar. A chama ondulava levemente. Olhou para o buraco na parede, olhou para a escuridão da nova galeria e percebeu na hora que aquele buraco antes inexistente criara uma ligação não apenas entre as duas partes da galeria mas também entre a entrada do túnel e uma outra abertura, em algum lugar do trecho inexplorado da galeria, formando uma sutil corrente de ar. Mas então lhe ocorreu que talvez a ondulação da chama fosse provocada por movimentos de seu próprio corpo. Permaneceu deitado, imóvel, olhando para a vela. O leve movimento da chama não cessou. De vez em quando parecia até se intensificar. Agora não havia dúvida, uma tênue

corrente de ar tinha se formado com a abertura do buraco. Como prova final, levantou-se, pegou a tábua e tapou o buraco. Deitou-se outra vez e aguardou que cessasse a agitação do ar provocada pelo movimento do seu corpo. Não precisou esperar muito para constatar que a oscilação da chama cessara. Retirou novamente a tábua e após alguns segundos o leve bruxulear retornou. Havia uma outra abertura em algum lugar da galeria e, pelo que já vira, essa abertura só podia ser a fenda vertical que avistara mas não explorara. O que lhe parecera uma simples rachadura na rocha talvez fosse uma comunicação com o exterior.

A galeria inteira devia ter uns seiscentos metros, trezentos de cada lado da divisória. Trezentos metros à luz do dia em uma rua é uma distância pequena, mas dentro de um túnel cavado na rocha, de piso irregular, e à luz de uma lanterna é muito diferente, principalmente quando o objetivo da caminhada é examinar uma fenda de alguns palmos de largura para encontrar uma suposta saída para o exterior.

Começou a refazer o percurso com atenção redobrada, procurando outra possível abertura. Não sabia exatamente o que procurava, nem onde. Tanto podia ser outra fenda na rocha como um buraco semelhante a uma pequena caverna. À medida que caminhava, esquadrihava chão, paredes e teto com o facho da lanterna. Às vezes uma sombra mais pronunciada ou uma reentrância na rocha quase o enganavam. O avanço era penosamente lento. Depois de algum tempo, Russo decidiu parar para descansar. Mais do que o corpo, eram os olhos que estavam cansados: em certos momentos sua visão ficava turva, e ele perdia a capacidade de discernir detalhes. Tirou um toco de vela e a caixa de fósforos do bolso do short, acendeu a vê-la e apagou a lanterna. Fixou a vela numa pedra, sentou-se no chão e ficou à espera de que o ar em volta se acalmasse. A chama da vela se inclinava na direção da boca do túnel: era uma leve inclinação,

sempre no mesmo sentido. O silvo ouvido da outra vez podia ser mesmo o guincho de morcegos saindo em revoada no crepúsculo. Se fosse isso, seriam centenas deles abrigados em alguma gruta na encosta do morro dos Cabritos, e a gruta tinha que ter algum tipo de comunicação com a galeria do metrô, do contrário ele não teria ouvido nada.

O facho da lanterna já iluminava o final da galeria, quando percebeu um brilho que riscava a parede à sua esquerda de cima a baixo. Aproximou-se e dirigiu a lanterna para a reentrância na rocha, a mesma que avistara na exploração anterior. Com a lanterna mais potente, podia examinar melhor o que antes lhe parecera uma rachadura sem importância. Era de fato uma fenda vertical cortando a rocha do teto até o piso. Só que na primeira vez não vira que a fenda continuava para além do teto, invadindo uma pequena parte da abóbada, e que descia pela parede lateral, continuando piso abaixo até uma profundidade difícil de determinar. Constatou também que a fenda era larga o bastante para a passagem de uma pessoa e que por dentro dela corria um filete de água um pouco mais volumoso do que os que desciam pela parede ao longo da galeria. Sem a luz do dia no exterior, impossível saber se existia uma abertura na extremidade superior da fenda. Com uma mão em concha, recolheu um pouco da água que escorria, iluminou a mão com a lanterna, cheirou o líquido e molhou a língua nele. Água cristalina e limpa.

Russo entrou na fenda e deixou que a água escorresse sobre sua cabeça. O contato com a água fria produziu uma sensação agradável, completamente diferente da de um banho frio de chuveiro. Ficou algum tempo com os pés firmes no piso da galeria e as mãos apoiadas na parede da rocha. Acabara de descobrir um chuveiro natural. Pena que ficasse tão distante de seu quarto.

Domingos no fundo achava um absurdo dedicar tanto tempo e atenção a um sem-teto. Para ele, “sem-teto” era um termo geral, que não admitia singularidade. Sem-teto João da Silva. Não combinava. Ou era João da Silva, filho de fulano e fulana, morador na rua tal, número tal, ou era sem-teto e também sem pai, sem mãe, sem endereço, sem identidade. E, no entanto, ali estava ele, num sábado de manhã, fazia mais de uma hora, à espera de um sem-teto de aparência bizarra e que talvez não fosse tão sem-teto quanto diziam. Pelo menos já era o terceiro dia que ele entrava por um portão à noite e saía de manhã para tomar café no bar da esquina. Nas três vezes chegara por caminhos diferentes, mas sempre entrava por um grande portão de ferro que protegia a entrada de um túnel cavado na pedra. Uma placa no pátio em frente informava que aquele era um terreno da prefeitura, e o pátio parecia ser um canteiro de obras, só que não havia nenhum movimento de máquinas e homens. Se Russo não saísse dentro de meia hora, tentaria entrar no túnel.

Esperou mais quarenta minutos e bateu no portão que dava para a rua. Era um portão duplo, largo, feito com chapas de zinco e com um recorte em cada uma das folhas por onde passava uma corrente da espessura de um dedo, que Domingos julgara trancada a cadeado pelo lado de dentro quando estivera lá perguntando por Russo. Ficou esperando alguém atender a seu chamado. Era sábado e não havia ninguém no pátio. Ocorreu a Domingos que talvez Russo fosse o vigia noturno do lugar, por isso chegava à noite e saía pela manhã. De repente o portão se abriu e um homem de cor e idade indefinidas, rosto vincado e sem expressão, apareceu à sua frente, olhando-o sem dizer nada.

— Bom dia. O senhor é o vigia?

— Sou.

— Meu nome é Domingos. Estou procurando um amigo, o nome dele é Russo, de me disse que eu podia procurar por ele aqui.

— O único que mora aqui sou eu. Quando a obra está funcionando, os operários dormem naqueles contêineres. A obra está parada. Não tem ninguém dormindo aqui.

— Ele não estaria dormindo aqui por camaradagem sua? Não me interessa se ele pode ou não fazer isso, não sou polícia, só quero encontrar meu amigo.

— Eu já disse, moço. Não tem ninguém dormindo aqui, não. Só eu.

— Mas eu vi o Russo passando por este portão ainda há pouco.

— Pode até ter visto, mas isso não quer dizer que ele está dormindo aqui. Eu já disse, a obra esta parada. Isto aqui fica vazio. Um cara pode pular o muro e passar a noite escondido em algum canto. O pátio é grande, não examino ele inteiro todas as noites.

— Está bem. Vai ver que eu me enganei. Obrigado.

Não havia dúvida de que Russo estava lá dentro. E de que ele não apenas estava dormindo naquele lugar como fazia isso com a conivência do vigia. A declaração do homem de que o pátio era muito grande e por isso não podia ser vigiado em todos os seus recantos funcionava como desculpa antecipada para qualquer deslize que fosse descoberto. Além do mais, enquanto os dois conversavam, Domingos percebera que a corrente que mantinha as duas bandas do portão fechadas não tinha cadeado. Estava simplesmente enrolada. Despediu-se do vigia e se afastou na direção da Constante Ramos.

Domingos não tinha nada de especial para fazer naquela manhã de sábado, por isso atravessou a rua, escolheu um local à sombra de onde pudesse observar os acontecimentos e se pôs à espera.

Eram dez e quinze quando o vigia saiu pelo portão e atravessou a rua em direção ao bar. Assim que ele dobrou a esquina, Domingos abandonou seu posto de observação e em menos de um minuto retirava a corrente do portão, entrava e a repunha no lugar.

Ninguém à vista. Atravessou o pátio até os portões que guardavam a entrada do túnel, afastou ligeiramente uma das bandas e entrou. Não encontrou nenhum obstáculo que o impedisse de chegar ao ponto onde o túnel de acesso se juntava à galeria principal. Começou a se encaminhar para o lado que continha grande quantidade de material armazenado, sinal de que era a área que estava sendo utilizada. Talvez também estivesse sendo usada por Russo como dormitório. Depois de uns vinte minutos de caminhada, topou com o fim da galeria. Fez o percurso de volta prestando mais atenção nos detalhes, mas não encontrou nenhum sinal de Russo. Dirigiu-se então ao outro braço da galeria. Era curioso que aquele lado estivesse completamente vazio, enquanto o outro continha toda aquela quantidade de material. Sem nada a examinar, o trajeto foi completado mais depressa. Ali também, nem sinal de Russo. O local estava inteiramente vazio e limpo. A única coisa que encontrou, além da rocha nua, foi uma tábua encostada no paredão de pedra no fim da galeria. Domingos duvidava que alguém pudesse passar mais de uma hora num ambiente inóspito como aquele, quanto mais dormir ali, como um bicho das cavernas. Talvez tivesse se enganado. Só porque vira Russo atravessar aquele portão, julgara que ele dormia ali. Agora percebia que teria sido muito mais lógico imaginar que ele estava

usando um dos contêineres dos operários, provavelmente providos de camas ou redes. Melhor, facilitaria a sua procura. No momento, o importante era sair dali. Não estava preocupado com o vigia ou com o que o vigia pudesse fazer, mas não gostaria que ele o visse saindo do túnel e depois contasse para Russo. Preferia que o sem-teto não estivesse prevenido quando os dois se encontrassem.

Durante o café-da-manhã na Casa de Acolhida, Russo calculava quanto tempo duraria o dinheiro que tinha no bolso. Era o resto do que havia escondido no quarto de ferramentas. Não tinha mais nada. Fazia mais de duas semanas que não trabalhava, e o dinheiro que agora levava no bolso daria para apenas dez dias, não mais. Além disso, a inatividade prolongada afetava sua habilidade, comprometendo seus reflexos e sua capacidade seletiva. Talvez fosse o caso de aproveitar o fim de semana para fazer algumas investidas leves, só para ativar os circuitos e recuperar o nível de excelência. Mas antes disso queria voltar à fenda na galeria para verificar se havia uma possibilidade de saída pela parte de cima. Trabalharia na Casa de Acolhida apenas no período da manhã.

Estava a uma quadra da entrada do canteiro de obras, quando viu o homem dobrando a esquina da Constante Ramos. Sem dúvida era o mesmo sujeito.

O portão externo do pátio estava fechado com a corrente e o contêiner do vigia, trancado. Se o homem estivera ali procurando por ele, não encontrara ninguém e tinha ficado à vontade para bisbilhotar. O segundo portão também estava com o pedaço de vergalhão que mantinha as portas unidas. Entrou com o passo um pouco mais acelerado que de costume, como se temesse encontrar os móveis virados e a casa roubada. Estava preocupado com a tábua que vedava a passagem. Assim que a viu, fez um exame cuidadoso nela. Nada indicava que tivesse sido removida. Se alguém entrara no pátio e no túnel, deixara tudo como estava. Afastou a tábua, passou para o outro lado, pegou a lanterna que deixara junto à parede e recolocou a tábua no lugar. Agora que não estava preocupado em examinar os detalhes da galeria,

podia andar com mais rapidez. Em pouco tempo chegou a seu novo pouso. Novo pouso de uma noite só. Decidira voltar a dormir onde sempre dormira. Não queria revelar a descoberta que fizera nem abandonar a comodidade da gambiarra.

Com baterias extras para a lanterna e tempo bastante até o anoitecer; tirou toda a roupa e iluminou o interior da fenda. Constatou que ela não era reta, mas ligeiramente curva, e que o intervalo entre as duas paredes de rocha parecia manter-se constante e era de aproximadamente quatro palmos, espaço suficiente para permitir uma escalada sem muito sufoco. A superfície das paredes era irregular: poderia tentar uma escalada apoiando pés e mãos nas reentrâncias e saliências dos dois lados da fenda. Também no sentido horizontal a falha na pedra apresentava uma pequena curvatura perfeitamente perceptível à luz da lanterna. O que não se podia ver era o quanto ela penetrava rocha adentro.

Talvez aquela fenda terminasse numa gruta na encosta do morro. Isso explicaria os silvos que escutara. Talvez os morcegos se abrigassem na própria fenda. E se havia mesmo algum tipo de comunicação com o exterior, a luz do sol devia penetrar, direta ou indiretamente, na fenda. Desligou a lanterna e olhou para cima. Escuridão completa. Continuou olhando e esperou os olhos se adaptarem à nova situação. Aos poucos foi distinguindo uma região menos escura, que se destacava com uma tênue luminosidade. Era uma luz que atingia indiretamente o ponto que conseguia enxergar olhando para o alto. Sem dúvida havia uma comunicação com o exterior. A questão era: como chegar lá?

Saiu da fenda e acendeu algumas velas, deixando-as espalhadas para que iluminassem tanto quanto possível aquele final de galeria. Pendurou a lanterna no pescoço com um barbante e fez uma primeira tentativa de escalada. Tentou subir apoiando as costas contra uma das paredes e os pés contra a

outra, mas não deu certo. A pressão das costas na superfície irregular da rocha era dolorosa. A ideia talvez funcionasse num trecho pequeno, mas a dor seria insuportável num trecho longo. Pelos cálculos que fizera, aquela fenda teria de vinte a trinta metros, incluindo a parte correspondente à altura da galeria. Impossível subir isso tudo naquela posição dolorosa.

Russo desceu, descansou um pouco e tentou outra técnica. Apoiou mãos e pés nas laterais da fenda e subiu alguns centímetros. Não podia esquecer que a fenda continuava para baixo do piso da galeria. Caso escorregasse, corria o risco de cair fundo e se machucar seriamente. Com esforço, conseguiu escalar o equivalente à sua própria altura. Sentiu que a segunda posição permitia uma exploração mais cuidadosa dos pontos de apoio, mas era uma posição que exigia que a abertura da fenda se mantivesse mais ou menos constante, pois caso ela se abrisse à medida que subia e se alargasse, teria que ficar com pernas e braços muito esticados, o que tornaria impossível a escalada. Além disso, não sabia por quanto tempo suas mãos e pés aguentariam o atrito forçado com a rocha bruta. Ainda não subira três metros e já estava preocupado. Se caísse de lá de cima e quebrasse uma perna, ou se ficasse impossibilitado de se mover, apodreceria dentro daquela caverna antes de ser encontrado. Achou melhor descer e calçar o tênis. Com ele nos pés, teria mais firmeza.

À medida que subia, tinha que ir avaliando como faria a descida. Concentrava-se inteiramente em cada movimento realizado e no movimento seguinte. De tênis ia mais depressa, e em pouco tempo a galeria desapareceu. Sua cabeça ultrapassara a abertura superior. Parou, abaixou devagar o braço esquerdo, desligou a lanterna pendurada no pescoço e olhou para cima. De início viu tudo escuro, mas aos poucos foi percebendo novamente a tênue claridade difusa de antes, só que agora mais visível.

Levantou a lanterna acima da cabeça, apontou-a para o topo e acendeu. Era difícil, na posição que estava e no interior de um espaço tão comprimido, avaliar a extensão da fenda e dizer quanto ela se alargava à medida que subia. Considerou que avançara bem mais do que imaginara poder fazer antes de iniciar a escalada e que não seria prudente continuar sem estar munido de corda e grampo. O grampo não era problema, havia grande quantidade deles no chão da galeria, sobra dos utilizados para fixar tubos e fios à rocha; quanto à corda, talvez pudesse pedir uma emprestada ao vigia. Estava na hora de iniciar a descida. Suas costas estavam arranhadas e as mãos, principalmente os dedos, também.

Precisaria adiar o reinício do trabalho com os turistas naquela noite. Certas delicadezas não combinam com dedos feridos.

Para Berenice o fim de semana terminara sem respostas. O elenco de perguntas que brilhavam em sua cabeça como anúncios luminosos só fazia crescer, e sua cabeça parecia explodir em uma dezena de pedaços, cada qual correspondendo a uma história diferente. Cada versão tinha sua própria lógica interna e fazia pleno sentido, nenhuma era descartável. Ela podia chamar Domingos e lhe perguntar se ele confirmava ou não o que? Russo dissera. Se ele mentisse, ela saberia na hora. Mas... e se o ex-marido, pai do seu filho, fosse um assassino? Assassino ou inocente, de qualquer forma depois da pergunta dela a relação dos dois estaria destruída. E a do filho com o pai, alterada para sempre.

Era segunda-feira, a semana estava começando, e o mundo parecia cada vez mais estranho. Sentia necessidade de conversar com alguém do jeito que conversava com Domingos nos primeiros anos de casamento.

Seus colegas taxistas não eram bons interlocutores. A maioria deles era reacionária, alguns francamente a favor do extermínio de homossexuais, prostitutas, travestis e menores de rua. Nas poucas vezes em que tentara argumentar com eles, sentira que suas opiniões vinham acompanhadas de grande dose de agressividade reprimida. Aquilo a assustava.

Passou a conversar com os passageiros. Pelo menos com alguns deles. Em geral não era uma conversa satisfatória, pois eles tinham a tendência a hierarquizar a situação, como se ela e eles pertencessem a mundos diferentes. Não era disso que ela precisava naquele momento.

Com a mãe, não havia conversa possível: o Senhor sempre se intrometia entre as duas.

Sobrava Russo. Mas Russo também estava sob suspeita.

Berenice passou a manhã distraída. Não percebeu diversos passageiros fazendo sinal da calçada. Mesmo assim, as corridas foram compensadoras. Passava das duas da tarde quando parou para almoçar. Conversou com os colegas do ponto, mas não mencionou a nenhum deles o assunto que a preocupava.

Enquanto comia um sanduíche encostada no carro, pensou no que Domingos dissera sobre ela estar perdendo a feminilidade. Analisou a própria estampa. Dia após dia aquela calça jeans, aquela camiseta de malha, o tênis de lona. Nenhum adereço além do relógio barato. Será que estava mesmo perdendo a feminilidade? Simplesmente não sentia vontade de se arrumar. Quem a visse naquele momento comendo um sanduíche encostada no carro talvez a confundisse com um dos taxistas homens. E quando isso acontece a uma mulher, pode ser sinal de que alguma coisa está errada.

Terminou o lanche no momento em que caíam as primeiras gotas de chuva. Entrou no carro e ficou olhando as gotas correrem pelo para-brisa. Com a chuva, aumentou a procura por táxis, e o resto da tarde foi uma sequência de corridas que só parou quando ela decidiu apagar a luz do mostrador, recusar passageiros e ir para casa. Mas antes queria deixar um recado para Russo. No momento em que entregava algumas latinhas de cerveja ao vigia e começava a lhe passar seu recado, viu Russo sair do túnel. O vigia olhou apreensivo para as latas de cerveja.

— As cervejas são suas. Só preciso falar alguns minutos com ele — disse, apontando para Russo, que vinha na direção dos dois.

Eram sete e meia, a chuva havia parado. Berenice e o vigia estavam junto ao portão externo, e o táxi sobre a calçada, como se fosse entrar no pátio. Russo disse alguma coisa ao vigia, que

abriu as duas bandas do portão e fez sinal para que ela entrasse com o carro. Russo apontou um espaço entre dois contêineres onde ela poderia estacionar. Berenice entreabriu a porta.

— Preciso falar com você.

Russo olhou para o céu. — Talvez seja melhor a gente conversar lá dentro.

— E lá que você mora?

— É lá que eu durmo.

Você tem um quarto lá dentro?

— Não, lá dentro não tem nada.

— Podemos falar aqui mesmo. Parou de chover.

Nem dentro do túnel nem dentro do carro, pensou ela. Achava melhor evitar a intimidade de um lugar fechado. Ficaram os dois de pé ao lado do carro. Russo esperou Berenice falar.

— Preciso saber uma coisa... É muito importante para mim. Você disse que o homem que você viu na praia junto com o travesti e o homem que viu descendo a Constante Ramos na outra noite eram a mesma pessoa. Você tem absoluta certeza disso?

— Absoluta, não. Se eu fosse depor num tribunal, eu não juraria. Mas o homem que vi na rua é muito parecido com o da praia. É evidente que não posso ter certeza absoluta de que os dois são a mesma pessoa. Nas duas vezes estava escuro, só vi a pessoa de longe. Além disso, não vi a cara dele lá na praia. Só vi de costas.

— Então por que você achou que o homem que viu na Constante Ramos era o mesmo da praia?

— Pela altura, pelo corpo, pelo jeito de andar...

— Será que não é pouco? Será que você não está influenciado pelo fato de saber que alguém está atrás de você?

— Pode ser. Mas por que você está tão preocupada com isso? Você sabe quem é o cara?

— O da Constante Ramos pode ser que sim.

— E se ele for o homem da praia?

— Nesse caso, prefiro pensar que você está mentindo.

— E por que eu ia mentir?

— Para se proteger.

— Me proteger do quê?

— Talvez você tenha matado a Valéria.

— Isso não faz o menor sentido. Se eu tivesse matado a Valéria, por que ia ficar sentado na areia junto ao paredão esperando que aparecesse alguém, encontrasse o cadáver e me prendesse? E por que eu ia matar a Valéria? Nunca me meti com drogas nem com homossexuais. Não me meto com ninguém. Vivo sozinho. Não quero ninguém perturbando a minha vida. Além disso, a última pessoa que eu mataria seria um travesti. Foram os travestis que cuidaram de mim quando eu era pequeno, foram eles que me matricularam na escola pública, foram eles que me ensinaram a sobreviver. Eu conhecia a Valéria. Ela era uma boa pessoa, não fazia mal a ninguém. Se você conhece o sujeito que estava com ela, esse sim é perigoso, e é melhor você dizer quem ele é. E se acha que estou mentindo, que tudo isso não passa de invenção minha porque na verdade eu é que sou o criminoso, problema seu. Faz mais de duas semanas que você está xeretando a minha vida. Por quê? É melhor você pegar o seu táxi e ir para casa.

Berenice ficou vendo Russo se afastar em direção ao túnel.

Quando ele desapareceu, ela entrou no carro, manobrou e saiu pelo portão que o vigia tinha deixado aberto.

Mas a parte desagradável do dia ainda não terminara. Quando chegou em casa, encontrou Domingos sentado na varanda à sua espera.

— Você não janta mais com a sua mãe e com Tiago?

— Vou subir para tomar banho. Se quando eu descer você ainda estiver na minha casa, chamo a polícia. E tira essa porra dessa perna do caminho que eu quero passar.

Domingos encolheu a perna, perplexo, enquanto ela passava por ele e subia direto para o quarto sem falar com mais ninguém. Quando Berenice desceu, meia hora depois, ele se fora. A mãe serviu o jantar para ela e sentou-se à cabeceira da mesa, em silêncio, olhando para a filha.

— Você não vai dizer nada? — perguntou.

— O que você quer que eu diga, mamãe? Que já estou cansada de ver esse gorila me esperando na varanda sempre que eu chego, tomando satisfação dos meus atos?

— Berenice, que o Senhor me ilumine, mas não estou te reconhecendo.

— Pois então peça ao Senhor para usar uma lanterna mais forte, porque sou eu mesma, Berenice, sua filha e mãe do Tiago. E quando tudo estiver bem iluminado, você vai ver que Domingos não faz parte da nossa família. Esta casa não é dele, ele não tem nada que fazer aqui. Chega. A partir de agora, quando ele quiser ver Tiago, vai pegá-lo na porta da vila e levar para onde bem entender. É um direito que ele tem. Não pode entrar na minha casa e muito menos ficar pedindo satisfação dos meus atos.

Na manhã de terça-feira a chuva continuava. Berenice não sentiu vontade de correr no parque do Flamengo. Era comum no verão ela correr com ou sem chuva, mas naquela manhã tudo o que queria era pegar o carro e ir para longe daquela casa e da imagem de Domingos esparramado na varanda, policiando a sua vida.

Chegou ao ponto mais cedo que de costume, e os passageiros daquela hora não eram os mesmos com os quais estava habituada. Ficou se perguntando quem seriam aqueles homens bem vestidos, carregando pastas importadas e de guarda-chuva na mão. Por que saíam de casa tão cedo?

— Bom dia. Rua México, esquina com Nilo Peçanha, por favor.

Advogado, pensou. Com essa roupa e esse endereço, só pode ser advogado. E dos bons. Bela gravata, sapato impecável, pasta do tamanho exato para carregar documentos... E a pasta não estava estufada de coisas inúteis. Cabelos levemente grisalhos sugerindo distinção e segurança.

— Você é nova no ponto.

— É que costume entrar mais tarde.

— Ah...

— Tenho ponto aqui na Santa Clara há muitos anos, mas raramente chego antes das sete e meia.

— Então hoje é um dia especial.

— Apenas porque está chovendo.

— Quando chove você acorda mais cedo.

— Quando chove não faço minha corrida matinal e chego

mais cedo no ponto.

— E quando faz sol você chega por volta das oito?

— Isso mesmo.

— Nesse caso você não viu quando acharam o corpo do travesti aqui em frente...

— Quando eu cheguei a polícia já estava aí, junto com os repórteres e os curiosos que queriam ver o morto.

— E até hoje a polícia não chegou a nenhuma conclusão.

— É que ninguém se preocupa muito com a morte de um travesti.

— Isso é lamentável. Assassinato é assassinato, não faz diferença se a vítima é travesti ou diplomata.

— O senhor é advogado?

— Sou.

— É possível que essa morte seja esclarecida sem a intervenção da polícia. Tenho a impressão de que a verdade vai surgir das próprias pessoas preocupadas com a morte de Valéria.

— Valéria?

— É, o travesti assassinado.

— Então você está a par dos acontecimentos.

— É, que sempre falo com muita gente, vou pegando uma informação aqui, outra ali. É um pouco como montar um quebra-cabeça. Só que tenho a impressão de que posso montar muitos quadros diferentes com as mesmas peças. É isso que me intriga nessa morte: parece que o quadro fica mudando o tempo todo.

— É que a verdade muda quando muda o observador...

— Acho que é isso mesmo. Corro o risco de ficar girando em

torno de um centro que nem sei se é mesmo um centro.

— É o que você faz o dia inteiro, não é mesmo?

— O quê?

— Ficar girando...

O comentário foi o fecho desagradável de uma conversa que tinha começado bem. Principalmente porque o advogado estava certo. Era o que ela fazia o dia todo, todos os dias: ficar girando pela cidade de acordo com as indicações dos passageiros. Sem voz própria. Merda.

A chuva fina continuou durante toda a manhã e parte da tarde. Era bom porque mais gente procurava táxi. Era ruim porque o trânsito ficava mais lento. Mesmo com o ar-condicionado, no fim do dia o interior do carro ficava com cheiro de cachorro molhado.

Por que Russo perguntara se ela queria conversar no pátio de obra ou dentro da galeria? Uma cantada? Em vez de convidá-la para conhecer seu apartamento convidava-a para conhecer sua caverna?

Anoiteceu ainda chovendo, e o dia seguinte também amanheceu com chuva. A semana prometia ser cinzenta e molhada. Berenice não desgostava daquele tempo. O Rio de Janeiro seria insuportável sem uma boa quantidade de dias cinzentos e chuvosos. Ninguém podia viver só de céu, sol, mar azul, verde e luz intensa, dia após dia; todo mundo devia ter direito a sua cota de cinza, para não morrer afogado em cores e brilhos.

Berenice tomou café com o filho, conversaram sobre como seria o dia dele na escola, deixou-o na estação do metrô e seguiu para Copacabana, ignorando uma ou outra pessoa que agitava o braço à sua passagem. Hoje não queria pegar passageiro no meio

do caminho, queria seus passageiros habituais para o centro, com suas falas impostadas, seu português correto e suas sentenças verdadeiras.

Mas as coisas não transcorreram como ela esperava. Seus primeiros passageiros eram desconhecidos, um casal de idosos, e não pareciam dispostos a conversar nem mesmo entre si. Foi uma corrida quase completamente silenciosa até o hospital da Ordem Terceira da Penitência, na Tijuca. Fez ainda uma corrida na zona norte e quando voltou para o ponto da rua Santa Clara, em Copacabana, já eram mais de dez da manhã. Para sua surpresa, o passageiro que entrou no táxi era um dos executivos das primeiras horas da manhã.

— Bom dia, doutor, o senhor hoje está saindo tarde.

— Bom dia, Berenice. Vamos para o aeroporto Santos Dumont.

— São Paulo?

— Isso mesmo.

— Chuva por chuva...

— Não tive mais notícias sobre a morte do travesti.

— Nem eu.

— Às vezes o excesso de notícias mais esconde do que revela.

— O senhor é professor?

— Não. Desculpe, não quis ser pretensioso.

A pausa para o almoço não foi feita no ponto da rua Santa Clara. Na verdade, nem foi uma parada para almoçar; Berenice foi direto para o pátio de obras do metrô. Apesar de as obras estarem suspensas, havia ali um pequeno movimento dos caminhões da prefeitura. Os caminhões atravessavam o pátio e

entravam no túnel de acesso às galerias para depositar suas cargas no depósito provisório. Essa movimentação acontecia apenas durante o dia, não perturbava o sono de Russo.

Eram duas da tarde, e Russo já havia voltado de uma de suas visitas à Casa de Acolhida quando Berenice perguntou ao vigia se podia guardar o carro no pátio. Havia espaço de sobra e nenhum risco de atrapalhar a entrada e saída dos caminhões. Fora isso apenas um ou dois operários cuidavam da manutenção do pátio. Berenice parou no mesmo lugar onde estacionara na véspera e disse ao vigia que precisava falar com Russo com urgência. O homem não criou nenhum obstáculo, o que deixou Berenice um pouco intrigada. Ou era comum a entrada de mulheres para visitar Russo, ou ele deixara uma recomendação especial sobre a mulher taxista.

— Ele chegou faz mais de uma hora.

— Como eu faço para encontrá-lo lá dentro?

— Entrando por aquele portão de ferro, tem um túnel de uns cem metros em declive até a galeria do metrô. Quando chegar à galeria, vá para a esquerda. Ande uns trezentos metros que vai encontrar o lugar onde ele dorme. Tem lâmpadas de vinte em vinte metros, dá para a senhora andar sem perigo. Não precisa ter medo, lá dentro não tem nada. A única pessoa que a senhora vai encontrar é o Russo. Não precisa chamar por ele. Muito antes de a senhora conseguir ver onde ele está, ele já vai ver a senhora.

— Obrigada.

A descrição do vigia parecia um discurso pronto. Ele devia ter descrito aquele trajeto dezenas de vezes — para os motoristas dos caminhões da prefeitura e para os técnicos e operários do metrô —, mas certamente em nenhuma dessas vezes sua descrição havia incluído Russo.

Berenice atravessou o pátio em direção ao grande portão de ferro sem se preocupar com a chuva fina que insistia pelo terceiro ou quarto dia consecutivo. O portão estava com as duas bandas abertas, mas não havia movimento de homens nem de caminhões. Berenice ficou parada na entrada do túnel, o tênis enlameado pelo pó de pedra, avaliando, pelo que conseguia ver do interior, como seria sua caminhada. Segundo o vigia, não havia erro: o túnel de acesso descia até a galeria principal do metrô, e lá chegando era só dobrar à esquerda e seguir em frente.

A inclinação do túnel facilitava o avanço. Sem dúvida, aquele era o túnel de acesso dos futuros passageiros. Os primeiros passos no interior do subterrâneo já foram suficientes para fazê-la passar da luz diurna para a débil iluminação das lâmpadas presas à parede de rocha. Cinquenta metros depois da entrada era como se tivesse anoitecido de repente; o barulho de fora estava reduzido a um rumor quase imperceptível. Berenice procurou caminhar somente sobre a trilha deixada pelas rodas dos caminhões no chão úmido e irregular.

O impacto causado pelas dimensões da galeria principal quase a fez voltar pelo mesmo caminho. Não era um túnel como os que estava acostumada a atravessar de carro várias vezes por dia, mas um de proporções gigantescas, ainda em estado bruto, iluminado apenas pela fileira de pequenas lâmpadas que se estendia por centenas de metros rocha adentro e cuja luz mal dava para iluminar a abóbada do teto. Mas o que mais a assustava era a ausência de sons. O silêncio era tanto que o ruído de seus passos a perturbava, fazendo-a parar de vez em quando para olhar em volta. E assim foi até estacar de súbito ao perceber que chegara ao fim da galeria. Ficou parada, perplexa, sentindo-se enganada, em frente à parede de rocha. Então era aquilo? E onde estava Russo? Onde ele dormia? Não havia nada

além de rocha bruta ali; nos lados, em frente, em cima e embaixo, havia somente pedra. A única coisa naquela caverna que não era pedra era uma tábua de madeira encostada na rocha.

Berenice estranhou não haver nenhum sinal da presença de Russo naquele lugar. Se ele dormia ali, deveria haver pelo menos alguma coisa sobre a qual ele pudesse se deitar. A não ser que utilizasse a tábua, pequena para o tamanho dele, como cama. Não acreditava que uma pessoa capaz de se vestir e de se comportar convenientemente fosse se sujeitar a viver em condições tão primitivas. Ficou algum tempo parada observando a tábua e tentando entender as contradições de Russo. Depois se aproximou do pedaço de madeira e tocou-o com a ponta do tênis como quem toca um animal inerte para ver se ele está dormindo ou morto. O recorte de compensado era leve e balançou. Com a ponta do dedo, Berenice puxou-o, deixando que tombasse suavemente a seus pés. Quando isso aconteceu, ela viu uma abertura no paredão do fundo da galeria. Viu também que o paredão na realidade era uma parede de tijolos recobertos de cimento. E, coisa inacreditável, viu que a galeria continuava depois da parede. Russo dissera que ali dentro não havia nada. Sem dúvida, pensou, um nada cheio de surpresas.

A continuação da galeria não tinha iluminação. A abertura na parede parecia medir uns três palmos de largura por um metro de altura. Berenice esperou, imóvel, que seus olhos se acostumassem à escuridão. Uma coisa era certa: aquele buraco, com sinais óbvios de ter sido aberto recentemente, não estava ali apenas para quebrar a monotonia da paisagem. E mais: quem o tapara com a tábua não estava interessado em receber visitas. Passou o corpo pela abertura e estacou do outro lado. Depois de esperar mais algum tempo que seus olhos se adaptassem à ausência de luz, convenceu-se de que não enxergaria nada além do que já estava enxergando. Não sabia se a galeria continuava por mais dez metros ou por mais um quilômetro. O bom senso

Ihe dizia que voltasse para o táxi estacionado no pátio, mas um impulso primitivo a impelia para a escuridão do túnel. A luz, visível pela abertura, passou a ser seu ponto de referência. Berenice reiniciou a caminhada em busca da morada de Russo.

Era difícil, no escuro, avançar pelo centro do túnel sem se desviar para um dos lados. Mas o máximo que poderia acontecer era ela esbarrar em uma das paredes laterais.

Andou durante algum tempo. Quanto? Difícil calcular. Talvez meia hora, talvez menos. Depois de avançar por um bom pedaço no escuro, voltou-se para conferir o quanto tinha se afastado da abertura. Por mais longe que tivesse ido, tinha certeza de que vislumbraria o retângulo por onde passava a luz da galeria do outro lado. Só que não havia retângulo, não havia mais luz. Estava na total escuridão, sem nenhuma referência espacial. Impossível calcular a distância percorrida.

Segundo o vigia, Russo entrara no túnel meia hora antes. Inevitavelmente fizera aquele mesmo trajeto. Com ou sem luz?, pensou. Dormindo ali todas as noites, decerto teria uma lamparina. Qualquer coisa que iluminasse o caminho, uma vela que fosse, facilitaria muito as coisas. Pessoa estranha. Na verdade, aquela galeria era uma gigantesca caverna, e ele não apenas morava ali dentro como morava na parte mais profunda. Sozinho, sem dúvida. Quem aceitaria viver ali com ele?

Mesmo andando devagar, as pedrinhas que caíam da sola de seu tênis, fazendo certo barulho, lhe davam a impressão de estar sendo seguida. Começou a imaginar que talvez o vigia estivesse acompanhando seus passos. Ou quem sabe algum animal. Um cachorro seguindo seu cheiro. Cheiro de medo. Sentiu vontade de se sentar por alguns minutos, não tanto por cansaço, mas pela tensão de não saber se no próximo passo iria de encontro a uma parede de pedra ou se cairia num buraco. Mas não ousava. Quem

sabe ali dentro houvesse ratos... cobras... Melhor prosseguir. E também andar mais depressa. Talvez o delírio maior fosse pensar que num ponto qualquer daquela escuridão interminável encontraria Russo e que então todas as ameaças desapareceriam. De repente, teve a nítida sensação de que a escuridão se tornava menos escura. Continuava sem distinguir nada, mas tinha a certeza de que alguma coisa se alterara. Já podia andar com mais firmeza. E quanto mais andava, mais seu campo visual se definia. Percebeu de estalo que a galeria era curva. Viu uma luz. Acelerou o passo. Aos poucos a parte menos escura — à direita do túnel — foi aumentando e a galeria à sua frente se iluminando com uma claridade fraca, trêmula, que mais sugeria do que mostrava o espaço adiante dela. Pouco a pouco o cenário foi se definindo, e Berenice percebeu que a claridade não vinha da luz solar, que não vinha de fora, mas de uma luz artificial ali dentro. Uns vinte metros adiante podia ver a rocha bruta interrompendo o túnel inacabado e dezenas de velas fixadas em pontos e alturas diferentes, nas laterais e no paredão ao fundo, formando uma espécie de enorme oratório. Quanto mais se aproximava das velas, mais extasiada ficava com o que via. Mais uns poucos passos e viu-se no centro de um palco de rocha bruta cravejado de velas. Não atinava com o sentido daquilo. Quem teria espalhado as velas daquela maneira? Um leve ruído a fez olhar para uma das paredes laterais da galeria. A luz das velas se refletia na água que escorria por uma fenda vertical na rocha. Acompanhou a fenda com os olhos e, a uns cinco metros do chão, viu Russo, inteiramente nu, braços e pernas abertos em xis, sustentando-se nas paredes laterais da fenda.

— Ah!

— Berenice! O que você está fazendo aqui?

Coração acelerado, Berenice olhava a cena com a respiração em suspenso.

— Vim... procurar... você.

Apesar da distância entre os dois, não era preciso gritar. Podiam falar em tom de conversa que se ouviriam perfeitamente. Russo não se movera, e Berenice se afastara um pouco para poder olhar o interlocutor sem precisar erguer demasiadamente o rosto.

— Não é alto, mas preciso descer devagar, com cuidado... não tenho muitos pontos de apoio. Desculpe estar deste jeito, mas não queria molhar a roupa.

— Russo, depois de descobrir esta caverna, de andar pelo túnel na mais completa escuridão, com medo de ser atacada por bichos estranhos ou de cair num buraco, sem saber para onde estava indo, ver um homem nu colado na parede de uma caverna é apenas mais um detalhe bizarro.

— Essa água que escorre pela pedra é pura e fresca. Você não sabe como é agradável deixar ela escorrer sobre o corpo.

— Isso é uma sugestão?

— É um desejo.

— Desejo de ver a água escorrendo sobre mim?

— Depois de você tirar a roupa, é claro.

— E...

— E não precisa pensar em mais nada.

Berenice tinha sentado no chão enquanto Russo falava e descia vagorosamente pela pedra. Às vezes ele ficava um bom tempo em silêncio, escolhendo pontos de apoio seguros para firmar os pés e segurar-se. Foi uma descida tensa. Mãos e pés tateando a rocha, olhar voltado o tempo todo para Berenice. Quando Russo estava a cerca de dois metros do chão, Berenice começou a tirar a roupa. Quando ele tocou o solo, ela estava nua.

Em seguida ela foi ao encontro dele. Russo mudara de posição: apoiava as costas em uma das paredes da fenda, os pés firmemente plantados na borda da abertura. Sem sair de onde estava, ele a pegou pela cintura com um dos braços e puxou a para dentro da fenda, abraçando-a. Os pés dela perderam o contato com o chão: estava montada no colo de Russo, um de frente para o outro.

— Temos que tomar um pouco de cuidado porque a fenda continua rocha abaixo e é larga o suficiente para que passe uma pessoa. Eu seguro você, para que você sinta a água escorrendo pelo seu corpo. Berenice passou os braços em torno do pescoço dele. Russo segurou-a pelas nádegas com as duas mãos e levantou-a até quase a altura do peito, depois deixou que ela escorregasse devagar sobre ele, até que os dois se encaixaram e Berenice se deixou penetrar o mais fundo que jamais sentira. A partir de então, e até a última vela ter se extinguido, nada ficou por ser experimentado.

Russo desenrolou seu colchonete bem no centro da galeria. Os dois se deitaram no espaço que mal dava para uma pessoa. Ao alcance da mão, estava a lanterna com o facho de luz apontado para o teto da caverna: a luz era apenas suficiente para verem o rosto um do outro. Todas as velas tinham se apagado.

— É aqui que você dorme?

— Não. Durmo na outra parte da galeria, depois do buraco por onde você passou.

— Descobri o buraco por acaso.

— Fui eu que abri. Ninguém sabe da existência dele, nem o vigia. Só quem trabalhou nas obras de escavação do metrô e levantou a parede sabe da existência desta continuação da galeria.

— Você se mudou para o lado de cá?

— Não. Eu trouxe o colchonete porque pretendia explorar esta fenda na rocha e resolvi dormir aqui hoje para ter mais tempo. Desconfio que ela vai dar numa gruta ou que tem comunicação direta com a encosta do morro.

— Tem uma gruta aí em cima?

— Acho que sim. Ouvi, mais de uma vez, guinchos vindo dessa fenda, Achei que deviam ser morcegos, eles gostam de cavidades na rocha.

— Mas não é perigoso tentar subir por ali? E se você ficar entalado?

— Se eu achar que vou entalar, volto.

— E se não conseguir voltar? E se você cair?

— Eu morro.

Era capaz de reconhecer aquele carro mesmo no escuro. A luz do pátio de obras estava acesa e também havia luz no interior do contêiner. Domingos tentou retirar a corrente que trancava o portão, só que daquela vez havia um cadeado no lado de dentro. Bateu palmas, gritou pelo vigia, bateu na chapa de metal do portão, e estava decidido a dar a volta pela rua ao lado e entrar pela pedra como fazia o vagabundo, quando a porta do contêiner se abriu e um homem perguntou o que estava acontecendo.

— Quero falar com você.

— Acabou meu horário de trabalho. Volte amanhã de manhã.

— Preciso falar com você agora. É importante.

— Já falei, o expediente está encerrado.

— Preciso falar sobre esse táxi que está aí dentro.

— O dono pediu pra guardar ele aqui e eu deixei.

— Acontece que esse carro é da minha mulher. Abre este portão.

— Se o carro é da sua mulher, ela pode vir buscar amanhã de manhã.

— Se você não abrir essa porra desse portão, eu volto aqui com a polícia.

— Já são nove horas. Tenho ordens para não abrir o portão para desconhecidos depois do horário de trabalho. Pode chamar a polícia.

— Escuta, seu puto, vou pular este portão e arrancar o seu...

O portão da entrada do túnel se abriu, e Domingos olhou Berenice sair de lá em direção ao carro. O vigia percebeu que

alguma coisa tinha acontecido, porque o homem no portão havia parado de gritar. Saiu do abrigo e viu Berenice abrindo a porta do carro. Junto ao portão do túnel, mas sem se mostrar à luz do pátio, Russo acompanhava a cena.

— Moça, foi bom a senhora aparecer. Tem um homem lá no portão de fora gritando comigo e dizendo que é seu marido.

— Não tenho marido. Por favor, o senhor pode abrir o portão para eu sair com o carro?

— E o homem?

— Não se preocupe com ele. Obrigada por me deixar guardar o carro aqui.

Berenice entrou no táxi, ligou o motor e manobrou. Enquanto isso, o vigia se encaminhava para abrir o portão. Domingos olhava a cena sem entender. Quando o vigia abriu o portão e Berenice embicou o carro para a rua, Domingos levantou o braço fazendo sinal para ela parar, mas Berenice passou por ele e se foi.

O trajeto até em casa foi feito automaticamente. Ela só percebeu que estava com a camiseta do avesso quando chegou ao portão da vila. Também Berenice estava virada pelo avesso. Ficou algum tempo parada defronte à vila sem saber o que fazer, até que a mãe abriu a porta e acionou o dispositivo elétrico de abertura do portão. Tanto a mãe como Tiago ficaram aliviados ao constatar que ela estava bem e o carro, inteiro. Só então se deu conta de que o celular ficara desligado. Eram nove e meia da noite.

Não se lembrava de ter dado alguma desculpa aos dois, mas se lembrava de ter chegado com fome e de ter comido com prazer o jantar que a mãe guardara para ela. Assistiu televisão com Tiago até ele ir para a cama, respondeu ao comentário da

mãe sobre a chuva persistente dos últimos dias e respirou aliviada por Domingos não ter resolvido tomar satisfações naquela noite mesmo. Eram quase onze horas quando se deitou e pôde, pela primeira vez, pensar no que acontecera naquela tarde. De uma coisa tinha certeza: nunca tivera uma experiência tão extraordinária como aquela... e certamente nunca teria outra igual.

Apesar de cinzenta, a quarta-feira amanheceu sem chuva. Depois de vários dias sem seu exercício matinal, Berenice vestiu a roupa e o tênis para ir correr no parque do Flamengo. O corpo ainda se ressentia do cansaço, da tensão e do prazer da véspera. Nada que uma boa corrida e o café-da-manhã não restaurassem. O parque estava molhado, depois da sequência de dias chuvosos, mas as pistas asfaltadas estavam secas. Correu durante uma hora sem conseguir evocar os acontecimentos da véspera na ordem em que tinham ocorrido. Em lugar disso surgiam imagens fragmentadas que logo lhe fugiam da consciência como se resistissem a ser capturadas e armazenadas pela memória. Não conseguia deter aquele fluxo e demorar-se sobre seu conteúdo. Talvez, quando as impressões tivessem perdido parte de sua intensidade pelo trabalho de lavagem da memória, fosse possível pensar sobre elas.

Depois de ser informado pelo vigia que aquele homem era ex-marido de Berenice, Russo entendeu a ansiedade dela em querer saber se ele tinha certeza de ter visto aquele homem com o travesti na praia. E era o mesmo homem que também vira na varanda da casa da Constante Ramos espionando seu encontro com Berenice.

Ainda estava cedo. A chuva da véspera cessara, e o sol de verão já secara o flanco de pedra do morro dos Cabritos. Era uma boa ocasião para verificar sua suspeita de que a fenda tinha uma saída na encosta do morro. Desta vez tentaria encontrar a saída pelo lado de fora.

Se, como imaginava, a fenda se abrisse para a face externa da pedra, encontraria essa abertura uns quinze metros acima do

nível da rua, por trás dos prédios, na altura da praça Eugênio Jardim, a uns seiscentos metros do pátio de obras. O cálculo da localização só poderia ser aproximativo. Talvez a abertura não passasse de uma fissura estreita por onde os morcegos entravam e saíam; talvez fosse grande, uma gruta parcialmente oculta pela vegetação. Russo sabia que era difícil vasculhar uma faixa de cem a duzentos metros de extensão, a vinte metros de altura, coberta pela mata densa. Concluiu então que o melhor seria tentar escalar a fenda até o topo partindo do interior da galeria, como tentara fazer na véspera.

Comprou pilhas para a lanterna, pão, queijo, leite, e levou alguns sacos de plástico da padaria. No pátio de obras, pegou a corda e a pequena marreta que pedira emprestadas ao vigia. Dentro da galeria, apanhou dois grampos de ferro do chão, passou para a parte escura da galeria e fechou a abertura com a tábua. Minutos depois chegava á fenda. Desta vez subiria vestido: assim teria também as costas protegidas. Além disso, se tudo desse certo e ele saísse pela encosta do morro, tinha que estar de roupa.

De acordo com o vigia, a corda tinha mais de trinta metros; era bastante resistente e não muito grossa, e o item mais difícil de transportar, devido a seu peso e volume. Tentou levá-la enrolada a tiracolo, mas desistiu porque ela entravava seus movimentos. Depois amarrou-a em feixe, pensando carregá-la presa à cintura, mas o volume era grande e incômodo. Por fim, resolveu amarrar uma das pontas da corda na cintura e deixar o resto desenrolado como se fosse um enorme rabo enquanto subia. Deu certo. A marreta e os dois grampos também iam presos à sua cintura. Pendurou a lanterna no pescoço com um barbante trançado.

E iniciou a escalada.

O tênis e a roupa lhe davam segurança, mas aquela tralha pendurada em seu corpo atrapalhava bastante. O pior era a corda, que aumentava de peso à medida que ele subia. Quando a maior parte dela estivesse suspensa em sua cintura, o peso seria grande. Nas tentativas anteriores, por duas vezes chegara ao ponto em que a fenda encontrava o teto da galeria; aquela seria a primeira vez que tentaria ultrapassar esse ponto. A escuridão não o incomodava. Já tinha se acostumado a ela; pretendia usar pouco a lanterna, embora levasse duas baterias extras no bolso do short. Com a lanterna apagada, podia ver melhor a luminosidade da parte superior da fenda.

Notara, olhando de baixo, que a fenda não era perfeitamente perpendicular ao piso, mas levemente inclinada, o que facilitava a subida. Logo verificou que o que pensava ser uma fenda vertical era na verdade uma fenda curva com orientação vertical predominante. Se aquela forma se mantivesse em toda a sua extensão, haveria um ponto a partir do qual poderia avançar quase de gatinhas sobre uma das superfícies.

O temor de que a fenda se estreitasse em alguns pontos não se confirmou, e o que Russo temia agora era que ela se alargasse demais, dificultando sua sustentação. Aos poucos, porém, viu a curvatura se acentuar e a luminosidade ambiente aumentar. A partir de certo ponto, deixou de subir como se escalasse um poço para mover-se pela superfície rugosa de uma pedra redonda. Pouco mais de um metro acima de sua cabeça, outra rocha cobria a primeira.

Fazia mais de uma hora que estava escalando quando a luz aumentou bruscamente. A fenda se alargara, passando de alguns palmos para cerca de dois metros, e assumira a forma de uma gruta estreita e alta. Mesmo antes de chegar à entrada, era possível ver que estava quase totalmente oculta pelas árvores do morro. O detalhe perturbador era a enorme quantidade de

morcegos dependurados de cabeça para baixo no teto.

Essa foi a primeira visão que Russo teve quando pôde ficar de pé. Esticou braços e pernas, avaliou cortes e arranhões e procurou um lugar onde pudesse se sentar para descansar um pouco. Preferiu evitar a rocha logo abaixo dos morcegos, coberta de fezes. Precisava relaxar os músculos e a cabeça antes de completar a expedição. Desembaraçou-se dos grampos e da marreta e prendeu a extremidade da corda em uma saliência de pedra. O local era diferente do que imaginara. Não era propriamente uma gruta, mas uma fenda que ao se abrir para o exterior tinha uma das laterais transformada em piso e a outra em teto. Os morcegos não se perturbaram com a presença de Russo, e Russo ignorou aquele mundo de pernas para o ar.

A abertura externa da fenda ficava abaixo do topo dos prédios, oculta por árvores e arbustos e afastada uns vinte ou trinta metros dos fundos dos edifícios. Os morcegos saíam e voltavam em revoada sem perturbar os moradores, por isso não haviam sido tomadas medidas exterminadoras. De pé junto à entrada da fenda, Russo examinou as possibilidades externas de acesso. Via perfeitamente os prédios, mas duvidava que alguém pudesse vê-lo. A abertura ficava um pouco antes do ponto onde terminava a vegetação e começava a pedra nua; sua parte superior situava-se acima das copas das árvores, permitindo folgadoamente que se transitasse por ali, mas a metade inferior era protegida pelas árvores.

Voltou ao interior da gruta e examinou detidamente as pequenas fendas na rocha perto de onde amarrara a corda. Escolheu uma onde pudesse fincar os grampos de ferro com segurança e começou a trabalhar com a marreta. Prendeu a extremidade da corda nos grampos e testou sua resistência.

Os últimos pensamentos de Domingos na noite anterior, assim como os primeiros daquela manhã, foram para Berenice e Russo. Não sabia como interpretar o comportamento da ex-mulher e tinha medo de tornar as coisas ainda mais complicadas caso insistisse em discutir o assunto com ela. A pergunta que o atormentava e que o deixara insone era: o que Berenice fazia naquele túnel? Não havia mais dúvida de que era ali que Russo se escondia. Lugar adequado para um marginal, mas de forma alguma para Berenice. Por várias vezes ela sacrificara horas de trabalho para se encontrar com o sem-teto. Dois desses encontros ele mesmo presenciara, mas tinham sido na rua, sem a preocupação de se esconderem. Coisa muito diferente era ocultar o carro dentro de um pátio de obras para se encontrar com um ladrão dentro da galeria desativada do metrô. Berenice escondera o carro e depois esconderam-se eles. Por quê? Se já haviam conversado várias vezes em locais públicos, qual a razão de se esconderem, daquela vez?

Se Russo dormia dentro da caverna, teria que sair de manhã. Seria um bom momento para abordá-lo, mas achava melhor surpreendê-lo dentro da galeria. No rápido exame que fizera da caverna, não encontrara sinal dele, assim como não encontrara outra saída. Além disso, absolutamente nada indicava a presença de Russo lá dentro. Não podia acreditar que ele dormisse no chão de pedra sem nem sequer um pedaço de papelão para se deitar. Não podia ser primitivo a ponto de dormir como um animal.

Da sua casa até o canteiro de obras eram pouco mais de quatro quadras. Eram quinze para as dez, e Russo já devia ter saído da caverna. Domingos esperava que, tal como na manhã anterior, ele voltasse pouco depois do meio-dia.

Os portões estavam abertos, e no pátio de obras o motorista de um caminhão conversava com o vigia enquanto dois operários jogavam entulho para dentro de outro caminhão. Tudo indicava que assim que os dois caminhões saíssem, o local voltaria à quietude. Domingos foi até o bar na esquina, sentou-se num tamborete com boa visão do portão de entrada e pediu uma cerveja. Podia ficar ali o tempo que fosse necessário.

Esperou quase duas horas até ver Russo atravessar o pátio da obra e acenar para o vigia antes de entrar no túnel. O estranho era ele não ter entrado pelo portão da calçada nem ter chegado pelo muro. Sua aparição, vindo por um caminho inesperado, foi uma surpresa. Bem que diziam que quando as coisas não estavam boas Russo se locomovia com a habilidade e o instinto de sobrevivência de um rato. O rato acabara de entrar no buraco. Alguns minutos depois, os caminhões foram embora levando os dois operários. Aparentemente, só restara o vigia no pátio, e ele não se importou com o fato de o portão ter ficado aberto.

Domingos esperou meia hora — tempo suficiente para Russo percorrer a galeria e o vigia ir para o seu contêiner. Pagou a conta, atravessou a rua, passou pelo portão e cruzou o pátio em direção ao túnel. Percorreu em passo rápido o túnel de entrada e dobrou à esquerda na galeria principal, agora mais devagar e procurando pisar com leveza o chão de pedra moída. Pensava em como se aproximar de Russo. Não acreditava em surpresas: em geral elas são perigosas ou decepcionantes. À medida que o final da galeria parecia mais próximo, Domingos começou a avançar com muita cautela. Mais um pouco e já distinguia o paredão final, mas ainda não via Russo. Ficou em guarda. Não havia onde se esconder naquele gigantesco tubo de pedra. Finalmente chegou ao extremo da galeria, sempre sem ver Russo. Olhou em volta à procura de algum esconderijo. Viu somente a tábua encostada na pedra, como da primeira vez em que estivera ali. No mesmo lugar

e na mesma posição. Aproximou-se e tirou-a do lugar.

Russo chegara ao fim da galeria secreta e estava recolhendo a pequena marreta para devolvê-la ao vigia quando percebeu uma luz incerta vindo do outro extremo da galeria. Primeiro pensou que fosse Berenice. Mas e se não fosse? Não podia arriscar. Escondeu o colchonete junto à parede lateral e iniciou a subida da fenda pela corda que deixara pendurada. Não esperava fazer uso dela tão cedo, e de uma coisa teve certeza assim que começou a subir: era muito mais fácil e rápido escalar pela corda. Calculou que chegaria ao topo em menos de metade do tempo que levara na primeira vez.

Domingos dava graças a Deus por tido a ideia de trazer a lanterna, mas não esperava utilizá-la para iluminar um pedaço da galeria oculto por um muro que imitava pedra. Aquilo explicava os desaparecimentos de Russo. Seria também por ali que Berenice desaparecera na tarde em que estivera com ele? A galeria parecia não ter fim, além de ser muito larga e alta. Russo poderia se deitar junto às paredes laterais e esperar que ele passasse, para em seguida bloquear-lhe a saída. Pôs-se a examinar com cuidado possíveis esconderijos, e sua surpresa aumentou quando, depois de meia hora e com a pilha da lanterna no fim, deparou com outro paredão de pedra à frente. E aquele não era falso, era pedra bruta. A galeria acabava ali — e nada de Russo.

Foi a luz da lanterna no filete de água escorrendo pela pedra que chamou sua atenção para a fenda. Examinou o buraco no chão, por onde a água se escoava, e voltou o foco da lanterna para o buraco no teto. Um homem poderia passar por ali, mas não havia como chegar lá. Russo o precedera em mais de meia hora, mas Domingos achava impossível ele ter escalado em tão pouco tempo aquela reentrância na parede. Vira Russo entrar no túnel e tinha absoluta certeza de que ele não voltara atrás. Se sumira daquele subterrâneo, só podia ter sido pela outra ponta da galeria. Enquanto pensava, girou a lanterna como quem procura uma saída oculta. Foi quando deu com os restos de vela na parede da caverna e, logo em seguida, com o colchonete e a marreta. Não havia dúvida, era ali que Russo dormia. Decidiu investigar melhor a fenda na rocha, mas a luz da lanterna enfraqueceu, oscilou e morreu. Agora estava sozinho dentro daquele buraco na pedra, inteiramente no escuro, à mercê de um marginal que devia conhecer cada metro quadrado do terreno.

Lembrou-se do celular. O pequeno visor iluminado lhe deu uma sensação de segurança, que, porém, não durou mais que alguns segundos, pois ao tentar ligar para Berenice, percebeu que era impossível que a ligação se completasse dentro daquele túnel. Um início de pânico começou a invadi-lo. Domingos andou apressado na direção que supunha ser a da saída. Chocou-se com a lateral da galeria e caiu. O celular voou longe; ele se arrastou pelo chão, Tateando o piso com as mãos em busca do aparelho. Os pequenos fragmentos de pedra espalhados pelo chão confundiam-no a toda hora, dando-lhe a ilusão de haver encontrado o telefone. Estava com as mãos e os joelhos feridos, não enxergava nada, ninguém viria ajudá-lo. Sentou-se, apoiou as costas na parede de pedra e respirou funda e pausadamente até recuperar o controle. Se Russo estava por perto, acabaria se mostrando. Ainda se sentia capaz de quebrar o pescoço dele como se fosse um graveto. Se ficasse imóvel, Russo poderia pensar que ele tinha ido embora. Talvez acendesse uma lanterna ou fizesse algum ruído. E esse seria o momento.

Quando chegou ao alto, depois de uma subida surpreendentemente rápida. Russo imaginou que o invasor já teria chegado no final da galeria e visto a fenda na rocha, mas não acreditava que se arriscasse a investigar seu interior.

Russo passou pela cavidade dos morcegos procurando não agité-los e chegou à boca da fenda. Na primeira vez não experimentara a descida pela encosta, mas pelo que podia ver agora, sentado na beirada da pedra, seria fácil sair por ali. A inclinação do morro naquele ponto era relativamente suave, sobretudo para uma pessoa habituada a andar e correr pela pedra. O trecho entre a saída da caverna e a faixa de terra por trás dos prédios era coberto de vegetação. Russo segurou-se em um dos arbustos e iniciou a descida. Chegou ao nível da rua sem dificuldade, apoiando-se na vegetação. Uma vez na calçada, saiu

em passo acelerado pela Pompeu Loureiro. Minutos depois entrava no pátio de obras e batia na pequena janela-guichê do vigia.

— Você viu alguém sair de lá de dentro? — perguntou, apontando para a entrada do túnel.

— Não vi ninguém.

A pessoa que entrara na galeria provavelmente ainda estava lá. Russo lavou o rosto e os braços na mangueira do pátio, depois colocou um caixote bem na frente da saída do túnel e ficou à espera. Àquela hora a sombra do morro dos Cabritos amenizava o calor do pátio de obras. Nem quinze minutos haviam transcorrido, quando Domingos irrompeu galeria afora, aos tropeços, esbaforido, e deu de cara com Russo sentado no caixote.

Se o susto não o tivesse feito estacar, teria atropelado Russo. De pé, sem saber como agir, ficou olhando aquele homem de cabelos vermelhos que julgara estar escondido lá dentro. Russo, imóvel, acompanhava com os olhos cada movimento dele.

— O que você quer comigo? — Russo perguntou em voz baixa, sem emoção.

— Não sei quem é você — Domingos ainda estava ofegante.

— Claro que sabe. Você está me seguindo há dias. Mentiu para o vigia dizendo que era meu amigo. Como é que vem dizendo que não sabe quem eu sou?

A respiração de Domingos foi voltando ao normal, a tensão diminuindo. Depois de uma rápida avaliação das possibilidades do oponente, concluiu que ele não representava ameaça: era menor do que ele. Mais fraco do que ele. Estava sentado, enquanto ele estava de pé. Se fizesse algum movimento suspeito, não chegaria sequer a se levantar daquele caixote.

Mas Russo parecia sereno. Não se moveu, não mudou de

posição, não alterou o tom de voz. Domingos queria saber o que Russo tinha visto naquela noite, na praia; também queria saber o que acontecera entre ele e Berenice; e, ainda, como era possível ele estar ali, sentado naquele caixote, se o vira entrar na galeria. E mais: por que colocara aquele caixote ali e ficara esperando por ele? Olhou em volta. Ninguém. O portão continuava com as duas bandas abertas.

Domingos saiu andando em direção à rua.

Haviam se passado dois dias desde que Berenice estivera com Russo na caverna. Pouco tempo para absorver e processar o que experimentara naquela tarde com ele. Não fora uma aventura amorosa vivida com um colega de trabalho ou com alguém que conheceria no saguão do cinema, mas algo que se igualava a suas mais ousadas fantasias de adolescente. E agora... o que fazer com aquilo? Impossível repetir. Impossível esquecer. Contar para alguma amiga... Não tinha nenhuma amiga para quem contar uma experiência como aquela, e mesmo que tivesse ela não acreditaria. Conservar como um segredo era a única solução. No momento.

— Você hoje está quieta.

— Estava distraída.

— Às vezes falar é perigoso mesmo.

— Não tem perigo, o trânsito está tranquilo.

— Não estava pensando em acidente de trânsito.

Berenice olhou pelo retrovisor e não conseguiu saber se o passageiro estava sério ou sorrindo.

— No que o senhor estava pensando então?

— No acidente da fala.

— Da fala?

— É. Falar pode ser perigoso.

— O senhor então acredita que o silêncio é de ouro?

— O silêncio, não. O que é de ouro é a palavra.

Berenice voltou ao seu silêncio.

Nenhum dos dois falou durante o resto da corrida.

Berenice tinha a sensação de que, de alguma maneira, aquele passageiro fazia parte do conjunto de acontecimentos ligados à morte do travesti. Quando chegaram, ele pagou a corrida e pela primeira vez desceu do carro sem se despedir.

Ainda não eram nove da manhã, mas ela tinha a impressão de que já haviam se passado muitas horas. No entanto, exceto a conversa com o passageiro, nada acontecera de especial. Da conversa, resultara uma decisão. Depois do almoço procuraria Domingos. Se o papel dele na morte de Valéria não fosse esclarecido, todo o quadro ficaria congelado. Marcou um encontro com ele às duas da tarde no ponto de táxi. Poderiam conversar ali mesmo ou em qualquer outro lugar público. Não sabia que rumo a conversa podia tomar.

Quando Domingos chegou, havia vários carros parados no ponto e seus motoristas discutiam em voz alta na calçada. O carro de Berenice estava um pouco distanciado dos demais.

— Aconteceu alguma coisa com o Tiago?

— Com o Tiago? Não, por que?

— Porque você só me chama para conversar quando acontece alguma coisa de ruim com ele.

— O Tiago está bem. A conversa não é sobre ele.

— É sobre o quê, então?

— O que aconteceu aquela noite na praia?

— Qual noite? Do que você está falando?

Estavam os dois em pé ao lado do táxi estacionado. Domingos aumentou o tom de voz.

— Berenice, você ficou maluca? Pegou burrice daquele delinquente com quem está andando?

— Algum problema com o delinquente?

— Você me chamou aqui para falar dele?

— Você não gosta dele porque ele é delinquente ou porque ele é homem?

— Que merda é essa que você está falando? O que eu tenho a ver com isso?

— Se você não tem nada a ver com isso, não precisa se preocupar.

— Berenice, você perdeu o juízo?

— Não. E você? Perdeu?

— O juízo não, mas estou a ponto de perder a paciência. Melhor eu ir embora.

— Responde só uma pergunta. Você matou o travesti?

— O quê?

— Você matou o travesti?

— Aquele filho-da-puta disse isso? Quem te garante que não foi ele que matou o travesti?

— Ele.

— E você acredita no que diz um marginal, um vagabundo que vive de roubar turistas na avenida Atlântica? O seu senso moral desceu a esse nível? A pergunta que você está me fazendo devia ser feita a ele.

— Já fiz. Ele respondeu que estava lá por acaso.

— E você acreditou, porra?

— Acreditei, porra! E você ainda não respondeu a minha

pergunta: foi você que matou a Valéria?

— Não, mas vou matar o filho-da-puta desse sem-teto.

Domingos se virou para ir embora.

— Russo — disse Berenice, enquanto ele se afastava.

— Como?

— Russo. O nome dele é Russo. E você não vai fazer nenhuma besteira.

— Vamos ver.

Reação típica de quando era apanhado de surpresa. Domingos era sempre apanhado de surpresa, nunca estava preparado nem mesmo para o previsível. Perplexidade, pânico e violência, em sequência ou simultaneamente, e, dependendo das circunstâncias, fuga. Uma resposta simples e direta ou uma argumentação civilizada só aconteciam quando a questão não era importante para ele; e aquela era de extrema importância. Desde que começara a suspeitar de Domingos, o mundo de Berenice se transformara em algo estranho e ameaçador. A sensação dominante era de repulsa. Mais ainda, à aversão provocada pela lembrança da violência física sofrida no passado acrescentava-se agora um asco retroativo que atingia tudo o que estava ligado a ele. De Domingos, restara apenas o fato de ele ser pai de Tiago, e mesmo isso se tornara extremamente perturbador. Não conseguia admitir a ideia de que o pai de seu filho havia passeado pela praia na companhia de um travesti, para depois esfaqueá-lo e deixá-lo morrer na areia. Aquilo escapava à sua compreensão. Não sabia o que fazer. Não se sentia em condições de entrar no carro e ficar esperando passageiro. Nem de ir para casa e ter que mentir para a mãe sobre o que a fizera voltar àquela hora do dia. Sentia-se velha. Não pelos seus trinta e quatro anos, mas pela sinuosidade e ambiguidade do seu passado, como se de repente não tivesse mais um passado só, mas múltiplos passados que se misturavam e confundiam. Como se os acontecimentos recentes, ao revelar as múltiplas camadas de sua história pessoal, tivessem, no mesmo ato, lhe conferido a idade correspondente à soma de todas essas camadas.

Deixou o táxi estacionado no último lugar da fila, fez algumas recomendações aos colegas e ao dono do botequim, e saiu caminhando em direção à praia. No calçadão, procurou um banco

à sombra de uma árvore e ficou olhando o mar, indiferente ao movimento de carros nas duas pistas em frente. De frente para o mar, testemunha silenciosa da noite do crime, Berenice esperava que alguma coisa, uma resposta, caísse no lugar — como uma peça-chave de um quebra-cabeça.

O horário de almoço já tinha se encerrado, mas Russo conseguiu um prato na Casa de Acolhida. Não almoçou no refeitório, mas na cozinha, enquanto ouvia do copeiro o relato da onda de apreensão de menores nos últimos dias.

— Os homens saíram pela cidade recolhendo todos os moleques que encontravam na rua, nos bueiros, nas galerias, dormindo na areia da praia... Os que conseguiram escapar, fugiram para os abrigos. Estamos lotados. Um dos menores perguntou por você.

— Quem?

— O Dico, um menino de uns doze, treze anos.

— Dico. Pensei que ele estivesse com a mãe.

— Que nada. Volta e meia ele aparece, mas nunca fica mais que dois dias... Diz que fica triste aqui dentro.

— Ele está na casa?

— Se ainda não voltou para a rua...

Assim que Russo deixou a cozinha e atravessou o pátio rumo ao quarto de ferramentas onde guardava sua roupa, percebeu que estava sendo seguido. Nem precisou olhar para trás para saber quem era. Aquele moleque era assim: nunca aparecia, sempre se insinuava. Estratégia de sobrevivente. Estava abrindo o cadeado do quarto de ferramentas quando sentiu o toque no

braço.

— Dico! Pensei que desta vez você tinha ido atrás de sua mãe. Você sumiu...

— E eu pensei que tivessem pegado você.

— Quem?

— Àquele cara que estava te procurando.

— Ele já me encontrou.

— E aí?

— Nada. Você desistiu de ir para São Gonçalo?

— Fiquei sem dinheiro, não lembra?

— Lembro. Então pelo menos ganhou a namorada?

— Já perdi.

— Você vai encontrar outra. Ouviu alguma novidade aí pela rua?

— Não. Ninguém fala mais nada. Já tem um mês que aconteceu.

— E sobre o cara que estava atrás de mim?

— O que disseram é que ele bate nas pessoas.

— Quais pessoas?

— Qualquer uma. Que é estourado, e que quando ele estoura sai dando porrada... Já deu porrada em travesti, já deu porrada até em cafetão.

— E sobre o Careca?

— Também nada. Ninguém sabe quem matou o Careca.

— E você? Ainda está querendo ir para São Gonçalo?

— Não. Vou ficar por aqui mesmo. Nem sei se minha mãe

ainda mora lá. Ela pode ter ido para Niterói ou para o Espírito Santo. Ela é de lá.

— Você conhece aquele pátio de obras da prefeitura, na saída do túnel da Tonelero?

— Conheço.

— Tem um vigia que mora lá, dentro de um contêiner. Se você precisar falar comigo, deixa um recado com ele.

Russo entrou no quarto de ferramentas. Quando saiu, Dico não estava mais lá.

Nem a consulta ao mar, na véspera, nem a noite insone bastaram para fornecer a Berenice um indício do caminho a seguir. Lembrou-se do passageiro dizendo que não é o silêncio que é de ouro, mas a palavra. Não era tanto o que Domingos talvez tivesse feito que a ameaçava, mas a conversa que os dois ainda estavam por ter sobre o assunto.

Manhã de sábado. Berenice fazia a limpeza semanal no carro, em frente a sua casa, depois de ver Tiago sair com dois amigos, cada um com seu skate debaixo do braço, a caminho do parque do Flamengo. Por várias vezes durante os dois últimos dias pensara em procurar Russo. A aventura toda fora maravilhosa, principalmente seu desfecho, mas não estava disposta a repetir a façanha, mesmo com a perspectiva de que a cena final se repetisse. Não se atrevia a visitar a caverna particular de Russo sem a companhia dele. Quanto a Domingos, só a ideia de estar com ele a aterrorizava, mas sabia que um novo encontro seria necessário para esclarecer o que ficara obscuro, na verdade o que nem sequer chegara a ser adequadamente abordado no último encontro dos dois. Berenice sabia que os encontros com Domingos e com Russo encerravam riscos talvez em medida igual, dependendo de quem, estivesse mentindo.

Ocorreu-lhe uma solução absurda, mas que lhe daria mais segurança: um encontro a três. Claro que seria uma reunião tensa, talvez dramática, quem sabe até ela desencadeasse alguma violência, mas acreditava que sua presença impediria que qualquer dos dois homens ultrapassasse o limite do aceitável.

Antes do almoço, passou no canteiro de obras e deixou um recado para Russo. Em seguida, telefonou para Domingos e combinou um encontro. Voltou para casa e ficou esperando a

hora de ir ao encontro de Russo.

Berenice passou a tarde e a noite de sábado em conversas com Domingos e Russo, separadamente. Nenhum dos dois queria saber de encontro a três. Russo achava que seria fazer o jogo do inimigo; Domingos só dizia que ia encher o outro de porrada. Pelo menos foi assim que Berenice resumiu para si mesma o longo discurso de cada um contra a realização do encontro. No fim, acabaram concordando, depois de muita insistência de Berenice. Ela explicou a um e outro que não teria mais condições de conduzir sua vida com um mínimo de tranquilidade se não discutisse algumas questões com eles.

O encontro foi marcado para a tarde do dia seguinte, sob algumas condições. A primeira, feita por Russo, era de que a reunião tivesse lugar em sua "casa", na junção do túnel de entrada com a galeria. A segunda condição, imposta tanto por Russo como por Domingos, era de que só os três soubessem do encontro. Berenice exigiu que ninguém portasse arma de nenhuma espécie. Finalmente houve o compromisso de que nada do que eles dissessem deveria ultrapassar os limites daquela galeria subterrânea ou poderia ser usado contra um deles. Ficou combinado que os três chegariam às três da tarde, pelo portão da frente, a pé e desacompanhados.

Eram oito da noite quando Berenice foi para casa jantar, dormir e esperar pela tarde de domingo.

O domingo amanheceu cinzento, com um sol ralo aparecendo ocasionalmente entre as nuvens.

Melhor, pensou Domingos, assim não haveria a invasão bárbara dos fins de semana ensolarados, quando gangues suburbanas se apossavam das praias e delimitavam territórios. Não que isso o afetasse diretamente, havia anos que não ia à praia e talvez não fosse nunca mais, embora morasse a pouco mais de uma quadra da avenida Atlântica. O que o incomodava era a excessiva proximidade física com aquela horda — que era a sua, de origem — da qual queria manter distância. Com o dia nublado e a reduzida frequência à praia, poderia descer e tomar café no bar sem ser atingido logo cedo pelo cheiro de cerveja sobrepondo-se ao do seu café.

Dormira pouco e mal, na expectativa do encontro à tarde com Russo. Encontro promovido por Berenice. Se ela pensava que ia ser uma reunião de cúpula com chefes de Estado, estava enganada. Uma motorista de táxi, um jornalista desempregado e um merda de um sem-teto, isso não é reunião, é colisão. Mas serviria ao menos para acabar com a festa do Russo.

Russo saíra cedo do túnel, antes mesmo de o vigia ligar a luz. Queria pegar o café na Casa de Acolhida. Não só pelo café: queria encontrar Dico antes de ele se esgueirar pelo domingo de Copacabana. Queria lhe dar algumas instruções, para o caso de a reunião terminar mal. Mesmo com a presença de Berenice, não acreditava na possibilidade de um encontro com Domingos terminar de forma tranquila. Primeiro, porque ele era considerado

um sujeito explosivo e violento; segundo, porque fazia o tipo machão; terceiro, porque já fora casado com ela, e os dois tinham um filho. O filho era dele, por isso ela também era um pouco dele — o raciocínio típico do machão. No momento ela não era mais dele, mas em essência ainda lhe pertencia, se não pela lei terrena, certamente pela lei divina. O machão precisa de Deus para garantir sua macheza.

Berenice estava assustada com o que inventara. Não sabia se seria capaz de conter os ânimos de Domingos e de Russo caso a coisa esquentasse muito.

Eram três da tarde quando Berenice dobrou a esquina. Russo estava na calçada, do lado de fora do portão. Antes que ela atravessasse a rua para ir ao encontro dele, ouviu às suas costas a voz de Domingos chamando-a pelo nome. Atravessaram a rua juntos.

Russo abriu o portão para eles entrarem, depois encostou as duas bandas sem se preocupar em repor a corrente. Não havia homens nem máquinas no pátio, e o contêiner do vigia estava fechado. Os três cruzaram toda a área externa sem trocar palavra; o único barulho que se ouvia era o dos carros passando na rua, ao longe. Ali, só o som dos gonzos do portão de ferro ecoando na grande boca cavada na pedra.

O primeiro a entrar, como a fazer as honras, foi Russo. Depois que Domingos e Berenice passaram, ele fechou o portão, fixando suas bandas com um pedaço de vergalhão dobrado.

Os três desceram em fila indiana, iluminados pela luz precária das lâmpadas. O ponto onde o túnel se juntava à galeria formava um espaço amplo, semelhante ao de um ginásio coberto, de

modo que os três pequenos caixotes providenciados por Russo e posicionados a uma distância de dois metros um do outro, em triângulo, pareciam muito pequenos sob a abóbada de pedra.

Berenice falou primeiro.

— Nenhum de nós está aqui por querer. Embora eu é que tenha forçado este encontro, não me sinto muito à vontade. Mas acho que seria pior se as coisas continuassem como estavam. Não sei quanto a vocês, mas eu não posso continuar vivendo desse jeito, ouvindo coisas que não entendo e que ameaçam a mim e a minha família. Ou as coisas se esclarecem, ou...

Russo e Domingos sondavam um ao outro. Domingos lançava olhares rápidos para as galerias, e ambos davam a impressão de ano estar ouvindo o que Berenice dizia. Ela percebeu.

— Acho bom vocês se ligarem e pararem de tomar conta um do outro. A impressão que eu tenho é de que vocês dois estão desconfiados de que este encontro é uma armação contra o outro. Talvez seja o caso de Domingos examinar as galerias para ver se acha os inimigos e de Russo nos revistar para localizar os gravadores.

— Ridículo — disse Domingos.

— Também acho — respondeu Berenice. — Mas vocês dois estão inquietos e desconfiados. Se continuarem preocupados com cada movimento que o outro faz, não vamos chegar a nada.

— Não dá para ninguém se sentir à vontade dentro desta caverna — disse Domingos.

— Se está se sentindo ameaçado, o motivo é outro — falou Russo.

— Não vejo sentido neste encontro — disse Domingos, olhando para Berenice. — O que você está esperando? Uma confissão? Uma confissão de assassinato?

— Estou esperando que se esclareça uma coisa que é vital para mim. Quanto à confissão...

— Se é isso, pra que armar este encontro ridículo? Bastava conversar com cada um de nós — disse Domingos.

— Já tentei e não funcionou. Acho que só vamos chegar a alguma conclusão se conversarmos os três, frente a frente. Vamos esclarecer as coisas de uma vez. Quanto mais cedo a gente for embora, melhor. Combinamos que nada do que for dito aqui dentro passará daquele portão.

Depois de alguns segundos de silêncio, Russo perguntou:

— O que você quer saber?

— Quero saber o que aconteceu na praia de Copacabana na noite em que o travesti foi morto.

Domingos e Russo se entreolharam, depois olharam para Berenice. Russo falou:

— E você não podia perguntar isso a mim e a ele separadamente?

— Não. Eu precisava confrontar vocês dois, porque já perguntei e continuo sem saber o que aconteceu.

— E por que você acha que vamos nos sujeitar a isso? — perguntou Russo.

— Vocês sabiam perfeitamente o que a gente ia discutir e aceitaram o encontro.

— Mas se a gente não tiver nada a ver com aquela história, a conversa vai ser inútil; e se um de nós estiver envolvido, não vai confessar um crime só porque você inventou um encontro pra que tudo seja esclarecido.

— Só vou sair daqui depois de saber o que eu quero saber.

— Da minha parte, tudo bem. Não tenho nada pra esconder — disse Russo.

— Porra, pra quem vive escondido dentro de uma caverna, essa frase é uma pérola — disse Domingos.

— Só posso falar sobre o que eu vi — continuou Russo.

— E o que você viu naquela noite? — perguntou Berenice.

— Aí pela meia-noite eu estava andando na avenida Atlântica quando me deu vontade de mijar. Vi um casal descer para a areia. Percebi um movimento na boca da galeria de águas pluviais. Vi o homem que tinha descido para a areia com a mulher voltar sozinho. Um menino saiu correndo da galeria. Domingos começou a me seguir. Ele é o homem que eu vi descer para a areia com o travesti.

— Quero falar — interrompeu Domingos, com a voz ligeiramente alterada. — Só para não ficar de fora dessa brincadeira de vocês, vamos supor que era eu que estava com a Valéria. É só uma hipótese, vejam bem. Suponhamos que, depois de fazer a ronda pelas delegacias eu tivesse procurado um desses bares do calçadão para tomar um chope. A noite estava quente, o calçadão, movimentado, e eu teria tomado vários chopes, digamos que o suficiente para ficar um pouco alegre e sem nenhum sono nem vontade de ir para casa. Digamos que nesse momento vejo passar uma mulher bonita desacompanhada e ofereço a ela uma bebida. A mulher se senta ao meu lado, pede um chope e a gente começa a conversar. Ela fala que está um pouco rouca e que o chope está muito gelado, mas mesmo assim toma o copo todo e me convida para dar uma volta na areia. Fala que seria uma pena, numa noite como aquela, ir para um lugar fechado e abafado. Digamos que eu concordei, paguei a conta e que nós dois atravessamos as duas pistas da avenida Atlântica e andamos pela calçada procurando um ponto onde o paredão

fosse mais baixo para descer para a areia. Nessa altura eu já teria percebido que a mulher era uma garota de programa. Continuando: suponhamos que nós dois nos aproximamos do mar, abraçados, procurando um ponto afastado da calçada que não estivesse iluminado pelos refletores. Não é difícil adivinhar o que viria a seguir. Muito chope, muito calor, muita empolgação... Aí, de repente, o choque de ter sido enganado. No começo, digamos que me senti frustrado. Que em seguida fiquei pulo da vida. E aí, nessa hora, me sentindo um completo idiota, digamos que eu virei as costas e fui embora deixando a mulher sozinha.

Berenice e Russo fizeram menção de falar, mas foram contidos por um gesto de Domingos.

— Calma. A história pode não terminar necessariamente nesse ponto.

— Nosso amigo Russo, escondido junto ao paredão, vê tudo. Vê quando eu deixo a menina sozinha na areia da praia e resolve ir até lá consolar a coitada. Ela, assustada com aquele sujeito surgido do nada no meio da noite, com medo, tenta se esquivar. Russo não quer saber. Ela resiste. A tentativa vira luta. Nisso ele percebe que está lutando com um homem. Surge uma faca, que acabaria sendo enfiada na barriga do travesti. Russo volta para junto do paredão em busca da saída da galeria de águas pluviais, que ele conhece melhor do que ninguém. Quer fugir, não quer ser visto. Por azar, encontra dentro da galeria outro sem-teto, um menino de rua conhecido como Careca. Ao ver Russo com uma faca na mão, Careca foge correndo. Russo não tem escolha. Tem que achar Careca e acabar com ele. Careca é um menino pequeno e fraco. É fácil jogar o moleque dentro de um bueiro, depois de partir seu pescoço. Fim da história. É só uma história. Talvez pura invenção — como a que ele contou. Só que a minha história é mais plausível.

O silêncio que se seguiu à fala de Domingos, aliado ao cenário formado pelo encontro das galerias e a cor escura da pedra, adquiriu uma solenidade que não combinava com o tom gozador do relato de Domingos. Foi Domingos quem retomou a palavra, dirigindo-se a Berenice.

— E você? Também tem uma historinha para nos contar?

— Mais ou menos. Não gosto de brincadeiras, de historinhas. E tem mais. Eu não estava vagabundeando naquela porra de praia na noite em que o travesti foi morto. O que eu acho das historinhas contadas por vocês não interessa a mínima. O que me interessa saber é quando vocês vão parar de contar historinhas para contar o que aconteceu de verdade.

— Eu não contei historinha porra nenhuma — disse Russo — Contei o que de fato vi. Domingos é que inventou esse pedaço em que eu esfaqueio o travesti. Claro que inventou isso para salvar a pele.

— Podemos inventar várias outras histórias a partir do que você contou — disse Domingos. — Histórias parecidas com essa que eu contei, mas que não provariam coisa nenhuma.

É verdade — disse Berenice. — Mas estou convencida de que a verdadeira história está bem aí, na cabeça de vocês. E tem mais um detalhe para ser esclarecido: por que o assassino cobriu o corpo de Valéria com areia? Seria por consideração à vítima? Se foi isso, o assassino devia conhecer o travesti.

— Você não acha estranho? — perguntou Russo. — Ter consideração, gostar e... matar?

— Crime passional é assim. Mata-se por amor, mata-se por ódio... É tudo a mesma coisa. E isso não combina com as histórias de vocês. Pelo que vocês contam, nenhum dos dois conhecia Valéria.

— Eu sabia quem ela era — disse Russo. — Já tinha visto ela circulando por aí, mas nunca falei com ela.

— Sempre achei que esse era um crime passional — disse Berenice.

— Se você acha que foi um crime passional e se acha que um de nós dois matou Valéria, então você acredita que um de nós tinha um caso com ela — disse Russo, olhando firme para Berenice. — Acho que está na hora de falar claro.

Calma lá — protestou Berenice. — Se acho isso, não foi a partir do nada. Foi por causa do relato de vocês. Pensei no que vocês dois contaram e cheguei a essa conclusão. Não pensem que foi divertido, que foi como resolver um quebra-cabeça. Quando essa ideia me surgiu, foi como se um raio tivesse caído na minha cabeça. Não estou fazendo insinuações nem acusando ninguém por prazer... O que eu mais quero é que nenhum dos dois tenha a nada a ver com essa morte, mas vocês mesmos me levaram a pensar o que eu estou pensando. E, por tudo que já foi dito, estou achando que o homem que estava com Valéria era Domingos.

— Espera aí. Quem disse que era eu? Russo só falou que o homem era parecido comigo. Ou seja, esse homem que ele disse que viu de longe, à noite, num lugar sem iluminação, poderia ser eu porque tinha mais ou menos o mesmo físico. Mas milhares de outros homens poderiam corresponder à descrição que ele fez. Ele não pode afirmar com certeza que era eu. Ninguém com um mínimo de bom senso vai levar esse testemunho a sério. Nenhum advogado inteligente ia se apoiar num depoimento desses... Ainda mais vindo de quem vem.

Domingos passara da agitação à calma, como se de repente alguma coisa dentro dele tivesse se transformado. Sentado no caixote, cotovelos apoiados nos joelhos, mãos no queixo, parecia

pensar em outra coisa. E foi com voz serena que ele acrescentou:

— Uma vez você perguntou se eu não queria fazer uma reportagem investigativa sobre a morte do travesti. Chegou a sugerir que investigássemos o caso juntos. Na época, não entendi o porquê de tanto interesse. Muito bem. Desde que entramos aqui, estou tentando contar a minha reportagem. E estamos fazendo isso juntos, como você queria. Se quiser escutar... — disse, olhando para Berenice. — Não é uma história muito original, mas é interessante mesmo assim... e esclarece quem cobriu o corpo com areia. Vejam bem, não é uma reportagem verdadeira, mas uma reportagem fictícia aproveitando as narrativas anteriores em que sou o personagem principal. Vamos supor que eu já conhecia Valéria. Vamos supor que eu tivesse conhecido Valéria numa festa, no apartamento de uma amiga, onde não cabia nem a metade das pessoas que estavam lá. Imaginem essa festa: música ensurdecadora e luz estroboscópica. A pessoa que nos apresenta diz nossos nomes e se afasta para atender outros convidados. Imaginem nós dois, frente a frente, a um palmo de distância um do outro, eu inteiramente fascinado pela beleza, pela suavidade da mulher. Menos de meia hora depois a gente sai da festa e em quinze minutos estamos no apartamento dela. Nos momentos seguintes, aos poucos e com muito cuidado, Valéria me prepara para o que estava por vir, de tal modo que aquilo que seria um choque se transforma em constatação. Claro que eu fico absolutamente perplexo, chega mesmo a passar pela minha cabeça que aquilo era falso, uma brincadeira, sei lá. Mas o susto só dura alguns segundos. Porque eu já estava fascinado por ela. É aceitar ou não. Posso me levantar, fingir indignação, sair pela porta e nunca mais voltar. Também posso ficar e ver como vai ser. E eu não só fico, como gosto. E em nenhum momento, dali em diante, me preocupo com o fato de estar dormindo com um homem. Os momentos de

intimidade são vividos sem que a ambiguidade sexual de Valéria seja um problema. Isso dura poucos meses. Podia durar mais, se eu tivesse coragem. À coisa começa a mudar quando penso no que aconteceria se Tiago ou você descobrissem. A ideia passa a me perseguir dia e noite, e me atormenta, e eu decido parar de ver Valeria. Começa uma série de idas e vindas até eu acabar definitivamente com a relação. Vamos dizer que estamos separados há quase um mês quando nos encontramos no bar da avenida Atlântica. Não é um encontro casual, mas um encontro marcado. Ela havia dito que eu não precisava me preocupar, porque aquela seria mesmo a última vez. Que ela ia viajar para muito longe, por muito tempo, que talvez nunca mais voltasse. Eu não desconfio de nada, penso que é verdade, que ela conheceu algum estrangeiro e vai embora. Chego para o encontro antes da hora marcada e tomo alguns chopes, nada que me deixe tonto ou bêbado. Ela chega, linda como sempre, alegre, alegre demais, uma alegria que vai se transformando em ressentimento... em choro... Eu a levo para a praia. A noite está bonita... faz calor... e vamos abraçados até perto da água. Ela me pede um beijo de despedida. Eu concordo. Durante o abraço, sinto o corpo dela se contrair e amolecer de repente. Penso que ela está brincando, ao ver seu rosto contraído. Afasto o corpo e vejo que ela segura uma faca enfiada na barriga. Arranco a faca, mas em menos de um minuto ela está morta. Sem saber por quê, cubro o seu corpo com areia. Depois enrolo a faca no lenço para jogar fora na primeira oportunidade e me afasto dali antes que apareça alguém.

Berenice e Russo olhavam perplexos para Domingos.

— Suicídio?

— Por que não? História por história...

Russo se levantou e olhou para Berenice.

— Que piada é essa? Daqui a pouco vocês vão me dizer que Valéria não morreu e que o corpo dela nunca foi encontrado. E o Careca? Foi morto por quem?

— Por ele mesmo. Ninguém matou o moleque. Inteiramente intoxicado com cola de sapateiro, ele caiu no poço e quebrou o pescoço. O laudo do Instituto Médico-Legal é taxativo a esse respeito.

— O que nos garante que você não inventou toda essa história para disfarçar o fato de que foi você quem matou Valéria? Será que essa confissão de uma grande paixão homossexual não é o preço que você está preferindo pagar para dar credibilidade à sua história e se safar da suspeita de assassinato? — perguntou Berenice.

— Não estou afirmando que as coisas se passaram do jeito que eu contei. Como eu disse, é só uma hipótese fantasiosa ou, se você preferir, uma reportagem fictícia... — Domingos se levantou e fez um leve aceno de cabeça para Russo e Berenice — ... Não há garantia.



ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELO GRUPO DE CRIAÇÃO EM GARAMOND E IMPRESSA
PELA GEOGRÁFICA FM OFSETE SOBRE PAPEL ALTA ALVURA DA SUZANO BAHIA SUL
PARA A EDITORA SCHWARCZ EM NOVEMBRO DE 2005

Digitalização e revisão: **LAVRo**

Edição do ePub: **Ruriak**



RURIAK INK.
OPIUM CUM DIGNITATEM

Dezembro 2013

Exclusivo para compartilhamento gratuito na rede.

Se gostou da leitura, compre o livro original.
